

ANA C. CRUELA

# A DOMINADORA

A HISTÓRIA REAL DE UMA DOMINADORA PORTUGUESA

No mundo de Ana o amor tem regras  
O sexo tem leis  
E a paixão faz doer



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



# Ficha Técnica

Título original: A Dominadora  
Autor: Ana C. Cruela  
Edição de texto: Cristina Bernardo Silva  
Revisão: Rita Bertrand  
Design: subbus:DESIGNERS  
Capa: Maria Manuel Lacerda / © Lua de Papel  
ISBN: 9789892324463

LUA DE PAPEL

[Uma chancela do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Ana C. Cruela, 2013

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[luadepapel@leya.pt](mailto:luadepapel@leya.pt)

<http://editorialuadepapel.blogs.sapo.pt>

[www.leya.pt](http://www.leya.pt)

Todos os factos relatados neste livro são reais. No entanto, para proteger a privacidade das pessoas envolvidas, alterámos alguns nomes e locais onde decorre a ação.

# CAPÍTULO 1

## Submissa por amor

Devia ser meia-noite quando dei por mim sentada ao colo de Pedro, de costas apoiadas no peito dele, em cima da minha cama. Tirara-lhe o resto da roupa como se a minha vida dependesse disso e deixara cair as várias peças no chão do meu quarto, um pouco por todo o lado. Disse-me para começar a descer só quando me sentisse pronta, talvez por se aperceber de que aquela posição era nova para mim. Como eu hesitava, e para me descontraír, envolveu os meus seios com as mãos e elevou-os algumas vezes, como se fossem dois pesos. Deslizou depois até à cintura e apertou-a um pouco. Fiquei mais à vontade. Começava a gostar. Finalmente, e sem esperar que eu tomasse a iniciativa, entrou devagar e penetrou-me fundo, até tocar com as ancas nas minhas nádegas. Soltei um gemido de satisfação.

– Estás tão deliciosamente húmida – sussurrou, com os lábios colados à minha nuca, enquanto me moldava a cintura entre os dedos firmes, como que a ajeitar-me para o que se seguiria.

Começou então a guiar-me em movimentos de vai e vem, primeiro lentos, depois mais intensos. Esbocei um sorriso que ele não viu e inclinei o pescoço para o lado, numa tentativa de fugir ao arrepio que a sua boca, ainda encostada à minha nuca, me provocava. Mas Pedro enrolou o meu cabelo à volta da mão e puxou-me a cabeça para trás, num gesto brusco, impedindo-me de me desviar. Voltei à posição anterior com um grito de dor.

– Fica quieta, Ana. Quero o teu pescoço por perto.

Enquanto tentava abstrair-me do puxão e manter-me imóvel, como Pedro mandara, lembrei-me que o conhecera pessoalmente havia menos de três horas e que já o tinha dentro de mim. Pior, sem preservativo. Nos últimos dias, planeáramos tudo ao pormenor, mas escapara-nos a possibilidade de nos descontrolarmos, de acabarmos enfiados um no outro. Agora era tarde de mais. Mas para quê estragar o momento? Apesar do esticão doloroso, estava a adorar senti-lo duro dentro de mim. A excitação tolhia-me as forças e o bom senso. Não poderia parar mesmo que quisesse, pelo que tentei não me preocupar com irresponsabilidades capazes de transformar a vida num inferno.



Quando Pedro chegou a minha casa, três horas antes, eu ainda estava a arranjar-me. Começara a maquilhar-me e tinha a inquietante noção de que iria demorar-me. Definitivamente, o nosso primeiro encontro não começava bem. Tudo o que eu queria era estar perfeita para impressionar a pessoa com quem conversava na Internet há quase dois meses e sobre a qual não parava de pensar.

Pedro fazia-me rir, era inteligente, misterioso. As nossas conversas frequentes, geralmente por vídeo, tinham-me mostrado que era também muito atraente. A primeira vez que o vi, foi numa fotografia. E,

confesso, fiquei rendida. Pedro enviou-me essa imagem dois dias depois de termos trocado a primeira mensagem escrita. Abri o *e-mail* e desejei-o assim que a foto se expandiu no meu monitor. Lembro-me de cada detalhe: tinha o cabelo escuro, ligeiramente ondulado, a enquadrar um olhar azul e meigo, quase melancólico. Ao mesmo tempo, tão misterioso. O sorriso, posto de propósito para a foto, era estonteante e iluminava-lhe os olhos. A pele queimada pelo sol realçava-lhe o tronco nu, magro mas definido. Creio que estava sentado numa esplanada junto à praia porque podia ver o mar, ao longe, e um copo com sumo em cima de uma mesa, mesmo atrás, mas nunca lhe perguntei nada sobre isso.

O dia combinado para o nosso primeiro encontro, uma quinta-feira fria e chuvosa de novembro, tornara-se quase uma obsessão para mim. Queria que tudo fosse mágico e inesquecível. Numa palavra, perfeito. Na véspera, antes de me deitar, escolhi com todo o cuidado a roupa que usaria: um corpete sem alças, de renda e tule, cuecas iguais ao corpete e umas meias de liga, tudo preto; uma saia cinzenta, rodada e axadrezada, acima do joelho; uma camisola e um casaco de pelo, um pouco mais curto do que a saia, também pretos; uns sapatos de salto alto, da mesma cor, que comprara numa viagem recente a Amesterdão; finalmente, uma carteira cinzenta, acolchoada, com uma alça entrelaçada de pele e corrente dourada. Decidi também que prenderia o cabelo num rabo de cavalo puxado no cimo da cabeça e carregaria um pouco mais do que de costume na sombra escura dos olhos, mantendo os lábios discretos. “Muito adequado para uma ida a um bar, ao princípio da noite”, pensei na altura. O único detalhe no qual não pensei foi num comprimido que me acalmasse um pouco e me permitisse dormir o suficiente. No meio de tantos pormenores, escapara-me esse. Como o destino é irónico, o esquecimento iria custar-me caro. É que a ansiedade não perdoa. Não a mim.

Passei a noite às voltas na cama, a imaginar o meu encontro com Pedro, e acordei cansada, como nos meus melhores tempos de adolescente boémia. Levantei-me, vesti um robe e fui ver-me ao espelho da casa de banho. Tinha o rosto inchado e umas olheiras fundas, que prometiam dar luta. Não poderia dormir um pouco antes de ele chegar porque tinha de comprar os ingredientes para o jantar que ele escolhera: *strogonoff* com medalhões de lombo e batatas fritas em cubos. Quando penso nisso, vejo que me quis pôr à prova. E o facto de eu não desistir da ideia de o surpreender com uma das suas sobremesas favoritas, bolo de laranja caseiro, também não me facilitou a vida. A somar a tudo isto, duas aulas do meu mestrado de Engenharia Civil, ao fim do dia. A única maneira de disfarçar o cansaço e a má cara era mesmo investir na maquilhagem pelo tempo que fosse preciso.

Enquanto Pedro esperava e desesperava dentro do carro, estacionado perto da entrada do meu prédio, eu fazia o possível para me despachar, sempre a pensar que ele viera de Lisboa até Coimbra para me ver. Quase duzentos quilómetros por mim. Antes de dar uma última escovadela no rabo de cavalo e compor o casaco, enviei-lhe uma mensagem a dizer que ia descer, para o acalmar. Voltei a olhar-me ao espelho. Tendo em conta os contratemplos, até não estava mal. Talvez o café que tomara pouco antes de começar a arranjar-me tivesse dado uma ajuda. Coloquei algumas gotas de perfume nos pulsos e no pescoço, desliguei as luzes, fechei a porta e entrei no elevador.

A minha primeira experiência como submissa, ou a única que considero como tal, estava prestes a começar. Pedro foi a única pessoa com a qual abri uma exceção, indo contra as minhas preferências, claramente mais voltadas para a dominação. Antes de o conhecer, tinha tido um suposto dominador que se revelou uma fraude. Contra a minha vontade e como forma de entrar no meio BDSM (*bondage*, disciplina, dominação, submissão e sadomasoquismo). Depois desse mal-entendido, fiz dezenas de sessões como dominadora. Era nesse papel que me sentia bem, mas a paixão inesperada por uma pessoa que era também um dominador implicou que um de nós se sujeitasse. Fui eu. Fi-lo por amor. Sem cedências prévias, uma relação entre nós não era possível e os nossos caminhos teriam seguido separados. Mas eu queria ser qualquer coisa dele – submissa, dominadora, namorada, amante. O que

fosse. Nas semanas anteriores ao nosso encontro, em conversas intermináveis na Internet, definimos o que era esperado de cada um de nós, o que gostaríamos de experimentar, o que não faríamos por nada.

Reconheci-o mal saí do prédio. Não me desapontou. Corresponhia exatamente ao que a Internet me tinha mostrado. Era alto, magro mas bem constituído, olhos azuis melancólicos. Vestia calças escuras, não me recordo bem de que cor, uma camisola cinzenta e um casaco castanho de camurça. Nesta altura, já se encontrava em pé, encostado ao carro e com um ar zangado. Caminhei até ele com os olhos colados ao chão. Sentia-me embaraçada por tê-lo feito esperar mais de meia hora. Quis cumprimentá-lo, mas levei uma repreensão.

– Ficas a saber que detesto esperar. Se a pontualidade é um problema para ti, vais ter de trabalhar nisso.

– Não volta a acontecer. Recebi uma chamada importante do meu pai. Não tive como evitar.

Cravei de novo os olhos no chão, envergonhada. “Não perde tempo. Deve ser bom nisto”, pensei, com agrado.

– Da próxima vez, vou-me embora. Onde está o teu carro?

– Está ali, do outro lado da rua. É o Smart.

Atravessámos a rua e entrámos no carro, comigo ao volante. Antes de arrancar, percorri mentalmente o caminho desde a minha casa até ao Estádio Cidade de Coimbra, onde se situava o bar. Felizmente era curto. Talvez o ambiente ficasse menos tenso depois de lá chegarmos. Poucos metros depois de arrancarmos, começou a chover. Não me recordo de termos falado enquanto guiava. Ele estava amuado e eu não queria irritá-lo mais. Optei por me manter calada e concentrar-me apenas na condução. Estacionei muito perto da entrada do bar. Tinha parado de chover. Quando entrámos, Pedro mandou-me tirar o casaco, o que fiz de imediato. Fiquei com ele no braço durante alguns instantes, enquanto ele pensava no melhor local para nos sentarmos.

Era um espaço calmo, intimista, com uma decoração exótica a fazer lembrar o Oriente. As paredes, de um amarelo escuro, tinham quadros com elefantes, dragões e cobras, e havia uma cortina vermelho-cobre em cada janela. O chão era de madeira escura e a iluminação realçava pontualmente algumas peças de mobiliário, deixando vários recantos nas sombras. Quando escolhera aquele bar, dias antes, pensara que seria perfeito para uma conversa calma, envolvente. Pedro decidiu-se pela mesa mais afastada da entrada. Apreciei o desejo de privacidade mas lamentei a distância, pois os meus sapatos, de tão altos, começavam a magoar-me. Respirei fundo e, sem perder a pose, dirigi-me à cadeira que ele me indicou. Pousei o casaco num pequeno sofá que ficava mesmo por detrás, e sentámo-nos. Ele ficou a olhar para mim fixamente, talvez para me enervar, o que consegui sem esforço.

Disfarcei a minha agitação recorrendo a um truque de criança que consiste em beliscar-me nas mãos ou nas pernas, sem dar nas vistas, enquanto falo ou sorrio. É um tipo de dor que me acalma e liberta. Digamos que me ajuda a ultrapassar, de uma maneira quase elegante, alguns momentos embaraçosos. Aguntei assim a investida, sem nunca desviar o olhar, até que Pedro chamou uma empregada e pediu dois *irish coffees*. Não me sondou para saber o que eu queria. Por ainda ser cedo, havia pouca gente à nossa volta.

Enquanto esperávamos, continuou a olhar-me, sem esboçar a menor vontade de começar a falar. O silêncio, ao qual a minha timidez se tinha aliado, fazia o tempo arrastar-se, preguiçoso. Os minutos pareciam horas, mas eu não ousaria ser a primeira a falar. Estava demasiado constrangida e temia uma reação mais áspera. Embora quisesse parecer calma, tenho a certeza de que o meu olhar deixava transparecer uma espécie de súplica. Toda eu implorava, sem o dizer, que Pedro acabasse com aquele silêncio incómodo. Finalmente, e para meu grande alívio, perguntou-me como fora o meu dia. E aquela pergunta teve em mim o efeito de um abraço, devolvendo-me a esperança de uma noite bem passada.



Responder a algo tão simples iria com certeza desanuviar um pouco a tensão.

Contei-lhe como tinham corrido as aulas, o que estudava, que queria ser engenheira civil, tal como o meu pai. Tinha medo de parar e que Pedro se fixasse de novo em mim, como se conseguisse ver-me os pensamentos mais íntimos, despir-me com o olhar. Ouviu-me com atenção e até deixou escapar uma ou duas gargalhadas, embora contidas. Entretanto, os *irish coffees* chegaram. Preparava-me para lhe perguntar se a viagem até Coimbra tinha sido agradável quando me pôs a mão numa perna, sem pré-aviso. Estremeci. Voltara o peso da sedução silenciosa.

Apertou-me o joelho e foi subindo, devagar mas com vigor. Repetiu o movimento várias vezes. Sempre que recomeçava, eu ficava mais nervosa. E se alguém nos visse? Mas o bar continuava com pouca gente e a nossa mesa continuava muito afastada. Quis descontraí-me, para não dar muito nas vistas, e aproveitar um pouco. As minhas coxas e a minha cara escaldavam, num misto de vergonha e excitação. Começava a descontraí-me quando Pedro decidiu que já não tínhamos nada para fazer naquele lugar. Pagou, levantou-se e mandou-me levá-lo ao Miradouro de Santa Clara, que não visitava “há anos”.

Entrámos de novo no meu carro, sem trocar palavra. Liguei o rádio, mas ele desligou-o, sem conseguir afetar-me com aquela provocação. O silêncio incomodava-me cada vez menos. Estava a aprender a lidar com ele. Lá em cima pude constatar mais uma vez como o miradouro é mágico. Coimbra brilhava, as nuvens tinham desaparecido e o Mondego, cintilante e calmo, parecia adormecido aos pés da baixa da cidade. Por momentos, esqueci-me do frio, das dores nos pés, dos momentos de embaraço. E o gelo entre nós quebrou-se no encanto do lugar. Falámos sobre Lisboa e Coimbra, sobre os lugares de que mais gostávamos na cidade do outro. A conversa fluiu descontraída, sem contacto físico, ordens ou obediências. Naquele instante, éramos apenas duas pessoas que tentavam conhecer-se um pouco melhor.

– Gosto dos teus olhos, Ana. Agradas-me – afirmou, num tom quase afetuoso.

Sorri, vaidosa, e tive vontade de lhe dar a mão, de o abraçar ou beijar. Mas sabia que não poderia fazê-lo. Não me cabia a mim esse tipo de iniciativa. Não com ele. Mas tive a agradável sensação de que aquele homem frio, distante e controlador, sabia ser meigo. Tinha essa capacidade. Ainda estava a saborear o momento quando, numa mudança de tom repentina e despropositada, tal como sucedera no bar, Pedro começou a caminhar sozinho em direção ao carro, estacionado a duas dezenas de metros.

– Bem, chega de conversa. Leva-me para tua casa – atirou, num tom seco, sem sequer olhar para trás.

– Levo, sim – anuí, como me competia.

Após dois minutos nervosos a remexer na carteira para encontrar a chave do carro, pus-me ao volante a caminho de casa, com Pedro ao meu lado, já mudo por ter falado de mais. Creio que quis compensar, com mais indiferença, o momento de ternura no miradouro. Como quase todos os homens, e apesar dos seus 30 anos, conseguia ser muito infantil quando queria parecer duro. No elevador, atrevi-me a quebrar mais um silêncio incomodativo para lhe pedir que me deixasse tirar os sapatos. As dores na planta dos pés estavam a tornar-se insuportáveis. Recusou aceder ao meu pedido com um “Deves estar a brincar”. Fiquei triste e revoltada, mas obedeci calada. Era esse o meu papel. Abri a porta de casa e indiquei-lhe a sala. Sentou-se no sofá como se o apartamento fosse dele e disse-me para preparar o jantar, rapidamente e bem. Era esse o papel dele.

– Espero sinceramente que o teu jantar me agrade, Ana. Seria muito mau para ti se tivesse de jantar fora por não teres estado à altura – disse, num tom ameaçador, enquanto folheava uma revista que tirara de cima da mesa de apoio, ao lado do sofá.

Não fiquei preocupada. Pelo contrário, sabia que o *strogonoff* era uma oportunidade para brilhar. Não costumo atrapalhar-me com pratos mais elaborados. Não seria a cozinhar para Pedro que isso iria acontecer. Tirei o casaco, que pousei ao lado do dele numa cadeira na sala, e fui para a cozinha. Lavei

as mãos e depois escolhi os ingredientes, que retirei da despensa e do frigorífico. Descasquei um dente de alho, esmaguei-o com o cabo de uma faca e comecei a fritá-lo num fio de azeite, em lume brando. Peguei em dois pratos e talheres, que levei para a sala. Nesta altura já mal sentia os pés, de tão apertados e maltratados. Até àquela noite, usara os meus sapatos holandeses apenas uma vez, e por pouco tempo, num jantar em casa dos meus pais que não durou o suficiente para que revelassem toda a crueldade de que eram capazes. Sabia há vários dias que a noite seria de dor, mas nunca pensei que pudesse ser tão forte. Nem que seria eu própria a infligi-la involuntariamente. Apesar disso, mantive-me calçada. Pedro tinha sabido aproveitar da melhor maneira a minha falha.

Preparava-me para pôr a mesa quando Pedro se levantou do sofá. Continuei a estender a toalha, como se não tivesse notado. Deu alguns passos decididos na minha direção, tirou-me a toalha das mãos e puxou-me pelo braço. A seguir, mordeu-me o lábio inferior, enquanto envolvia com a palma da mão a parte de trás da minha cabeça. O meu corpo tremeu, inteiro. Nenhum de nós falou. Com o coração a bater como um tambor, fui de novo para a cozinha, mesmo a tempo de evitar que o alho se queimasse. Continuei a preparar o jantar e, enquanto o molho de natas fervia um pouco, fui à casa de banho colocar batom do cieiro, para os lábios não gretarem. Os pés começavam a doer-me de novo, mas não me atrevi a tirar os sapatos, nem sequer por um segundo, nem sequer na casa de banho. Terminei o jantar, que apetecia só pelo cheiro, e levei-o para a mesa da sala.

– Podes sentar-te e tirar os sapatos. Penso que estão a começar a apertar-te também as feições.

– Obrigada – disse, no meio de uma gargalhada nervosa. – Acho que já não ia aguentar muito mais tempo. Que péssima escolha, estes sapatos.

Pedro levantou um pouco a toalha, antes que eu tivesse tempo de os tirar, e percorreu com olhos gulosos as minhas pernas cruzadas. Das coxas aos tornozelos, para se fixar finalmente nos pés.

– Acredito que te magoam, mas foram uma boa escolha. Fazem as tuas pernas parecerem ainda mais fantásticas.

Corei um pouco e sorri. Era o segundo elogio da noite. Enchi os nossos copos com vinho e pus um pouco de carne no prato de Pedro, que quis poucas batatas. Servi-me a seguir, de quase nada. Estava demasiado ansiosa para ter fome, a pensar no que ele iria fazer-me depois de jantar. Pedro começou a comer. Não disse se estava a gostar do jantar, mas sorriu à primeira garfada. Enquanto falávamos de tudo e de nada, um pouco como sucedera nos melhores instantes no miradouro, pediu-me que o servisse de novo.

– É naquele portátil que costumas falar comigo, não é? – perguntou, com o nariz apontado ao canto da sala, onde estava o computador, em cima de uma pequena mesa, encostada à parede.

– É, sim. Sento-me no sofá e puxo a mesa para perto de mim. Que engraçado, temos falado tanto, mas agora que estamos juntos tenho a sensação de que não nos conhecíamos assim tão bem.

– Isso incomoda-te? – quis saber.

– Não, pelo contrário. Começo a gostar desta distância, desta frieza. Não sei bem porquê, mas gosto.

– Talvez seja por saberes que temos muito tempo para a quebrar – afirmou, com um sorriso malicioso e um piscar de olho.

– É possível. Posso ir buscar a sobremesa? – perguntei, imitando-lhe a expressão.

– Podes. Se estiver tão boa como o *strogonoff*, vai saber-me bem.

Estas palavras encheram-me de orgulho. O prato principal impressionara-o, como previsto, e a sobremesa parecia estar deliciosa, além de ser ideal para uma noite que parecia de inverno. Tinha ligado à minha mãe, logo pela manhã e apesar do cansaço, para lhe pedir a receita do bolo de laranja que ela fazia quando eu era pequena e que todos os meus amigos elogiavam. Julgo mesmo que fiz alguns, graças àquele bolo da minha mãe.



– Bolo de laranja? Muito bem, Ana. Vejo que não deixaste nada ao acaso.

Comeu com satisfação duas fatias finas. Acompanhei-o na primeira. Levantei-me para tirar os pratos da mesa e começar a arrumar a cozinha, mas ele impediu-me.

– Não agora. Vamos para o estúdio – sussurrou, com a boca colada ao meu ouvido, numa voz rouca e insinuante que me fez vibrar.

Mais uma vez, obedeci ansiosa e levei-o pela mão até ao estúdio, um quarto que fica mesmo ao lado meu, sobre o qual lhe falara inúmeras vezes nas nossas conversas virtuais, para lhe aguçar o apetite. Liguei a luz. À primeira vista, parece um quarto inofensivo, igual a tantos outros. Tem uma cama pequena em madeira clara, várias estantes nas paredes, um roupeiro com portas espelhadas que dão a ilusão de um espaço maior, e uma secretária branca, muito simples. Mas eu não lhe chamaria estúdio se fosse um quarto comum. Quem me conhece sabe disso. Já quem não me conhece ficaria espantado, para não dizer chocado, com o material que guardo dentro de gavetas, caixas e sacos, todos eles escondidos no roupeiro e num gavetão por baixo da cama.

– Tira a camisola, Ana – ordenou Pedro, mal entrámos.

Começava a experiência pela qual tanto ansiara e que, ao mesmo tempo, me deixava tão apreensiva. Gosto da submissão psicológica, mas quanto a sentir dor sempre tive muitas reservas. Ganhei coragem e recusei, por me parecer uma ordem precipitada.

– Não vou tirar a camisola. Não assim, sem mais nem menos.

– Queres medir forças, é isso? Estou a ver que tens muito a aprender. Mas estou cá para isso – ameaçou, com uma expressão tensa no rosto que lhe encolhia os lábios carnudos.

Tirou uma corda branca de uma caixa pequena que eu preparara ainda nessa manhã e colocara em cima da secretária, com os adereços necessários à sessão. Fê-la passar por cima de uma estante fixa dentro do roupeiro e amarrou-me os pulsos. Depois, cobriu-me os olhos com uma venda que tirou da mesma caixa. Senti-me vulnerável, mas confiava nele, não sei porquê. Levantou-me a camisola até ao pescoço e tirou-me o corpete. Sentia-me muito exposta e sabia que ele não ficaria por ali. Tinha pressa de ver o meu corpo nu. Senti-lhe a ânsia nas mãos trémulas. Tirou-me também a saia, as meias e as cuecas. A respiração dele tornava-se audível.

– Muito bem, Ana. Sem vestígios de pelos, tal como mandei que estivesses. Mas não penses que te escapas do castigo.

Tirou duas molas de madeira da caixa com o material e deu início à tortura. Tentei afastar-me da primeira mola, que ele tentava colocar-me num mamilo, mas sem êxito. As cordas nos pulsos tolhiam-me os movimentos e magoavam-me de cada vez que me mexia. Optei por ficar imóvel, com os dentes cerrados, até sentir o aperto forte da mola, que me provocou uma dor fina e a contração de todos os músculos. Fez o mesmo ao outro mamilo. O efeito foi semelhante. Sem retirar as molas, segurou-me depois na cintura e virou-me de frente para o roupeiro, com as pernas ligeiramente afastadas e as nádegas bem expostas.

– Vamos ver se te dás bem com o chicote – ironizou, antes de me infligir a primeira vergastada. Dei um salto e, ainda mal refeita da chicotada inaugural, levei a segunda. As minhas nádegas ardiam como fogo, mas o facto de ele me obrigar a contar cada chicotada em voz alta evitou que me concentrasse somente na dor, tornando-a mais suportável. Teria contado até dez, talvez mais, quando Pedro me virou a cabeça para trás, pelo queixo, encostou a cara dele à minha, e começou a fazer perguntas intimidatórias:

– Da próxima vez, obedeces à primeira, não é? Aprendeste que não estás aqui para resistires, mas para fazeres o que eu digo, não foi?

“Sim, senhor” era tudo o que eu conseguia balbuciar. Aquela forma brutal de ele me tratar, de me humilhar, satisfazia-me. Faria de boa vontade qualquer coisa que ele ordenasse. Pedro retirou as molas,

agarrou-me os seios com as mãos, massajou-os e apertou-os com força. Senti-os incharem de prazer. Depois, começou a explorar-me com uma mão no meio das pernas, de onde cada terminação nervosa enviava descargas de prazer.

– Agora vais despir-me as calças – disse, enquanto me desamarrava e me retirava a venda.

Tirei a minha camisola e atirei-a para o chão, ficando completamente nua. Só depois puxei Pedro pelo cinto e lhe despi as calças. Sem me conter, acariciei-lhe as pernas quase até aos testículos. Ele segurou-me pela mão e levou-me para o meu quarto. Sentámo-nos em cima da cama, lado a lado, pés no chão. A porta ficou entreaberta e só a luz distante da sala expunha o meu corpo sem roupa.

– Tens alguma coisa para me pedires? – perguntou.

Não me ocorreu nada. Fiquei nervosa. O que seria? Tentei concentrar-me, mas continuava sem fazer a menor ideia sobre o que é que ele estaria a falar. Tudo o que sabia era que, se não me lembrasse rapidamente, corria sérios riscos de sofrer mais castigos. Por isso, pensei mais um pouco. Finalmente, lembrei-me. Que alívio, só podia ser isso.

– Aceita-me como sua submissa, meu senhor?

– Aceito – respondeu-me ao ouvido, enquanto me acariciava o cabelo, que soltou, retirando o elástico.

Enfiou a língua na minha boca e obrigou-me a chupá-la até que me mandasse parar. Enquanto eu obedecia, ele tocava-me nos seios, nas coxas, nos ombros. Parecia perdido nos caminhos agitados do meu corpo. Afastou a boca da minha, pousou as mãos nas pernas e olhou-me fixamente.

– Decidi não te usar hoje para sexo. Estás desapontada?

– Não. Não tinha expectativas quanto a isso, meu senhor – respondi, a roer-me de frustração.

– De certeza? – insistiu Pedro, enquanto explorava com um dedo a entrada da poça de licor quente na qual a minha vagina se transformara. – Tira-me as *boxers* e senta-te ao meu colo, de costas para mim.

Era tudo o que eu queria ouvir. Cumpri prontamente a primeira parte da ordem, mas a segunda teve de esperar. Não podia subir para o colo dele sem antes explorar o seu sexo grande e excitado, que pulsava na minha mão como um segundo coração. Apalpei-lhe os testículos cheios. Reagiu com um gemido. Completamente fora de mim, e sem o menor cuidado, tirei-lhe a camisola, a camisa e a *t-shirt*. Só então montei nele, devia ser meia-noite. A nova posição já não me intimidava e não podia sentir-me mais feliz com a mudança de planos de Pedro. Estava a “usar-me para sexo”, como dizia.



– Fica quieta, Ana. Quero o teu pescoço por perto.

Afastei a ideia da falta de preservativo e voltei a nós, numa respiração acelerada, apesar do meu couro cabeludo – que continuava a arder, como se Pedro não tivesse parado de me puxar o cabelo. Ele colou de novo a boca ao meu pescoço e lambeu-o várias vezes, provocando-me uns calafrios irresistíveis que iam aliviando as dores do puxão. Sentia-me cada vez mais cheia do seu pénis, a deslizar para cima e para baixo, numa série de penetrações completas. Naquela posição parecia-me ainda maior, e eu estava a adorar cada entrada, cada saída. Sem pedir autorização, comecei a mexer-me mais, com as mãos apoiadas na cama, ao lado das coxas dele. Cavaleguei sem destino e devo tê-lo excitado muito, porque ficou imóvel.

– Para um pouco. Não me quero vir já – conseguiu murmurar, com a voz a escapar-lhe numa respiração ofegante.

Obedeci, a custo, e Pedro pôde reprimir o orgasmo iminente. Aproveitei para arrefecer durante alguns

segundos porque, embora o dia fosse de frio, a minha pele ardia num calor febril de prazer. Pouco depois, Pedro retomou os movimentos, enquanto envolvia a minha cintura e apreciava o ritmo das minhas nádegas encharcadas em suor e desejo. De repente, sem que nada o fizesse prever, começou a apertá-las com toda a força. Gritei e parei, ainda dorida do chicote e completamente surpreendida. Mas a minha vagina continuava a palpitar, sozinha. Como se tivesse uma vida própria. Senti então dois dedos acariciarem-me o clítoris, devagar.

– Se doi tanto, porque é que estás tão molhada?

“Boa pergunta”, pensei, sem ousar responder. Com o dedo médio, Pedro começou a rodar o meu clítoris inchado, num ritmo perfeito. Era um sinal de que podia deixar-me ir, desta vez até ao fim. Toda aquela atenção dele, concentrada apenas em mim, com a mão e o pénis enfiados ao mesmo tempo entre as minhas coxas ardentes, deixava-me louca de prazer. Os perfumes dos nossos fluidos, espalhados pelo quarto, atordoavam-me como vinho. Ou talvez fosse do meu sangue, que abandonara o resto do corpo, incluindo o cérebro, para se reunir lá em baixo e ferver. Não podia conter-me mais. Comecei a contrair-me em espasmos alucinantes, que acompanhei de gemidos sonoros, sem pensar nos vizinhos. Ele não tardou a juntar-se-me, num orgasmo intenso que não esquecerei. Ficámos imóveis durante alguns segundos e senti-o diminuir, ainda dentro de mim, enquanto me cobria as costas de beijos, numa espécie de agradecimento. Depois, levantou-me um pouco, com todo o cuidado, e deitou-me ao seu lado. Acariciou-me o rosto e sorriu, sem falar durante algum tempo. Eu fiz o mesmo.

– Quero que durmas abraçada a mim a noite toda – disse, por fim.

– Claro que sim. Meu senhor.

## CAPÍTULO 2

### Instrumentos de tortura

Aos doze anos, ir a mais uma exposição não me atraía nem um pouco. Pensava mais na inveja que sentia dos meus amigos que passavam as tardes de sábado na piscina, em parques de diversões ou centros comerciais. Adoraria fazer o mesmo. Divertir-me sem pensar em nada. No entanto, os meus pais preferiam programas mais culturais. E sábado à tarde significava sempre ver uma exposição, geralmente em Coimbra. Era quase uma inevitabilidade. Hoje, sei que aprendi muito. Na altura, sabia que me divertia pouco.

Mais uma vez, entrei contrariada no carro e nem a viagem de trinta quilómetros serviu para melhorar o meu humor. Já em Coimbra, ainda contrariada, almocei no restaurante do costume e, sempre contrariada, continuei até ao Pátio da Inquisição – o local da exposição. De manhã ouvira o meu pai falar em instrumentos de tortura, mas não tive vontade de saber mais. Só podia ser mais uma “seca”. Por isso, não fiz qualquer pergunta sobre o que iríamos ver. Fingiria algum interesse depois de lá estar, simplesmente para não decepcionar os meus pais. E somaria mais esta exposição a tantas outras que recordo apenas pelos longos momentos de aborrecimento.

Num cartaz, logo à entrada, o título não me cativou especialmente: “Instrumentos de Tortura e Pena Capital, Da Idade Média ao Século XX”. Teria voltado sozinha para o carro se tivesse escolha. Sempre podia ouvir música ou ler qualquer coisa enquanto esperava pelos meus pais. Mas, com aquela idade, eu decidia pouca coisa. E, no caso, ainda bem que assim era.

– Vá lá, Ana. Que cara é essa? Vais ver que vais gostar – tentava animar-me o meu pai, enquanto estendia a mão para segurar no troco dos bilhetes.

Sorri a custo e segui a minha mãe até entrarmos na primeira de várias salas. Demorei alguns minutos para perceber o que estava à frente dos meus olhos. Ouvira falar em tortura nas aulas, a propósito da Idade Média, mas muito de passagem. Talvez para não chocar demasiado os alunos. Associava-a a perseguições, injustiças, confissões, sofrimento, dor e morte. Mas estava longe de imaginar até onde podia ir a criatividade humana. E só aquele sábado de março me daria essa noção.

A maioria dos visitantes parava em frente aos muitos objetos com um ar solene. Mais do que tentarem manter o tom de voz baixo, as pessoas que estavam na exposição passeavam-se com respeito, como se estivessem numa igreja. Liam pequenos textos explicativos e viam ilustrações de como era usado cada um dos instrumentos no maior silêncio. Não percebi bem porquê, até ter o meu primeiro choque: uma cadeira de madeira cheia de picos de ferro, à minha direita. Era uma cadeira imponente e fez-me lembrar as que eletrocutavam os condenados à morte, como vira acontecer num filme americano. Os picos de ferro eram às centenas e estavam por todo o lado: no assento, no encosto, nos braços e até num suporte para os pés. Um verdadeiro tapete de espinhos metálicos. Aproximei-me da parede para ler um pequeno texto onde se explicava que as vítimas eram sentadas e amarradas, completamente nuas, enquanto as pontas afiadas entravam na carne. Senti arrepios por todo o corpo.

Mas havia mais: existiram versões da “cadeira inquisitorial” – assim se chamava – em que o assento era de ferro e podia ser aquecido até ficar em brasa, para aumentar o sofrimento. Engoli em seco e lembrei-me dos homens e mulheres das gravuras que ilustravam o meu livro de História. Eram as vítimas da fome ou da peste negra de que a professora falava nas aulas, quando o assunto era a época medieval. Eram as únicas referências com um rosto que eu tinha daqueles tempos. A minha imaginação trouxe-as das páginas remexidas do meu livro para aquela sala moderna e bem iluminada. Sentou-as na cadeira. Depois, imobilizou-as com correntes, à volta das pernas e do peito. E vi-lhes, nas caras escanzeladas, uma agonia ainda maior do que a que estava estampada nos manuais escolares. Os picos cravados na pele engelhada, na carne sumida pela fome ou pela doença, faziam-nas gritar de dor, com forças que julgavam já não ter. Durante alguns segundos, fechei os olhos para as ver melhor. E sorri.

A exposição prometia. Despertara o meu interesse como nenhuma outra antes. Dei dois passos até junto do meu pai, que estava praticamente de cócoras, a analisar o assento da cadeira.

– Sabes, Ana, muitos destes instrumentos provocavam mortes lentas. As pessoas sofriam durante horas e, às vezes, mais de um dia. Os picos desta cadeira não entravam em nenhum órgão importante e até estancavam o sangue, o que fazia com que as vítimas só morressem depois de muito tempo.

Eu bebia cada palavra. Talvez o meu pai soubesse tantas coisas por ser engenheiro e gostar de máquinas. Talvez explicasse tudo tão bem por ser também professor. Ou, quem sabe, tinha aprendido muito sobre torturas na Guiné, quando estivera na Guerra Colonial. Teria assistido a algumas? Não ousei perguntar-lhe. Não ousei saber. Ele era a pessoa perfeita para me explicar tudo o que eu queria. Só isso interessava. Não me separaria dele até ao final da exposição. Quanto à minha mãe, não parava muito tempo a admirar fosse o que fosse. Limitava-se a olhar alguns segundos para os instrumentos e a ler o texto explicativo.

– É um despertador – disse o meu pai, parado em frente a um cavalete de madeira com uma pirâmide na parte de cima.

Lembrei-me do meu despertador de casa. Na tortura que me infligia quando as sete horas soavam. Na vontade de o torturar sempre que tocava. Pensei que um despertador numa exposição sobre tortura fazia todo o sentido, embora aquele me parecesse demasiado grande para estar ao lado de uma cama, mesmo numa época em que tudo era muito rudimentar. Estava curiosa, mas tinha doze anos. Como fariam as pessoas, na Idade Média, para não dormir de mais? Aproximei-me para ler a descrição afixada na parede, do lado direito, e o meu espanto não podia ser maior. Não se tratava, afinal, de um despertador como o que me acordava todos os dias da semana, para que não perdesse as primeiras aulas. Era um objeto bem mais cruel, por cima do qual se colocavam as vítimas, suspensas com cordas ou correntes. A zona genital era, então, enfiada na ponta. Dormir naquela posição revelava-se impossível, uma vez que o peso de um corpo adormecido implicava uma maior pressão, provocando dores insuportáveis. Daí o nome.

O despertador foi, na altura, considerado uma invenção muito humana, porque não queimava carne nem partia ossos. Um verdadeiro progresso civilizacional. Até que alguém se lembrou de puxar as vítimas um pouco mais para cima e deixá-las cair do alto, com todo o seu peso, em cima do vértice pontiagudo. De tal forma que o ânus, os testículos ou a vagina – conforme o género –, ficavam completamente esmagados. Marcou-me particularmente, creio que por estar associado com a zona genital. Numa idade em que tudo o que tem a ver com sexo suscita interesse, era impossível ignorá-lo. Mais do que isso. Acredito que influenciou as minhas preferências atuais – a tortura dos genitais masculinos – enquanto praticante de BDSM. Talvez isso explique também a minha atração pelos cintos de castidade da exposição, muito diferentes dos que utilizo nos homens que domino hoje em dia, mas igualmente frustrantes e humilhantes.



Prazer. O que eu sentia naquela exposição, ao ver o material e ao pensar no sofrimento de quem estava à mercê dos carrascos mais violentos, era prazer. Uma satisfação inconfessável. Ao mesmo tempo, não podia deixar de sentir empatia para com aqueles homens e aquelas mulheres. As suas dores doíam-me. Sofria por eles. E os meus doze anos não chegavam para entender tantos sentimentos estranhos e confusos. Por isso, não tentei compreender. Limitei-me a sentir. Era o melhor a fazer.

A partir dos dez anos, sempre que achava que um rapaz era especial, fantasiava com a possibilidade de usar cordas ou elásticos para o amarrar a uma cama, obrigando-o a implorar-me que o libertasse. Não concretizava essa fantasia, talvez porque a generalidade das crianças que conhecia despertava para os prazeres do corpo a brincar aos médicos. Mas o que me atraía era pensar como seria bom imobilizar alguém. Durante algum tempo, as cordas da minha imaginação paralisavam Rui, o vizinho da casa em frente. Depois de o deixar bem amarrado à minha cama, arrasava-o com palavras, humilhava-o com silêncios. Era uma mulher cruel e poderosa, que dominava rapazes indefesos e quebrava os mais resistentes como ninguém. Ficava em pé, ao lado da cama, a ameaçá-lo com um chicote e a desfrutar da sua aflição, até que as súplicas para que lhe retirasse as amarras surgissem, misturadas com orações. O facto de ele depender da minha boa vontade para se libertar satisfazia-me, e a minha fantasia não passava disso: amarrá-lo para o ouvir implorar que o libertasse. Não era algo sexual. Era demasiado nova para isso e demasiado inexperiente para entender todas as possibilidades. O que me fascinava era o poder, o simples facto de ser responsável pela dor e, em simultâneo, pelo fim dela.

Tudo o que eu sabia vinha sobretudo de filmes que abordavam a escravatura e de algumas séries sobre a vida de Jesus, que via em casa, com os meus pais, na altura da Páscoa ou do Natal. Lembro-me em especial do telefilme *José do Egito*, que passou na televisão quando eu tinha treze anos. Teve em mim um tal efeito que ainda agora o revejo com frequência, se calhar à procura do que senti da primeira vez e que nunca mais senti da mesma forma. A intensidade única da primeira vez é tão inevitável como a necessidade que temos de a procurar durante toda a vida. Mesmo sabendo que não voltaremos a encontrá-la.

José tinha sonhos fantásticos sobre o seu próprio futuro, interpretava sonhos alheios e era o filho preferido do seu pai, Jacob. Tudo isto provocava a ira e a inveja dos seus irmãos, que o venderam como escravo quando tinha dezassete anos. Foi comprado por Potifar – interpretado por Ben Kingsley, um dos meus atores favoritos –, comandante da guarda pessoal do faraó, que o tratou muito bem. Mas a mulher de Potifar, Sati, apaixonou-se pelo escravo moreno, atraente e musculado, e o assédio começou, aos poucos, até que se transformou numa obsessão. Apesar de ela ser muito bonita e sensual, José rejeitava-a a cada investida. Sati não se conformou e decidiu vingar-se, acusando-o de a violentar. O jovem hebreu foi então parar à prisão e escapou por pouco a uma condenação à morte. Todas as injustiças de que foi vítima, assim como o facto de resistir, apesar do dever de submissão, mexiam comigo de uma forma estranha. Se, por um lado, sentia pena dele, por outro queria estar lá e ser eu a obrigá-lo a ceder. E a verdade é que o fazia muitas vezes. De noite, antes de adormecer, na minha cabeça de criança.

No ano seguinte, vi a telenovela *Xica da Silva*, onde a dominação e a submissão também estavam presentes, graças ao tema da escravatura. Algumas cenas mais fortes levavam semanas a abandonar os meus pensamentos. Ficavam latentes durante o dia, para se transformarem em fantasias à noite, enquanto esperava que o sono chegasse.

Foi nessa telenovela que vi, pela primeira vez, alguém fazer marcas com ferros. Eram tatuagens com brasas, gravadas numa escrava. O terror nos seus olhos é algo que não esqueço porque me afetou e excitou muito. Talvez sexualmente, até. Os meus pais não gostavam que eu visse uma telenovela carregada de erotismo e violência, mas não podiam ignorar o meu interesse, a minha curiosidade. Como sabiam que faria qualquer coisa para não ser privada desse momento alto do dia, aproveitavam para me



fazerem estudar mais e ter boas notas, em troca da permissão. Nunca estudei com tanto afinho e prazer.

– Sabes que todos estes objetos foram mesmo usados para torturar e matar pessoas? Não são cópias – disse-me o meu pai, ele próprio impressionado com a explicação que acabara de me dar, numa sala recheada de máquinas de provocar dor.

Não consegui responder. Acenei com a cabeça, num sinal de que entendera o que ele acabara de me dizer, enquanto aqueles instrumentos, espalhados ao longo de várias salas pequenas, num percurso que era suposto os visitantes seguirem à risca, ganhavam outra dimensão. O cheiro frio do metal e morno da madeira – presentes na maioria dos objetos – intensificou-se. Uma espécie de sabor a sangue tomou conta da minha boca. Não eram réplicas. Eram originais. Pensar que foram mesmo utilizados em seres humanos era ainda mais perturbador. Homens e mulheres como os que estavam naquela exposição, incluindo os meus próprios pais, tinham sido queimados, esmagados, furados, esfolados e mutilados por aqueles instrumentos. Sem ninguém ver, toquei na armação em madeira de uma guilhotina. Era como tocar num pouco de sofrimento. Estava de novo a viajar.

– Vamos, Ana. Ainda há muito para ver.

O susto fez-me dar um pequeno salto. Lia-se por todo o lado que era proibido tocar nos instrumentos. Felizmente era apenas o meu pai a chamar-me. Passámos por grilhões e correntes pendurados nas paredes, imagens de carrascos cobertos de negro, máscaras de ferro usadas para humilhar hereges e mulheres rebeldes. Até que um novo objeto me fez parar.

– Pai, o que é aquilo? – perguntei, apontando para um sarcófago de cerca de dois metros de altura, com cara de mulher e duas pequenas portas abertas.

– Chama-se Virgem de Nuremberga, ou Dama de Ferro. Lá dentro, tem pontas afiadas. Em ferro, claro. Vai ver mais de perto.

Aproximei-me. Os picos eram enormes. Muito maiores do que os da cadeira. Lá dentro, cabia um homem forte. A explicação na parede dizia que, quando as portas se fechavam, as pontas perfuravam várias partes do corpo, mas nunca os órgãos vitais. E que, de vez em quando, as portas eram abertas apenas para serem novamente fechadas e penetrarem nas mesmas feridas, infligindo uma longa agonia à vítima. Ao sofrimento causado pelas chagas, juntava-se o desconforto de permanecer de pé durante o tempo todo, muitas vezes até à morte. No pequeno texto, não li nada sobre a sensação de claustrofobia que a Virgem provocava, mas para mim era óbvio que a tortura também passava por aí. Enchi os pulmões de ar e comecei a fantasiar com um sarcófago sem picos, onde poderia prender rapazes sem ter de lhes ver o sangue. Queria apenas olhar-lhes nos olhos suplicantes, deixá-los vulneráveis. Nada mais.

Caminhei atrás do meu pai até ver três tranças expostas numa parede.

– Pai, cortavam o cabelo às mulheres? Para quê?

– Sim, Ana. Mas estas tranças são de palha. Depois de cortarem o cabelo a uma mulher que engravidasse sem estar casada, por exemplo, punham-lhe uma trança de palha na cabeça e obrigavam-na a ficar em frente a uma igreja, para que toda a gente soubesse o que ela tinha feito.

Mais uma informação que mexeu comigo. Mulheres exibidas na praça pública. Humilhadas. Assim como as mulheres que a Inquisição considerava bruxas. Implacavelmente perseguidas, acusadas, despidas e forçadas a gatinhar para dentro de uma gaiola, diante dos olhares lascivos da multidão. Suspensas como animais numa jaula, em postes de vias públicas, para que todos as pudessem ver e criticar. Atirar-lhes pedras, até. E tudo isto durante dias, até morrerem de fome, sede, calor ou frio. De vergonha. Estremeci por dentro, num prazer mórbido misturado com uma vontade incompreensível de ser uma delas.

Dirigimo-nos para a saída, onde a minha mãe esperava por nós havia já algum tempo. A exposição chegara ao fim, mas viria comigo para casa. Ficaria na minha memória para sempre. E despertara em

mim o desejo de saber mais sobre tortura. Tanto que, nos anos seguintes, me dediquei a pesquisar sobre o assunto. Foi assim que descobri o mundo do BDSM, que hoje faz parte da vida. Que é a minha vida. Que me deu uma autoestima que nunca tive.

No carro, a caminho de casa, os meus pais fizeram uma espécie de jogo comigo, como era costume depois de cada exposição, e que consistia em fazerem-me perguntas sobre o que tínhamos visto. Na maior parte dos casos, e embora a intenção deles fosse a melhor, era como prolongar o aborrecimento e o meu sofrimento durante mais meia hora. Eu respondia o melhor que conseguia para mostrar que estivera atenta, mas as inevitáveis respostas erradas, que eram muitas, diziam tudo. Naquele dia, não falhei nenhuma.

A minha mãe sorria de satisfação. E eu queria muito que ela se orgulhasse de mim.

## CAPÍTULO 3

### Preso no meu corpo

A minha mãe começou cedo a preocupar-se com o tamanho e a aparência do meu corpo. Lembro-me de a ouvir dizer que nunca pensara ter uma filha gorda. Tinha apenas seis anos quando o disse pela primeira vez. E aquelas palavras devem ter-se cravado na minha memória porque, às vezes, ainda as ouço. Hoje, compreendo a preocupação da minha mãe que, por ser enfermeira, sabia bem do que a obesidade é capaz, como nos tolhe o futuro. Mas eu tinha apenas seis anos. Não via mal em comer mais do que as outras crianças. Não entendia que a proibição de me empanturrar com doces nascia de uma preocupação e era bem intencionada. Sentia-a antes como um castigo. E pensava que as reprimendas e os olhares fulminantes, de cada vez que me preparava para repetir o prato ou comer uma sobremesa, só podiam vir de alguém sem sentimentos. Talvez a minha mãe não gostasse muito de mim. Talvez a minha mãe fosse má.

Nas refeições em casa, raramente havia sobremesas. Tinham sido banidas. Foi a melhor forma que a minha mãe encontrou de acabar com os meus quilos a mais e com a necessidade de me chamar constantemente à atenção. A melhor forma de manter a saúde e a paz no lar.

Quando comecei a ir à escola, o problema também não se punha. A minha mãe preparava um pequeno-almoço equilibrado em casa e, para o lanche da manhã, colocava na minha mochila um pão com pouca manteiga e um sumo de fruta. Nada de *bollycaos* ou *donuts*, que faziam as delícias de tantas crianças e as deixavam com as bocas cheias de chocolate ou açúcar, provocando em mim um efeito semelhante à campainha nos cães de Pavlov. Para a minha mãe, a minha vontade de comer seria satisfeita na monotonia de um pão com manteiga e eu resistiria heroicamente a todas as tentações. Até uma professora lhe contar que me via muitas vezes no recreio a oferecer amizade às crianças que partilhassem os seus bolos comigo.

– Queres ser minha amiguinha? Dás-me um pouco do teu bolo? – perguntava eu.

E éramos mesmo as melhores amigas do mundo, mas só até eu engolir o último pedaço. Depois, ia procurar outra criança disposta a trocar comida por amizade.

Fora da escola, era na rua que passava muito do meu tempo, a brincar com os meus vizinhos, às escondidas ou à macaca. Também andávamos de bicicleta. A meio da tarde, a minha mãe ia à janela e chamava por mim. Apenas uma vez, ao contrário das outras mães que, depois de muito chamarem, já quase gritavam e tinham de ameaçar os filhos com um castigo se não parassem imediatamente de brincar porque o lanche estava pronto. Eu comia à pressa uma sandes com fiambre e um iogurte. Depois, voltava para a rua, onde tinham ficado os que não tinham grande apetite nem temiam castigos.

Mas brincar dá fome e calor, o que torna a brincadeira pouco agradável. E depressa encontrei uma maneira de acabar com os dois: pedir dinheiro para comprar gelados a quem passasse na rua.

– Não brinco mais! – anunciava aos meus amigos quando o desejo de açúcar já não era tolerável.

Afastava-me um pouco para usar sem vergonha a graça própria dos meus sete anos. E usava-a com

todos os adultos que encontrasse. Novos, mais velhos, conhecidos, perfeitos estranhos.

– Por favor, dê-me umas moedinhas para comprar um gelado!

Não me recordo de alguém ter recusado contribuir para o meu segundo lanche da tarde. Mas lembro-me de o meu pai dizer que não era admissível, e que até podia ser perigoso, no dia em que um amigo dele me viu pedir dinheiro e entrar no café mais próximo.

O maior drama, contudo, surgia nos dias de festa: aniversários, casamentos, batizados. O que fosse, desde que houvesse doces. No minuto em que recebia o convite, sentia-me a salivar. Não queria saber dos amigos que veria, das brincadeiras que faria, das danças que dançaria. Pensava apenas nos bolos, nas mousses, nas tartes. Imaginava uma mesa cheia de tudo o que mais gostava e a minha mãe mais abominava. E a minha lógica era simples: como não existia nada daquilo em casa, e não era todos os dias que havia uma festa, tinha de aproveitar ao máximo. Comer até não poder mais. Até enjoar. Sem demoras.

Era em direção às guloseimas que me dirigia como uma flecha mal passava a porta da entrada. Para só sair de lá no final, em direção à casa de banho da minha casa, onde passava o resto do dia a vomitar por ter comido de mais. Acontecia sempre que havia uma festa e era uma tarde de tristeza e desilusão para a minha mãe.

Até aos cinco anos, os meus pais aliciavam-me com sobremesas para me fazerem comer o resto da refeição. “Se comeres tudo, podes comer uma fatia de bolo” era uma frase que ouvia muitas vezes, tanto em casa como em restaurantes. Mas quando o meu corpo começou a transformar-se, diziam-me para ter calma. Que não era preciso comer tudo para ter direito a um doce no final. E, quando já não era possível falar da sobremesa como uma contrapartida do prato principal, porque nem os dois juntos me satisfaziam, as sobremesas simplesmente desapareceram de casa. Comia-as apenas nos restaurantes, em dias especiais.

Vestir-me era outro problema. Sempre que precisava de roupas novas, as idas às compras eram como visitar o inferno. Eu e a minha mãe chegávamos a entrar na loja entusiasmadas, mas os vestidos e saias cor de rosa de que ela tanto gostava raramente me serviam. Depois de passarmos horas a tentar experimentar roupas que se recusavam teimosamente a entrar, acabávamos na secção para rapaz, de onde saíamos com alguns pares de calças de cintura subida. Castanhas, cinzentas, azuis. E ficávamos as duas tristes. Ela, por eu ser gorda; eu, por não ser como ela queria.

Hoje compreendo as razões da minha mãe, mas temo que toda aquela pressão para evitar que comesse demasiado me tenha transformado numa criança obcecada por comida – uma obsessão que se manteve quando deixei de ser criança. No início da adolescência, usava a minha semanada para comprar bolos, batatas fritas, gomas, chocolates. Tudo o que não havia em casa. Escondia os alimentos proibidos na mochila ou debaixo da cama e devorava-os durante a noite, no recato do meu quarto, mesmo sem fome. Depois, adormecia num sono profundo, como só quem está muito satisfeito com a vida consegue fazer. De manhã, já na rua, tirava da mochila os pacotes vazios e deitava-os no primeiro caixote do lixo que encontrasse, criando espaço para um novo carregamento, que teria exatamente o mesmo destino. A comida era a minha droga. Mas, ao contrário da maioria das drogas, não fazia emagrecer.

O meu corpo aumentava e os meus problemas também. Um deles era sentir que havia quem tivesse vergonha de mim, como sucedeu com uma amiga de Cascais que conheci numa viagem a Londres, de intercâmbio de estudantes. Tínhamos as duas treze anos e, durante as quatro semanas que passámos em Inglaterra, fomos inseparáveis. Gostei tanto de Catarina que, mal voltei de Londres, pedi aos meus pais que me deixassem convidá-la para um fim de semana em nossa casa. Ela aceitou com entusiasmo.

Mostrei-lhe a minha cidade, a minha família, os meus amigos, a minha vida. Rimos e brincámos muito. Era óbvio que a empatia de Inglaterra se mantinha em Portugal. Continuei a convidá-la, sempre que era

possível, principalmente nas férias. Catarina esteve em minha casa quase uma dezena de vezes. Estranhamente, retribuiu todos os meus convites com apenas um. Estive na sua casa, em Cascais, uma única vez. Mas isso não era importante. Tudo o que queria era estar com ela.

No dia em que Catarina me convidou, a minha felicidade não podia ser maior. Iria finalmente ver de perto como vivia a minha melhor amiga, como era o seu quarto, a irmã de que tanto falava, o cãozinho, os muitos amigos que dizia ter. Estava em Cascais há dois dias e tinha adorado cada momento que passáramos juntas. Naquela visita que mais parecia um sonho, não me sentira triste ou aborrecida nem por um segundo. E foi a voltar para a sala com um sorriso no rosto, depois de ter ido ao quarto dela buscar um livro, que ouvi uma das conversas mais dolorosas da minha vida.

– Nunca levas a Ana para sair com os teus amigos. Está sempre enfiada em casa – notou a sua irmã, Clara.

Eu ainda não tinha entrado na sala e esperei perto da porta, sem fazer barulho. Quis ouvir a resposta que a minha ingenuidade não me deixou antecipar e levei com aquele soco no estômago sem estar minimamente preparada.

– Tens razão – respondeu Catarina – Tenho vergonha de a apresentar aos meus amigos, sabes? Ela é tão gorda. Acho que iam rir-se e gozar comigo.

Enquanto ela pronunciava a palavra “vergonha”, os meus olhos enchiam-se de lágrimas, a minha língua secava, os meus ouvidos zumbiam. Tive tonturas. Num esforço para não tropeçar nem soluçar muito alto, voltei para o quarto, onde consegui recompor-me. Fingiria que não tinha ouvido nada.

Já mais calma, limpei as lágrimas com as mãos e concentrei-me, para rever o filme daquele fim de semana: uma ida à praia e outra ao centro comercial, dois lanches num café frequentado principalmente por adultos e crianças pequenas. Não podia queixar-me das saídas, que tinham sido maravilhosas. Estar com Catarina era suficiente para mim. Mas Clara tinha razão: não conhecera um único amigo dela. A palavra “vergonha”, saída da boca de uma das pessoas de quem mais gostava, ressoava como um tambor na minha cabeça. Chegava a doer. Cerrei os dentes e voltei para a sala, com o livro na mão. Durante as poucas horas que restavam para o regresso a casa, tentei não a confrontar. Conversámos como se estivesse tudo bem, mas não pude sorrir-lhe uma única vez. Assim como não pude voltar a vê-la.

Nos anos seguintes, os meus hábitos alimentares não melhoraram e o meu corpo continuou, decidido, a caminhar em direção à obesidade. Todas as restrições e bons conselhos da minha mãe não chegavam para o travar. Aos dezassete anos, pesava quase cem quilos – o número da vergonha que só eu e a balança sabíamos. Era o nosso segredo.

Comprava quase toda a roupa em lojas para homem. A alternativa estava nas lojas de desporto, onde encontrava preciosas peças unissexo com o meu tamanho. Eram geralmente *t-shirts*, calças e bermudas. Não tinha por onde variar. Enquanto isso, as minhas amigas compravam vestidos leves e coloridos, *tops* curtos e calças justas nas lojas da moda, que eu evitava para não ficar deprimida. Quando entrava numa, gostava de quase tudo, mas as únicas compras possíveis eram sapatos ou lenços. Era como se essas lojas me chamassem gorda. Mesmo sem boca.

Sentia-me cansada por tudo e por nada. A minha vida complicava-se com cada quilo a mais. O excesso de peso limitava-me até no meu desporto preferido e o único que praticava: a natação. E, embora a água me tornasse mais leve, não retirava um grama aos comentários insensíveis que ouvia. Frases como “Afastem-se, vem aí a gorda” ou “Não tem vergonha de andar aqui de fato de banho”, acompanhadas de gargalhadas sonoras, eram constantes e inevitáveis. Desisti de nadar.

Antes de ter carro, levantava-me cedo para ir às aulas do décimo primeiro ano, em Coimbra, a trinta quilómetros de casa. Entrava num autocarro praticamente vazio, que ia ficando mais cheio à medida que se dirigia para a cidade. Os idosos que o apanhavam já mais perto do destino não encontravam lugares

vazios e faziam comentários sobre os mais novos não cederem os seus. Não entendiam como é que alguém tão jovem como eu tinha a ousadia de não se levantar para deixar um pobre velho sentar-se. Mas só eu sabia como me sentia cansada. Só eu sabia que os quilos a mais são como anos a mais. Que, no fundo, era bem mais velha do que todos eles. E deixava-me ficar, a olhar para a estrada para não ter de ver a fúria enrugá-lhes ainda mais os rostos.

Mas o que me incomodava mesmo era não conseguir chegar aos rapazes pelos quais me interessava. Não ter deles a atenção que queria e achava que merecia. Cheguei aos dezassete anos sem os momentos íntimos que desejava. As minhas únicas experiências, nos dois anos anteriores, tinham sido um ou outro beijo rápido nos lábios e alguns mergulhos numa piscina não vigiada para tirar o fato de banho, debaixo da água, e mostrar o corpo nu a dois amigos que me retribuíam o favor. Sustínhamos a respiração o mais que podíamos, abríamos bem os olhos, apesar de todas as ardências provocadas pelo cloro, e apreciávamos minuciosamente os sexos uns dos outros até a falta de ar nos levar de volta à superfície. Numa altura em que, mais do que sentir, o que conta é experimentar, a escolha criteriosa do parceiro não chegava a ser uma preocupação. Era eu, mas podia ser outra adolescente qualquer. Eram eles, mas podiam ter sido outros.

Aos dezassete anos, era mais exigente. Queria um namorado. Alguém que me escolhesse por eu ser como era e me fizesse sentir especial. Mas foi preciso esperar alguns meses para ter essa sensação. Mesmo que ilusória.



## CAPÍTULO 4

### A minha primeira vez

Manuel tinha vinte e dois anos, mais cinco do que eu. Era de Sintra e amigo da minha melhor amiga, Laura. Conheci-o, por sorte ou azar, numa ida a Lisboa para visitar o Parque da Nações. Tinha gostado tanto da Expo'98 que quis voltar para ver como ficara o espaço depois da exposição. Laura aproveitou para vir comigo, de Coimbra, embora com um propósito diferente: rever Manuel, que eu ainda nunca tinha visto, mas que se tinha tornado um amigo próximo para ela.

À chegada a Lisboa, cada uma de nós foi para o seu lado. Na companhia de Gonçalo, um amigo meu que vivia na capital e fez questão de ser o meu guia, vi as diferenças entre a Expo'98 e o tão falado Parque das Nações. Passeámos no centro comercial Vasco da Gama, acabado de inaugurar; comentámos que Pavilhão da Utopia era um nome mais bonito do que Pavilhão Atlântico; percorremos um quilómetro de Tejo no teleférico, algo que não tinha tido oportunidade de fazer durante a exposição mundial.

Foi só ao fim da tarde que vi Laura novamente. Vinha com Manuel. E, muito provavelmente, trazia também o Cupido, porque foi amor à primeira vista. Ainda estavam os dois a uma dezena de metros do local combinado e já eu me sentia irremediavelmente atraída por ele.

Cheguei a pensar que não era Manuel, porque as descrições de Laura não coincidiam com a realidade. Era muito mais interessante. Tinha os olhos grandes e claros, a contrastar com o cabelo curto e escuro. A barba por fazer. Era alto e magro, mas tinha uns ombros largos que o faziam parecer mais bem constituído do que era. E tinha as mãos mais bonitas que eu já vira.

Não tenho dúvidas de que Manuel se apercebeu do meu nervosismo. E também deve ter sentido qualquer coisa porque pediu o meu contacto à Laura poucos dias depois. Embora o negasse, Laura sentia-se tão atraída quanto eu. Por causa de Manuel, deixámos de ser tão amigas e só houve uma reaproximação quando a minha história com ele terminou, quatro ou cinco meses depois da visita a Lisboa. A imaturidade tem destas coisas, mas podemos aprender algo com elas. E eu aprendi bastante. Principalmente a não me deslumbrar.

Durante três meses, eu e Manuel não voltámos a ver-nos, mas namorámos – era assim que sentíamos a nossa relação – virtualmente. Trocávamos dezenas de *e-mails* diariamente, sobre todos os assuntos de que nos lembrávamos. Eu falava-lhe das minhas fantasias e, embora ele não tivesse a mesma vontade de amarrar uma pessoa a uma cama para poder chicoteá-la, a ideia não lhe desagradava. Não me rejeitou por isso.

Sentia-me no céu. Manuel sabia como eu era fisicamente, conhecia as minhas fantasias invulgares e, mesmo assim, continuava interessado. Finalmente tinha encontrado alguém que gostava de mim pelo que eu era. Como eu era. Finalmente havia um rapaz que me achava especial. Depois daqueles três meses iniciais, encontrámo-nos algumas vezes em Lisboa e em Coimbra, sempre em locais públicos. Éramos namorados em teoria, mas apenas bons amigos na prática. Convivíamos muito, mas namorávamos pouco. Um beijo seco nos lábios era tudo o que levava, para recordar em casa, ao fim do dia.

Os meus pais não me educaram no pressuposto de que uma rapariga deve casar-se virgem. Não me ensinaram a guardar-me para um marido exemplar. Nunca disseram que as mulheres sérias não vão para a cama com o primeiro que aparece. E, no entanto, eu tinha todas essas ideias. Gostava de pensar que só o príncipe encantado teria o privilégio de me iniciar nos prazeres do amor físico. Um príncipe que ficaria para sempre comigo.

Não tinha a ilusão de que nos casaríamos num futuro próximo, mas achei que Manuel merecia a minha confiança. Até porque dar-lhe a mão e abraçá-lo já não era suficiente. Os meus sonhos de menina diziam-me para esperar, mas o meu corpo de mulher tinha pressa. E mais influência.

Decidi aproveitar a oferta de uma amiga da família, uma professora que trabalhava com o meu pai e chegou a dar-me algumas explicações de Geometria Descritiva. Teresa tinha um apartamento na Figueira da Foz e dizia muitas vezes que a casa estava disponível para os amigos e que os meus pais só tinham de pedir a chave sempre que quisessem. Durante uma explicação, disse-me que a oferta também era válida para mim e que não teria de ir com os meus pais, caso preferisse passar o fim de semana com duas ou três amigas.

– Por mim, tudo bem. Quando quiseres, é só dizeres, Ana. O apartamento é teu – ofereceu Teresa.

– Obrigada. Vou pensar nisso, sim. Gosto muito da Figueira – respondi, já com a cabeça a viajar.

A casa, que estava vazia naquele início do mês de junho, servia principalmente para as férias de verão de Teresa e do marido. No resto do ano, viviam os dois em Coimbra. Com a desculpa de que havia, na Figueira, uma discoteca de que toda a gente falava e que eu não conhecia, perguntei ao meu pai se podia pedir a chave do apartamento. Para o sossegar, disse-lhe que levaria duas amigas, também elas ansiosas por conhecerem a discoteca.

– Vou no sábado e volto para Coimbra no domingo de manhã. Não quero voltar de madrugada porque vamos estar cansadas e é mais perigoso – justifiquei.

O meu pai não podia estar mais de acordo. Manuel foi lá ter comigo ao final do dia.

Encontrámo-nos perto da praia, na Torre do Relógio – um bom ponto de referência, sobretudo para ele, que não conhecia bem a cidade. Deu-me mais um beijo seco e começámos a caminhar na marginal, enquanto conversávamos. Contou-me que já estivera na Figueira, com alguns amigos. Disse-lhe que era a minha praia de eleição por ser a mais próxima de Coimbra. Demos as mãos. Já tarde, decidimos jantar num restaurante, também perto da praia, mas na ponta oposta à da Torre do Relógio. Sem quase darmos por isso, tínhamos caminhado mais de dois quilómetros. Na única mesa livre, sentei-me de frente para o mar, apesar de estar a anoitecer. Manuel pediu ao empregado que trouxesse arroz de marisco. A conversa continuava animada. A sangria afastava o embaraço. Quando a sobremesa chegou, já não precisávamos de fingir que estávamos cheios de boas intenções. Sabíamos bem o que nos tinha levado ali. Acabavam-se as cerimónias.

– Vamos até à praia – disse Manuel, enquanto pagava a conta.

Parecia outra pessoa. Finalmente iria ensinar-me o que eu tanto queria aprender. Com as pernas bambas, caminhei ao lado dele pela marginal, até chegarmos de novo à praia de Buarcos, com o seu areal a perder de vista. Estávamos a poucos metros do apartamento, mas foi em direção ao mar que seguimos. O vento frio enregelava, apesar de ser junho. Não se via ninguém na praia. Pela primeira vez na vida, senti uma língua que não era a minha tocar-me no céu da boca. Gostei e senti uma certa vergonha, não sei bem porquê. A noite escura impediu que Manuel me visse corar. Depois, beijou-me o pescoço. Todo o frio da Figueira não teria chegado para me provocar o arrepio que senti. Fechei os olhos e passei-lhe a mão pelo cabelo. Agarrei-o um pouco e direcionei-lhe suavemente a cabeça para o meu peito excitado, sem saber de onde vinha toda a minha ousadia. Talvez fosse natural. Talvez fizesse parte de ser mulher.

Manuel subiu a minha camisola, tirou um seio para fora do *soutien*, elevou-o um pouco com a mão e começou a lambar o mamilo duro. Gemi de prazer, baixinho. Enfiou a outra mão dentro das minhas cuecas e molhou um dedo na minha vagina húmida e apertada. Retirou-o, chupou-o por breves instantes para provar o sabor da minha excitação, e voltou a introduzi-lo. A minha respiração era mais sonora do que os meus gemidos. Começava a introduzir o segundo dedo quando um orgasmo inesperado tomou conta de mim, sacudindo todo o meu corpo. Quis gritar de prazer, mas a minha voz não se fez ouvir. Todos os sons pareciam ir para dentro. Manuel nem se apercebeu do que estava a acontecer comigo. Louco de prazer, continuava a beijar-me e a tocar-me em todo o lado. E o seu desejo era tão grande, que me esqueci das formas do meu corpo. Ali, com ele, eu era tão bonita como as outras.

Ouvimos risos. Havia mais gente na praia. Não chegámos a ver ninguém, mas as vozes desconcentravam-nos. Além disso, o vento estava cada vez mais forte e começou a levantar a areia.

– Devíamos ir para casa – interrompi a tremer, agora de frio.

– Tudo bem. Mas vamos depressa – respondeu Manuel, impaciente.

Quando entrámos no apartamento da amiga dos meus pais, um segundo andar com dois quartos numa rua logo atrás da linha da praia, evitei o quarto de Teresa e do marido, e fomos para o outro quarto, onde tudo se passaria e dormiríamos abraçados quando já não fosse virgem. Era, pelo menos, o que eu pensava. Não ligámos a luz. A iluminação da rua era suficiente.

Aproximámo-nos da cama e repetimos tudo o que tínhamos feito na praia. Desta vez, sem qualquer orgasmo súbito e inesperado. Depois de se descalçar, Manuel tirou as calças de ganga e as *boxers* e sentou-se na ponta da cama. Fiquei a olhar para ele, de pé e à sua frente, ainda completamente vestida. Deu-me as mãos e começou a puxar-me para baixo, lentamente e sem falar. Compreendi que queria que me ajoelhasse, o que fiz sem nunca deixar de o olhar nos olhos até tocar com os joelhos no chão. Colocou uma mão na parte de trás da minha cabeça e levantou um pouco as ancas, encostando aos meus lábios o seu pénis direito – o primeiro que eu via assim. Não deixei que a inexperiência me embaraçasse. Comecei a chupá-lo como se já o tivesse feito antes. Como tinha visto em filmes pornográficos, na casa de uma amiga que os descobrira, escondidos na gaveta mais baixa da secretária do pai.

Esforcei-me por tentar enfiar todo o pénis na boca, até tocar na garganta. E fiz o mesmo movimento várias vezes. Tantas, que comecei a sentir dores nos lábios. Manuel gemia. Para aliviar as dores sem interromper o que estava a fazer, comecei a lambar devagar a ponta do seu sexo duro. Foi quando um líquido quente e salgado encheu a minha boca e começou a escorrer-me pela garganta. Fiquei surpreendida por não sentir nojo. Engoli tudo. Soube-me bem.

Continuámos a acariciar-nos, sem pressa. Afinal, tínhamos a noite toda. Manuel tirou-me, então, cada peça de roupa. Primeiro a minissaia, depois as meias de liga, as cuecas de fio dental, a camisola, o *soutien*. Tudo escolhido em função do que eu achava *sexy*. Quando fiquei nua, Manuel admirou-me como se fosse a mulher mais bonita do mundo. No reflexo dos olhos dele, vi-me sensual e em forma, como nunca tinha conseguido imaginar-me. Tinha metade do peso. Ele tirou o pulôver e a camisa e, deitados na cama, encostámos os nossos corpos nus para nos beijarmos.

Tal como fizera na praia, Manuel encheu de pequenos beijos e lambidelas o caminho que ia da minha boca até aos meus seios, passando pelo pescoço. Retesei-me de prazer e senti-o descer mais um pouco. Beijou-me a vulva inchada. Só com os lábios. Depois, começou a introduzir a ponta da língua. Quente. Ouvi-me gemer a sério pela primeira vez. Com os dedos, afastou os grandes lábios da minha vagina e lambeu-a em toda a extensão, até chegar ao clítoris. Senti-me desfalecer de felicidade. Anunciava-se um novo orgasmo, agora não tão inesperado. Bastaria que ele continuasse a rodar a língua no meu clítoris por mais alguns instantes. Mas Manuel não podia esperar nem mais um segundo. Subiu pelo mesmo

caminho, beijou-me na boca muito rapidamente e colocou um preservativo. Sem outros preliminares, tentou penetrar-me.

Tive medo. De repente, pareceu-me que não era a altura certa. Que ele podia não ser o príncipe dos meus sonhos. E se não fosse o amor da minha vida? Se não merecesse a minha entrega? Se, por algum motivo, me dececionasse? Afinal, nem sequer o conhecia bem. Talvez eu estivesse a destruir qualquer possibilidade de ter um momento verdadeiramente único, mais à frente, com alguém que merecesse. Desconcentrei-me. E foi como se sentisse amor por alguém que nunca vira, mas que sabia existir. Alguém que me estava destinado e que eu trairia se deixasse que Manuel fosse o primeiro. Uma traição sem emenda.

– Manuel, agora não. Por favor, para. Não quero.

Mas foi como se não tivesse dito nada. Era demasiado tarde. Não havia como recuar. Ele continuava a penetrar-me enquanto eu ficava seca, por estar assustada, o que só piorava tudo. As dores eram insuportáveis. Surdo e insensível aos meus apelos, rasgou a minha vagina como se fosse um pano velho. Tapei a minha própria boca com a mão, para me impedir de gritar, e chorei baixinho. Não podia deixar que os vizinhos me ouvissem. Que o meu pai descobrisse. Não podia envergonhá-lo perante a amiga. Sem cuidado nenhum, Manuel só parou quando ficou satisfeito. Depois, deixou-se cair ao meu lado, cansado, com o preservativo ainda posto.

Saí do quarto, cheia de dores. Não conseguia olhar para ele. Passei a noite no sofá da sala, sem conseguir dormir. Manuel levantou-se às cinco da manhã para ir à casa de banho. Foi até à sala e perguntou se eu estava bem. Acenei que sim com a cabeça virada para a televisão, mas isso bastou para que ele voltasse para o quarto e dormisse de boa consciência. Pregado no sono como se nada de grave se tivesse passado.



Quando penso na minha primeira vez, sinto tristeza. Só alguns anos mais tarde é que deixei de associar o sexo às sensações mais desagradáveis. Porque foi exatamente o contrário de tudo o que imaginara. Não houve amor. Nem sequer respeito. A minha primeira experiência foi também a minha primeira grande desilusão. Não considero que fui violada, mas sinto que fui usada por alguém que não me merecia. Alguém que só pensava em si próprio, que não gostava de mim por quem eu era. Que não gostava de mim o suficiente para parar quando lhe pedi que o fizesse. Na manhã seguinte, sem conversas nem carícias, Manuel saiu porta fora. Entrou no carro e desapareceu, rumo a Lisboa. A minha autoestima, ainda tão recente, partiu com ele.

Nos dois anos seguintes, continuei a ganhar peso, sem conseguir fazer nada pela minha saúde, pela falta de namorados, pela tristeza da minha mãe. Pela minha vida.

Passava todo o meu tempo livre na Internet, em canais de conversação no então muito popular IRC. Era essa a minha maior distração, para não dizer a única, uma vez que nem sequer à piscina podia ir, por causa dos insultos. Comecei pelos canais generalistas. Os que não tinham um tema muito específico e onde, a qualquer hora do dia ou da noite, era possível encontrar centenas de pessoas com os mais variados interesses. Ou sem interesse nenhum.

No IRC, e numa fase que durou dos treze aos dezassete anos, eu era a *Trickygirl*. E não resistia a *nicknames* como *slave*, *escravo* ou *submisso*. Era com eles que tentava falar, em privado, numa tentativa de perceber se tinham as mesmas fantasias de dominação/submissão que eu tinha – sobretudo a partir da

exposição sobre tortura que me impressionou tanto – ou se a escolha daqueles nomes se devia a outras razões, mais banais. Felizmente, as minhas suspeitas confirmavam-se quase sempre. Os donos daqueles *nicknames* eram praticantes ou aspirantes a praticantes de BDSM. Eu metia conversa assim:

*Trickygirl*: “Olá, como estás?”

*submisso*: “Bem, e tu?”

*Trickygirl*: “Posso perguntar-te uma coisa?”

*submisso*: “Claro que sim. Força.”

*Trickygirl*: “Porque é que escolheste esse *nick*?”

*submisso*: “Porque é que perguntas?”

*Trickygirl*: “Porque tenho algumas fantasias e acho que o teu *nick* pode ter a ver com elas”

*submisso*: “A sério? Que fantasias?”

*Trickygirl*: “Penso muito em amarrar um homem a uma cama para depois o chicotear”

*submisso*: “Então tens razão. O meu *nickname* tem mesmo a ver com as tuas fantasias. Fizeste bem em perguntar”.

A partir daqui, a conversa evoluía para outras, com mais pormenores, que podiam durar uma hora ou prolongar-se durante vários meses. Fiz alguns amigos desta forma. Até que um deles fez a pergunta que me abriu as portas de um novo mundo. “Se gostas tanto dessas fantasias, porque é que não vais para canais temáticos, como o *#bondage* ou o *#bdsm*?” Era bom de mais para ser verdade. Ainda um pouco cética, fiz o que ele sugeriu. E, quando vi, sorri. Sorri com a boca, as bochechas, os olhos, as têmporas. A cara toda. O país das maravilhas existia e estivera ali o tempo todo, no IRC. Bastava um clique para lá entrar. Era a primeira coisa boa desde que Manuel me dececionara como ninguém o tinha feito. Tinham passado alguns meses. Nos canais temáticos havia menos gente, mas era gente como eu, com os mesmos interesses, os mesmos gostos. Algumas daquelas pessoas tinham muita experiência; outras tentavam simplesmente entrar no meio. Serem aceites. Eu aprendia com cada conversa, visitava cada página sugerida, tentava ir a cada festa, a cada jantar.

As minhas fantasias tinham sobretudo a ver com a dominação. Submeter um homem ao meu poder, à minha vontade. Mas, aos dezoito anos, a entrada num meio tão fechado como era o do BDSM pode implicar sacrifícios. E a minha única hipótese de aceder àquele grupo restrito parecia passar pela submissão, pelo menos a fazer fé no que me disse um dominador. E a fé, naquela idade, faz-se facilmente.

*Trickygirl*: “Olá. Quero dominar um homem. Quero amarrar um homem a uma cama e chicoteá-lo.”

*Sade*: “Porquê?”

*Trickygirl*: “Porque sempre me imaginei a amarrar um homem a uma cama e a chicoteá-lo. O que é que tenho de fazer para que isso aconteça?”

*Sade*: “Tens de ser uma submissa. Todas as boas dominadoras foram primeiro submissas. Ou não seriam boas dominadoras.”

Descobri depois que o que ele queria era simples: sexo com raparigas novas, inexperientes e ingénuas. Frequentava aquele canal com o único propósito de impressionar jovens como eu e fazer sexo com elas. Mas a verdade é que, naquele dia, o que *Sade* me disse me fez pensar. Aceitei ser submissa dele durante um mês.

Fui-o apenas virtualmente. Dava-me tarefas para cumprir, como vestir determinada peça de roupa ou enviar-lhe um *e-mail* onde descrevia as minhas fantasias mais íntimas. Eu obedecia e respondia sempre num tom de subserviência. Felizmente, a distância protegeu-me de um falso dominador, que vivia em Lisboa e não quis, durante aquelas quatro semanas, deslocar-se até Coimbra. Talvez por estar demasiado ocupado na capital, a tentar enganar outras raparigas ingénuas. Quando comecei a achar estranho que



nunca nos víssemos e que a minha tão desejada primeira sessão de BDSM nunca se realizasse, disse-lhe que as coisas não estavam a resultar. Era nova, mas sabia o que queria e o que era uma sessão. Sabia que na maior parte dos casos nem sequer há sexo. Não tem de haver. Ele percebeu que eu estava informada, que não teria de mim o que procurava, e desistiu. Deixei de ser a sua submissa. Ou uma delas.

Mas o mais curioso é que *Sade* tinha razão. Eu entraria no meio como submissa, embora não tenha aprendido nada com isso. Só tirei partido da submissão alguns anos depois, com Pedro, o único amor da minha vida. Naqueles primeiros anos de canais temáticos no IRC, nada corria bem. A primeira experiência, com *Sade*, não chegara a ser uma experiência; a segunda, com outro dominador que conheci no canal *#bondage*, João, seria incompleta e imatura, cheia de enganos e mal entendidos.



## CAPÍTULO 5

### O patinho feio

Considero que João foi o meu primeiro namorado. Mais uma vez, e como sempre, eu queria ser a dominadora da relação. Quando descobrimos que nos entendíamos bem e que podíamos ter algo mais do que simples conversas à frente de um ecrã de computador, decidimos namorar e ter uma relação de dominação/submissão. Tudo a que tínhamos direito. Mas ele era dominador e, perante a possibilidade de um grande amor, aceitei ser submissa. Na esperança de agarrar um namorado, cedi mais cedo do que ele.

Quando o conheci, tinha dezanove anos e atingira o máximo do meu peso desde sempre e até hoje – mais de cento e vinte quilos. Não gostava de mim própria, não esperava grande coisa da vida e a única experiência sexual que tivera fora traumatizante. O meu poder de negociação sobre quem seria o submisso e quem seria o dominador não era, por todos estes motivos, o melhor. Além disso, João já era visto como um dominador no meio BDSM. Restava-me, portanto, contentar-me com a posição de submissa. Foi o que fiz.

João vivia em Vila do Conde. Devido à distância, víamo-nos apenas aos fins de semana. Tinha a mesma idade do que eu e era alto, muito magro, com o rosto comprido e o queixo proeminente. Tinha o cabelo curto, castanho escuro, a pele clara e usava óculos. Não era bonito nem feio. Não me atraía especialmente. Sempre que o via, os meus olhos não se iluminavam, o meu coração não batia mais do que de costume, o meu estômago não se enchia de borboletas. Não me fazia suar nem me tirava o sono ou a fome. Mas servia para ser meu namorado porque podia mostrá-lo aos meus amigos, que ficavam assim impedidos de comentar que ninguém queria saber de mim porque eu era demasiado gorda. E, esperava eu, talvez a paixão viesse com o tempo. Era uma relação com potencial.

João devia pensar o mesmo. Ganhava uma amiga que o incentivava a estudar e a viajar. No fundo, a evoluir – tanto quanto pude aperceber-me, faltava-lhe um pouco de tudo isso. E passava também a ser mais bem visto na comunidade BDSM por ter uma relação estável com uma submissa, mesmo tendo essa submissa peso a mais. Até porque nenhum dominador que se preze rejeita uma mulher devido ao excesso de peso. Existe a ideia de que uma submissa gorda é mais ferosa no sexo e suporta melhor a dor. Além disso, uma mulher obesa está habituada a ser maltratada e insultada. Tem uma maior resistência psicológica e não se ofende tão facilmente. São qualidades a ter em conta na hora de escolher.

Nos dois primeiros meses da nossa relação, fizemos sexo cinco vezes; nos cinco anos que se seguiram, nenhuma. Se a atração que sentíamos um pelo outro já não era muito intensa, a descoberta que fiz na nossa primeira noite de intimidade aniquilou todo o respeito que sentia por ele enquanto dominador. Foi numa sexta-feira à noite. O quarto, num prédio antigo bem no centro de Coimbra, era arrendado. Não para estar mais à vontade com João, longe disso, mas para conseguir acabar o curso de Engenharia Civil sem ter de percorrer todos os dias sessenta quilómetros na ida e na volta para casa dos meus pais. Liguei a luz e coloquei no chão um colchão grande, no qual dormia sempre que tinha a visita de uma amiga, uma vez que duas pessoas não cabiam juntas na cama de solteiro, a única do quarto.

Demos as mãos e sentámo-nos no colchão, como se fôssemos conversar. Eu não podia estar mais nervosa, até porque a minha única experiência sexual não chegara a ser uma experiência: era mais um trauma. Tinha visto o lado mau do sexo, apenas isso. E agora ali estava eu, inexperiente, à mercê de um dominador que faria de mim uma mulher submissa e me obrigaria a satisfazer-lhe cada capricho. Ali estava eu, com um namorado que esperava também bons momentos de amor físico.

Dominador. Estremecia só de pensar na palavra. João só podia ser muito especial para ter conseguido o estatuto que tinha no meio. O que faria comigo? Com o que ele sabia sobre dominação não seria difícil manipular-me, tirar partido da minha inexperiência. Abusar de mim, até.

O material para a sessão era meu. Tudo por estrear. Uma venda, cordas, chicote e velas. Os três primeiros vindos de um *site* especializado. As velas compradas num supermercado perto de casa. Mal podia esperar que todos aqueles objetos, verdadeiras promessas de sensações incríveis, fossem finalmente usados. Quando acabámos de nos sentar no colchão e olhámos um para o outro, senti-me pronta, apesar de todos os medos.

– Despe-te e veste isto – disse-me, depois de tirar um *soutien* e umas cuecas de renda preta de uma pequena caixa castanha que eu colocara em cima da cama, mesmo ao lado do colchão.

– Sim, meu senhor.

Na caixa, estavam outras peças de *lingerie*, mas João escolhera bem. Aquelas duas eram as mais provocadoras, cheias de transparências. Fiz o que ele mandou e tirei toda a minha roupa. Senti vergonha por causa do tamanho e das formas do meu corpo. Mas, quando me viu despida, João sorriu de uma maneira quase infantil, como se visse uma mulher nua pela primeira vez. E foi no seu sorriso que encontrei a confiança de que precisava para ser mais forte do que os meus complexos. Para não deixar que comprometessem a nossa sessão. Mais do que isso: retirei dele a segurança para entrar no jogo. Sem exagerar – não podia esquecer-me de que a submissa era eu –, vesti a roupa interior, devagar e subtilmente, como se fosse a mulher mais *sexy* do mundo. Primeiro as cuecas e depois o *soutien*, que fingi ajeitar com a intenção de passar a mão num dos meus seios, muito lentamente, e excitá-lo mais um pouco. O brilho dos seus olhos era tão forte como o dos dentes, expostos por aquele sorriso de criança deslumbrada.

– Agora, dá-me as cordas.

– Sim, meu senhor.

Tirei da caixa duas cordas brancas de algodão e coloquei-as nas mãos dele. Enrolou uma delas à volta dos meus pulsos, que amarrou com cuidado. Em seguida, fez o mesmo nos meus tornozelos e ficou a olhar para mim. Se calhar, à espera de uma reação. Não senti nada de especial. Não senti nada mesmo. E pensei que não podia ser só aquilo. Teria de haver algo mais complexo e excitante. As demonstrações a que assistira em festas, assim como as centenas de fotografias que vira na Internet, mostravam homens e mulheres amarrados numa malha de cordas entrelaçadas, cheia de nós, do pescoço até aos pés. Autênticas obras de arte da imobilização. Mas o que o João fizera não era nada disso. Nem sequer era parecido. Fiquei parada a olhar para ele, apesar da proibição de o fazer, na esperança de que a melhor parte ainda estivesse para vir. Sem falar, elevei ligeiramente as sobrancelhas, como que a perguntar-lhe se iria fazer mais alguma coisa. Afinal, tinha-o conhecido no canal *#bondage*. Esperava ter à minha frente nada menos do que um mestre da imobilização. Mas ele não dava sinais de ter outro plano além daquele. Tão simples e dececionante.

Além de não me ter amarrado como eu esperava, João falava pouco e, no caso dele, falar pouco não era uma estratégia de dominador para me intimidar ou me deixar pouco confortável. Parecia que não sabia o que dizer. Parecia que o seu próprio silêncio o incomodava mais do que a mim. E foi calado que me deitou, ainda amarrada, no mesmo colchão. Depois, colocou-me a venda escura, em cetim, que tirou

da caixa. E deixou-me assim, imóvel e cega. Como se fosse surda, também, porque continuava sem dizer uma palavra.

Zás! Sem contar, senti uma chicotada nas nádegas. Soltei um pequeno grito. Não de dor, mas de susto. Não ouvira João tirar o chicote da caixa. Felizmente, não havia ninguém no apartamento naquele fim de semana. Deu-me mais algumas chicotadas leves e parou. Continuava sem falar, mas o seu silêncio já não era tão silencioso: ouvi roupa ser atirada para o chão, uma braguilha a abrir-se, uma embalagem a rasgar-se. Quando me tirou a venda, estava nu e tinha colocado um preservativo. Não precisou de desviar os olhos dos meus para tirar as cordas dos meus pulsos e dos meus tornozelos. Não precisei de desviar os meus olhos dos dele para ver que o seu pénis se manteve ereto o tempo todo. Tive a sensação de que era maior do que o de Manuel. Depois, abraçou-me e beijou-me. Senti-me bem, mas não fora de mim. Era uma excitação controlada. Quando tentou penetrar-me, João perdeu a ereção. Depois, tentou mais algumas vezes. Meio atrapalhado, tirou e colocou dois ou três preservativos para tentar de novo. Sem êxito.

– O que é que se passa, meu senhor? – atrevi-me a perguntar.

Não respondeu. Mas a sessão tinha sido tão diferente de tudo o que eu esperava de um verdadeiro dominador, que me atrevi a insistir, já sem o devido “meu senhor”. Como se tivesse decidido sozinha que chegava de BDSM por aquela noite.

– Parece que nunca fizeste isto antes... – comentei, cansada de tanta hesitação.

João ficou calado e eu fiquei esclarecida. Com uma frase, as máscaras caíram. Tinha arranjado um dominador virgem. Dominador e virgem – duas palavras que só a ironia podia ter ligado. Parecia uma piada de mau gosto. Mas não era.

Durante os dois primeiros meses da nossa relação, e apesar de todas as deceções, decidi dar-lhe uma oportunidade. Mas as nossas práticas de BDSM eram pouco intensas, tal como o que sentíamos um pelo outro. João vendava-me, amarrava-me e chicoteava-me. Por vezes, derramava cera derretida no meu corpo, fazia-me cócegas, mandava-me vestir *lingerie* ousada. Era tudo e era pouco. Pelo menos para mim. Além disso, não gostava da forma como o fazia. Quando me batia, eu agarrava no chicote, impedindo-o de continuar. Ou então começava a chorar e dizia-lhe que não queria mais.

– Para. Acabou por hoje – anunciava eu, sem medo de ser castigada e sem respeito pelo dominador que ele era.

Eu resistia por não ser uma verdadeira submissa; ele desistia por não ser um verdadeiro dominador. João não conseguia desafiar-me. Ao contrário do que viria a suceder alguns anos mais tarde com Pedro – o único homem que me dominou e me ensinou a retirar prazer da condição de submissa – João não sabia motivar-me. Com ele, o BDSM era um frete. A ausência total de paixão piorava tudo.

As mulheres gostam de ser arrebatadas, precisam de desafios. Gostam que as elogiem, que lhes digam que são bonitas, atraentes, sensuais. Gostam que os homens com quem estão reconheçam o trabalho que tiveram a arranjar-se para um jantar especial. As mulheres precisam de sentir que há desejo e paixão. Precisam de uns abanões. Mas, depois do deslumbramento da primeira noite, João ficava indiferente a tudo. Eu podia estar de pijama, roupa interior ousada ou completamente nua. Era igual.

As mulheres também gostam de sentir que os homens com quem partilham as suas vidas têm pulso, sabem o que querem e conseguem tomar decisões. Mesmo que não tenham de o fazer. Mas João não era assim. Esperava que eu decidisse tudo o que havia para decidir, sem nunca contestar. Pode parecer um contrassenso. Hoje sou dominadora e ser dominadora é gostar de homens submissos. Mas não há qualquer contradição: gosto de submissos que dão luta, que resistem de alguma maneira, que sou forçada a dobrar. Os bons submissos são geralmente homens dominantes no trabalho, nas relações pessoais. São homens com personalidades fortes, que procuram na submissão, na humilhação, um certo equilíbrio. São

esses os homens que mexem mentalmente comigo. E, se não gosto de submissos sem vontade própria, o que dizer de um dominador sem vontade própria, um dominador que não domina nada, como João?

Os cinco anos em que fui submissa dele, aos olhos de toda a gente do meio, traduziram-se em cinco vezes que fui submissa na realidade. Cinco vezes que nem sequer correram bem. Conseguimos fazer sexo, mas nunca foi agradável. Quase sempre, eu sentia dores; ele falhava. Até que desistimos e fizemos um acordo: eu assumia finalmente o meu papel de dominadora e podia dominar os submissos que quisesse; ele mantinha o dele e dominaria as submissas que entendesse. Mas nenhum dos dois teria relações sexuais com os seus submissos. Era um pacto pouco sensato, uma vez que decidíamos também não as ter um com o outro. Na prática, o que o acordo fazia era vedar-nos toda essa dimensão da vida adulta. Mas quem é que quer ter sexo depois de uma quase violação e de tantas tentativas falhadas? Para mim, o acordo era perfeito. Durante os anos em que fomos apenas bons amigos, as pessoas que nos eram mais próximas, incluindo os meus próprios pais, pensavam que tínhamos uma relação amorosa sólida. Durante todo esse tempo fui tendo as minhas aventuras, sem nunca violar o pacto. Era namorada de João quando dominei o meu primeiro submisso, Tiago. Sem qualquer sentimento de infidelidade ou traição. Era só BDSM.

Na mesma altura, mudei o meu *nickname* de *Trickygirl* para *Cruela* e comecei a lutar pelo reconhecimento no meio, apesar das provocações de alguns dominadores mais antigos. “Anda cá, submissa, quero dar-te umas palmadas”, diziam, nas festas, para me humilharem. Muita gente do meio BDSM pensa que uma vez submissa, submissa para sempre. Mas não. Qualquer pessoa consegue assumir os dois papéis. O que acontece é que há sempre um lado que se evidencia mais. E eu sei que sou dominadora porque as minhas fantasias, desde criança, sempre foram a dominar. Não a submeter-me. Eu fingia ignorar os comentários, mas sentia um certo desalento. Não seria facilmente aceite, apesar de todo o esforço e empenho. Mesmo assim, fui tendo alguns submissos. Dominei o primeiro, o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto. Deixei de ter de os procurar, para passar a ser procurada por eles. Não desisti. Com o tempo, mostrei que sabia o que queria. Que as minhas ideias e vontades eram firmes. Que tinha chegado ao meio para ficar e não desapareceria ao primeiro obstáculo. Mostrei que estava ali pelos motivos certos. Nas conversas com os praticantes mais antigos, em festas ou em fóruns na Internet, esforçava-me por provar que conhecia as práticas e que sabia do que falava. Aos poucos, fui ganhando o reconhecimento de que precisava, assim como algum amor próprio. A minha vida começava a mudar.

Na mesma altura, decidi tratar de uma vez por todas do meu principal problema: a obesidade. A mulher bonita e confiante que fervilhava dentro de mim não era a mesma que me olhava no espelho. Se pudesse arrancar com as minhas próprias mãos a gordura que se acumulava à volta do seu queixo, talvez as duas ficassem mais parecidas. Mas não podia. E não tinha tempo a perder. Era urgente não deixar morrer – e principalmente fazer crescer – a autoestima que começava a despontar. E a solução teria de ser radical, sob pena de tudo se agravar, ao ponto de não haver solução possível.

Informe-me sobre a possibilidade de colocar uma banda gástrica. As listas de espera nos hospitais públicos eram de quatro anos. Quatro anos que eu não tinha. Não podia adiar a minha vida nem por mais quatro semanas. Era agora ou nunca. Falei com um médico amigo dos meus pais e fui operada numa clínica privada, cinco dias depois da primeira consulta. Foi num dia frio de janeiro, tinha eu vinte e um anos. A minha mãe estava radiante.

A recuperação foi difícil. A alimentação à base de papas líquidas que o período inicial implicou não me satisfazia e a sensação de fome mantinha-se, apesar da banda. Quando não conseguia resistir e comia alimentos proibidos, ou em excesso, lá estava ela para me lembrar que a minha vida ia mesmo mudar, nem que fosse à força de vómitos. Sentia fome, resistia. Resistia, desesperava. Cedia, comia. Comia, vomitava. Foi assim a triste história de muitos daqueles dias.

Os quilos que perdi inicialmente – oito em três meses – não foram os que esperava. Ouvira histórias de mulheres que se tinham livrado do mesmo peso em apenas duas semanas. Pensei que talvez não estivesse a resultar comigo. O meu médico não se cansava de dizer que, se não alterasse os meus hábitos alimentares nem fizesse exercício, a perda de peso seria lenta. Inevitavelmente. Era todo um estilo de vida que tinha de mudar, mas os gelados e a *fast food* continuavam a seduzir-me irresistivelmente. Eu não estava desinformada. Sabia o que devia e não devia comer. O problema era não resistir. E desistir, mais cedo ou mais tarde, de toda e qualquer dieta.

No entanto, a banda gástrica e o tempo foram alterando o meu corpo. Devagar, mas alterando. Aos poucos, mas com determinação. Hoje, aos trinta anos, tenho metade do peso. Visto a roupa com que sempre sonhei: *tops*, vestidos curtos, calças justas. Também deixei de ser submissa, para ser dominadora, em relação ao meu peso. Compro roupa fetichista que uso em festas e eventos. No FetLife – uma rede social dedicada ao BDSM – ponho as minhas melhores fotos com a certeza de que ninguém vai pensar que sou gorda. As pessoas comentam que estou cada vez mais bonita. “Gorgeous!” – é o que escrevem alguns estrangeiros. No espelho, o duplo queixo deixou de se sobrepor a tudo o resto. Vejo uns olhos castanhos grandes e pestanudos; um rosto no qual não mudaria nada, mesmo que pudesse; um cabelo escuro e comprido que adoro. Vejo um corpo de mulher.

Antes, aceitava submeter-me por acreditar que ninguém gostava de mim, que não era suficientemente boa para decidir fosse o que fosse. Nos meus primeiros tempos de dominadora, o único critério que contava para a seleção dos submissos era o da confiança. Preocupava-me em reduzir os riscos de estar sozinha com alguém que mal conhecia. Nada mais. O importante era ter um homem para treinar, para descobrir o BDSM. Hoje, sou contactada por submissos de Inglaterra, da Alemanha, do Brasil. Não aceito homens a partir de uma certa idade, não estou com quem não me atrai fisicamente. Tenho conversas regulares com doze submissos que já passaram praticamente todas as fases de seleção e com os quais acertei a questão das preferências, dos limites. No futuro, poderei ter sessões com qualquer um deles.

Agora, quem escolhe sou eu. Dou-me a esse luxo. Ninguém me diz o que fazer. A minha posição é muito clara: sou dominadora e tenho de ser a primeira escolha de qualquer submisso. Mas as dominadoras também sonham e eu continuo a sonhar com o príncipe encantado. Alguém que, dentro do meio, pense como eu, se excite com as mesmas coisas, mas possa também ser um namorado. Quem sabe, o pai dos meus filhos. E que goste de mim como sou. Depois de Pedro, não voltei a ser submissa. Não o serei, nunca mais, nem por amor. Já não vou contra a minha natureza. Porque, agora, gosto de mim.



## CAPÍTULO 6

### O meu mundo secreto

O BDSM é a minha vida, a minha prioridade. Ocupa quase todo o meu tempo e leva uma fatia importante do meu orçamento. Principalmente quando participo em eventos que implicam deslocações a Lisboa ou ao Porto, como é quase sempre o caso. São festas, jantares, *workshops*, tertúlias, colóquios, exposições. Tudo o que sirva para conviver e trocar impressões, aprender e ensinar, conhecer pessoas que partilham os mesmos interesses, os mesmos gostos. Pessoas que, tal como eu, veem no BDSM uma forma de estar na vida.

Em Portugal, a comunidade cresce a cada dia e as festas multiplicam-se. Desde as que fazem parte de grandes eventos – como o *Lisbon Fetish Weekend* e a *The Gathering Party* – às que se realizam em casas particulares. Há festas para todos os gostos. Ninguém se aborrece.

A última foi uma festa temática de BDSM num clube de *swing* de Lisboa. Logo à entrada, à direita, um palco em madeira e um grande espelho numa moldura dourada remetem para o universo do espetáculo, do burlesco. O vermelho e o preto dos cortinados e dos sofás dão tons de erotismo a cada recanto. A música é moderna e envolvente. Os olhares são sensuais. Inevitavelmente – até porque é esse o objetivo – misturam-se no mesmo local pessoas dos dois grupos. E até há quem seja *swinger* e praticante de BDSM ao mesmo tempo, conseguindo conciliar os dois estilos de vida sem qualquer problema. Mas é sempre possível distinguir cada um dos dois grupos, porque convivem em zonas diferentes, não se misturam e até se estranham. Uma das grandes atrações do clube é a zona de sauna, onde nunca entrei. Existem também quartos privados, que são usados por pessoas de cada um dos grupos para sexo, BDSM ou os dois em simultâneo. Até hoje, não recorri aos privados. Fico-me pelas conversas com amigos na sala principal. Mas talvez um dia precise de mais privacidade. E quem não gosta de saber que tem acesso rápido a quatro paredes com uma porta fechada?

São geralmente festas animadas, onde se pratica BDSM e se fazem pequenas encenações como, por exemplo, peças de teatro sobre o Marquês de Sade. Assiste-se ou participa-se em *plays* – demonstrações de algumas práticas –, como amarrar ou chicotear. De vez em quando, há também acessórios expostos. Fala-se muito, bebe-se mais, faz-se poses, tira-se fotografias. Na última festa, uma praticante de BDSM que também gosta de *swing* voluntariou-se para uma demonstração. Juntaram-se duas mesas enquanto o Mestre de *shibari*, técnica japonesa de amarrar com cordas, se preparava para o espetáculo. Pouco depois, a voluntária apareceu num *catsuit* de rede através do qual todos os pormenores do seu corpo perfeito eram visíveis. Subiu para o tampo das duas mesas e foi amarrada pelo Mestre, que faz as obras de arte mais incríveis a partir de corpos e cordas.

Os *swingers* mostram sempre alguma curiosidade. Comentam, tentam perceber o que é que nós, do BDSM, estamos a fazer ou para que serve determinado objeto. Tentam aproximar-se. Pessoalmente, sinto-me bem com a distância que mantemos uns dos outros, porque não aprecio muito o *swing*. Respeito, mas não aprecio. E, quando há gente a mais ou o espaço é pequeno, sinto que existe uma certa



tendência, por parte de alguns *swingers*, de se encostarem e se de roçarem em toda a gente. Mesmo em quem não quer. Já fui apalpada por mulheres e já fui apalpada por homens. Tive de me desviar. Fui obrigada a afastar mãos e corpos atrevidos, mais ou menos insinuantes, mais ou menos subtis. Certa noite, quase bati num homem que me apertou uma nádega.

Mas não são só as festas, melhores ou piores, que me atraem. Os *workshops* também têm um papel importante na minha vida. Valem todas as deslocações que faço, de Norte a Sul. Sempre que posso, invisto nos que se dedicam ao CBT (*cock and ball torture* – ou tortura do pénis e dos testículos), uma das minhas práticas preferidas. Gostei especialmente de um que ensinava técnicas de penetração da uretra com sondas. Uma das formadoras explicou-me as melhores formas de algaliar um submisso. Era médica e muito prestável. Um facto curioso é a quantidade de pessoas provenientes da classe média alta que praticam o BDSM. É frequente encontrar médicos, advogados, empresários, professores, engenheiros ou políticos na comunidade.

Também já assisti a um *workshop* de *knife play*, uma prática que implica o uso de facas, punhais ou espadas para ameaçar, rasgar roupa, arranhar, retirar cera, bater e, claro, fazer cortes na pele. Tudo é possível, desde que seja consensual, como sempre tem de ser o BDSM. Noutra, ainda, aprendi muito do que há para saber sobre choques elétricos com recurso a *violet wand*, um pequeno aparelho parecido com uma varinha de condão, que se usa para provocar descargas elétricas no corpo. Desde as regras de segurança – como, por exemplo, não usar anéis – às zonas do corpo onde é possível aplicá-las. Fui também a um curso de *bondage*, ou técnicas de imobilização. Nesse *workshop* em particular, a submissa que servia de modelo foi amarrada com cordas, mas também se usam correntes, algemas, arneses, prensas, película aderente, ligaduras ou, simplesmente, fita adesiva. Desde que tenha a capacidade de imobilizar ou restringir movimentos, é *bondage*. Em todos os *workshops*, há formadores, geralmente dominadores, e pessoas que se submetem às várias práticas, geralmente submissos. Aprendo o mais que posso e, sempre que consigo, tento aplicar o que aprendi ainda durante o próprio curso. Depois, experimento as práticas que mais me interessaram nas sessões que faço com os meus próprios submissos.



As viagens consomem igualmente uma boa parte das minhas poupanças. Tento sair de Portugal pelo menos uma vez por ano, com amigos ou com os meus pais. No estrangeiro, sou uma turista como outra qualquer: vejo os principais monumentos, visito museus, admiro paisagens, observo o dia-a-dia das pessoas, faço compras. Mas tento também aprender mais sobre a minha grande paixão e, para isso, exploro a cultura BDSM e erótica dos países que visito. Vou a *sexshops*, lojas especializadas em roupas fetichistas, clubes noturnos, *workshops*.

Como cidade, adoro Paris. O meu único problema é não falar muito bem francês. Sinto que fico a perder. Mesmo assim, entro nas lojas e faço perguntas. Vou fazendo os comentários que posso. Com calma e algum esforço, faço-me entender. Um dia, entrei numa *sexshop* com a minha tia Madalena e vi um pequeno cartaz que anunciava, para a noite, no mesmo local, um encontro dedicado ao BDSM. Não quis perder a oportunidade. Voltei lá sozinha, apesar de não conhecer ninguém. A minha curiosidade era mais forte. Entrei e sentei-me numa mesa onde já estavam três pessoas – duas mulheres na casa dos quarenta anos e um homem a rondar os vinte. Notei que nenhum dos três se tinha conhecido antes. Eram todos perfeitos estranhos. Todas as pessoas bebiam café ou cerveja, enquanto os acessórios circulavam

pelas oito mesas do espaço. O jovem parisiense – muito magro e bem vestido – apercebeu-se da minha dificuldade em entender o que se dizia e, com uma grande paciência, esclareceu as minhas dúvidas num francês inglesado. Contei-lhe um pouco da minha experiência e ele contou-me um pouco da sua. Era dominador e curioso. Como eu.

Londres é outro dos meus destinos preferidos. Sobretudo porque é possível encontrar acessórios e roupas incríveis nas muitas feiras e lojas para adultos que se dedicam exclusivamente ao BDSM. É um nunca acabar de artigos em pele e em latex, um sem fim de acessórios capazes de satisfazer tanto praticantes veteranos como casais inexperientes.

À noite, não é fácil escolher que espetáculo ver ou que clube visitar. Lembro-me de uma festa à qual também fui sozinha. Mal entrei, fiquei impressionada com a forma como as pessoas assumiam o seu papel. Estavam quase todas vestidas a rigor, usavam acessórios, os submissos eram dóceis e os dominadores altivos. Esperava ficar lá muito tempo, mas tive de sair quando percebi que estava a ser preparada a suspensão de uma mulher com correntes, encaixadas em ganchos cravados na pele dos ombros e da barriga. Não consegui, como ainda hoje não consigo, assistir a nada que envolva sangue ou perfuração da pele. Fui forçada a abandonar o clube, mas tive pena. A festa prometia.

No entanto, é em Amesterdão que me sinto em casa. O Museu do Sexo e o Museu Erótico têm secções dedicadas ao BDSM e há quem se passeie na rua de coleira ou de chicote, principalmente à noite. Como só faço, em Coimbra, no Carnaval. Na capital holandesa, que visitei três vezes, entrei em mais de quarenta *sexshops*. E foi numa delas que passei uma tarde e uma noite muito agradáveis. Elbert, assim se chamava o dono, aproximou-se de mim quando me viu pegar num cinto de castidade. Disse-lhe que queria comprá-lo e ele perguntou-me se tinha a certeza. Segundo me explicou, era um artigo muito pouco procurado, daí o facto de ter ficado surpreendido. Foi este o mote para uma conversa que duraria a tarde inteira. Como sempre, eu tinha muita informação para absorver, mas também para partilhar. Não me canso de conversar quando o tema é o meu preferido, como era o caso.

Os vinte e um anos que tinha na altura faziam de mim uma grande curiosa. Expliquei-lhe que o cinto de castidade era um acessório bastante apreciado em Portugal, dei-lhe contactos de *sites* estrangeiros – como *sexshops* e blogues – que não conhecia e falei-lhe do meu gosto por CBT e das minhas práticas favoritas. Ficou bem impressionado e quis agradecer-me.

– Ana – disse. – Espera um pouco. Tenho um desafio para ti.

E entrou numa pequena sala, ao fundo da loja. Quando voltou, tinha nas mãos um objeto em madeira.

– Fui eu que fiz isto. Se adivinhares o que é, estás convidada para um *workshop* de cordas, logo à noite, aqui na loja.

– É um *humbler* – afirmei, sem a menor hesitação.

Elbert sorriu. Era de facto um *humbler*, um acessório composto por duas tábuas de madeira – encostadas uma à outra e com uma forma semelhante à de um cabide – que serve para entalar a base do escroto por detrás das pernas, provocando dores insuportáveis ao submisso que tentar movimentar-se.

– Bom, parece que vamos voltar a ver-nos – disse eu, com um sorriso orgulhoso.

– É verdade, Ana. Fico contente – respondeu.

Entretanto, continuou a fazer-me perguntas, como se estivesse a testar-me. Respondi – quase sempre bem, diga-se de passagem – às suas questões. Até que olhei para o relógio. Faltavam quinze minutos para me encontrar com a minha mãe, que queria muito ver Bloemenmarkt, o Mercado das Flores. Despedi-me de Elbert e fui ter com ela.

Depois de jantar, assisti ao *workshop*, na parte de cima da loja, onde vi uma dominadora experiente amarrar e suspender o seu submisso. No final, Elbert quis saber se eu gostara.

– Adorei! – respondi.

– Então estás convidada para voltares cá no próximo. E não quero que assistas apenas. Vais participar.

– A sério? Quando é?

– Daqui a um mês.

Fiquei triste.

– Que pena. Volto para Portugal daqui a uma semana e alguns dias.

– Fica para a tua próxima visita a Amesterdão, Ana. Não fiques triste – tentou consolar-me.

Mas só o facto de ter sido convidada enchia-me de satisfação. Dois dias mais tarde voltei à sua loja, comprei-lhe um chicote e encomendei outro que encaixava no primeiro. Deu-me o contacto de um dos maiores armazéns de peles em Amesterdão, onde poderia escolher o material do chicote encomendado, que ele próprio faria à minha frente. Quando cheguei ao local, vi-o perto da entrada. Fizera questão de me acompanhar e aconselhar. Fiquei surpreendida e contente. Com a sua ajuda, pude escolher a dureza, a cor e o tamanho da pele. No dia seguinte, fez o chicote à minha frente. Ainda hoje o guardo com um carinho especial entre os muitos que comprei entretanto. Alguns anos mais tarde, voltei à mesma *sexshop* de Amesterdão. A nova proprietária disse-me que Elbert fora viver para a Austrália.

Quando não vou a eventos ou não tenho de poupar dinheiro para uma viagem, o dinheiro que reservo para o BDSM – em média, mais de um terço do meu orçamento – é gasto em roupa e acessórios. Como espartilhos, máscaras, sapatos, botas, chicotes. Uma das minhas últimas aquisições é uma algália, que ainda não tive oportunidade de usar num submisso. Mal posso esperar para o fazer.

Compro acessórios no eBay, em *sexshops*, a alguns amigos que os vendem. Quanto à roupa fetichista, é cada vez mais fácil de encontrar: qualquer loja vende umas *leggings* elásticas ou mesmo um corpete, qualquer loja vende sapatos com saltos altos, finíssimos, capazes de virar do avesso a cabeça de qualquer homem, fetichista ou não. Por serem indiscutivelmente *sexy*, roupas que estavam associadas a práticas sadomasoquistas saltaram nos últimos anos para as *passerelles* e fazem parte do guarda-roupa das mulheres mais insuspeitas. É um sinal dos tempos.

Mas não foi apenas na moda que as mentalidades mudaram. Tal como noutros países, muitas pessoas em Portugal começam finalmente a “sair do armário”. Assumem que vivem relações de dominação/submissão e até dão a cara. No FetLife já é possível ver fotografias de pessoas que não se escondem atrás de uma máscara. Muitos tabus estão a deixar de o ser. Programas de televisão sobre sexualidade começam a falar de fetiches como uma forma de apimentar a relação de casais ditos normais. Há livros e reportagens sobre BDSM um pouco por todo o lado.

Os curiosos são cada vez mais. Alguns deles confundem BDSM com *swing*. Pensam que envolve sexo ou orgias. Quando percebem que implica dor, controlo e regras e, em muitos casos, até fidelidade, desiludem-se. Desaparecem. Outros há que entendem o conceito, mas acabam por ter as primeiras experiências pelos motivos errados. Desiludem-se. Desaparecem também. É o caso de muitas jovens – com as quais me identifico de uma certa forma – que, por terem uma baixa autoestima, tentam encontrar no meio alguém que lhes dê um pouco de atenção. Não compreendem que um dominador a sério arrasa qualquer ponta de autoestima que ainda possuam. Faz parte da dominação usar as fraquezas, e muitas vezes os defeitos ou problemas físicos, para humilhar. Para uma pessoa que já está psicologicamente fragilizada, ouvir qualquer coisa como “Não vales nada, és uma gorda nojenta” não pode ser bom. Uma submissa inexperiente tem de ter a certeza de que, apesar de todos os seus problemas, gosta de BDSM. E tem de ser firme nessa convicção. É a única forma de ter prazer.

Quando eu tinha dezassete anos e quis entrar no meio, era tudo muito complicado. Havia um grupo fechado de pessoas com mais de trinta, quarenta anos, que via os jovens adultos como gente imatura e sem capacidade para compreender a essência do BDSM. Muito menos para praticá-lo. Tive de provar que chegara para ficar e uma forma de o fazer foi começar como submissa. Contra a minha vontade.

Hoje, uma jovem de dezassete anos tem acesso a muitas pessoas diferentes. O grupo cresceu e é mais afável, e ela não precisa de confiar ou agradar à primeira pessoa que encontra. Que a tenta enganar. Obtém mais facilmente o que procura, sem cedências.

O facto de ter demorado tanto tempo a ser respeitada, apenas porque era nova, é algo que lamento. É uma pequena mágoa que carrego. Porque me obrigou a fazer todo o meu percurso, às vezes muito árduo, praticamente sozinha. O que aprendi foi a pesquisar na Internet, em *sites* estrangeiros, em fóruns, em blogues, a ler fantasias e contos. Não tive madrinhas ou padrinhos. Não tive mentores. Nunca ninguém me convidou para assistir ou participar em sessões. A minha evolução foi feita à minha custa.

Atualmente, sinto que sou respeitada, embora não me sinta integrada. Em Portugal, a comunidade BDSM está partida ao meio devido a rivalidades absurdas. Há um grande grupo em Lisboa e há outro grande grupo no Porto. Os dois competem entre si e querem ser reconhecidos como o melhor. Brilhar mais.

Revejo-me nos dois e, ao mesmo tempo, em nenhum. Umás vezes identifico-me mais com a comunidade do Norte, outras com a comunidade do Sul. Mas a verdade é que não pertenço a uma nem a outra. Sou amiga de pessoas, não de grupos. Não hostilizo ninguém e não gosto de confusões. Mas pago por isso desde sempre. Quando era uma jovem estudante e não tinha dinheiro para excessos, gastava a muito custo a minha mesada para ir a festas. Ia pelo convívio. Ia para falar com pessoas que partilhavam os mesmos gostos. Mas voltava para casa quase sempre triste porque, como não tomava a posição de nenhum grupo, acabava por não ter o meu próprio grupo. Ia às festas, cumprimentava as pessoas, perguntava-lhes se estava tudo bem e pouco mais. Não conseguia passar disso. Não entrava na vida de ninguém; ninguém entrava na minha.

Hoje, já sou convidada para muitas festas particulares, tanto em Lisboa como no Porto, mas continuo a sentir que não faço parte de um grupo. Não gosto de intrigas e o meio BDSM está sempre a fervilhar. Critica-se as práticas, fala-se de quem é o melhor submisso ou a melhor submissa, quem tem o pior dominador ou a pior dominadora, quem usa as melhores ou as piores roupas, quem publica as melhores ou as piores fotos. Tudo serve para criticar. Mas, no final, o que conta é a determinação de cada um. Foi ignorando muitas opiniões que deixei de ser submissa. Foi fazendo tábua rasa de muitas vontades que me tornei a dominadora que sou. E Tiago, o meu primeiro escravo, serviu para confirmar tudo o que eu sabia desde criança: a minha felicidade estava na dominação.

## CAPÍTULO 7

### O meu primeiro submisso

Era uma manhã de junho, mas tive a sensação de acordar em outubro. Chovia e teria sido um dia bom para ficar em casa a estudar para os exames, não fosse uma consulta marcada há mais de um mês numa clínica do Porto. Como teria de percorrer quase cento e vinte quilómetros desde Coimbra, aproveitei para combinar também aquele que seria o meu primeiro encontro com um submisso. Chamava-se Tiago, vivia no centro do Porto e nunca nos tínhamos visto antes. Ele tinha vinte e oito anos e uma só experiência de submissão. Eu tinha dezanove e a forte convicção de que já era tempo de me tornar uma dominadora a sério. Começavam os meus encontros mais audaciosos e arriscados.

Tal como acontece atualmente com a grande maioria dos homens que domino, os primeiros contactos tinham sido feitos através da Internet, em canais de conversação sobre o tema BDSM. As nossas conversas fluíam ao sabor dos acasos do dia e das fantasias que nos assaltavam – as minhas a dominar submissos, as dele a submeter-se a dominadoras. Gostávamos de falar um com o outro, pelo que agendar um encontro foi fácil e natural. Marcámos para as três da tarde, logo após a minha consulta, no jardim da Cordoaria, perto da Torre dos Clérigos. Se os nossos diálogos num jardim romântico cheio de estátuas fossem tão estimulantes quanto os que tínhamos no canal virtual *#bondage* e se, além disso, gostássemos da aparência um do outro, talvez Tiago quisesse ser meu submisso. E as minhas fantasias de há tantos anos poderiam finalmente realizar-se.

Estava nervosa, ansiosa, excitada. Talvez um pouco insegura. Tudo o que eu tinha para lhe mostrar era o que imaginara ou ouvira de outras pessoas do meio BDSM. Gente com quem falava na Internet ou convivia em festas temáticas que frequentava com alguma regularidade, por todo o país, desde os meus dezassete anos. Tinha muita teoria na qual me apoiar, mas faltava-me a prática. Por outro lado, e estranhamente, sentia uma grande confiança. Algo me dizia que era capaz, que havia em mim o que era preciso para ser uma dominadora competente. Que, no fundo, era apenas uma questão de oportunidade.

Num dia normal, a consulta – para controlar o meu excesso de peso – teria sido importante. Estaria em pulgas para ouvir da boca do médico que os resultados eram os esperados e que tudo corria pelo melhor. Assim como estaria apreensiva com a hipótese de ele me dizer precisamente o contrário. Porém, naquele dia pensava apenas na possibilidade de fechar um acordo com Tiago. O acordo que me abriria as portas de um novo mundo e que, sei-o hoje, mudaria a minha vida para sempre.

Depois do duche, vesti umas calças de ganga e uma camisa azul marinho. A seguir, calcei umas botas pretas, com salto de cunha, que ainda guardo porque, de cada vez que as vejo, é como se me contassem histórias antigas, aventuras que não quero esquecer. Prendi um casaco de malha à volta da cintura, comi uma torrada e saí de casa. Conduzi até ao Porto com cuidado, por causa da chuva, e dirigi-me à clínica, que se situava perto da Torre dos Clérigos, tal como o jardim do nosso encontro. Pensei em enviar uma mensagem a Tiago e dizer-lhe que talvez devêssemos escolher outro local, mas o tempo estava a melhorar e a ideia do jardim agradava-me bastante. Talvez ainda fosse possível. Estacionei num parque



subterrâneo mesmo ao lado da Torre dos Clérigos e desloquei-me a pé até à clínica, onde fui vista pelo médico sem atrasos nem surpresas. Tinha perdido o peso que era esperado perder desde a última consulta e os exames que fiz revelaram que estava tudo bem. Fiquei satisfeita e ainda mais empenhada no esforço de perder peso. Saí para almoçar.

Parara de chover e o sol aparecera, forte. Como se tivesse brilhado toda a manhã. Acabava de comer uma sopa na esplanada de um pequeno café, numa rua próxima, quando recebi uma mensagem no telemóvel. Era de Tiago e dizia que já estava no jardim. Faltavam quarenta minutos para a hora marcada. Talvez estivesse ainda mais ansioso do que eu. Sorri e respondi que esperasse mais um pouco e me dissesse o que trazia vestido. Poderia assim reconhecê-lo, já que nunca o vira, nem mesmo em fotografias. Escreveu que vestia uma camisa aos quadrados azuis e que estava perto de uma bancada com “umas estátuas a rir”. Curioso, pensei. Sorri.

Bebi um café, sem pressa, paguei e atravessei a rua, focada numa camisa aos quadrados azuis que me apontasse Tiago. Havia pouca gente àquela hora e foi fácil encontrá-lo. Não perdi nem dois minutos. Estava perto de uns homens em bronze, todos eles de boca aberta, a rir às gargalhadas. Um deles tinha caído, de costas, não sei se de tanto se rir ou se empurrado pelos outros. Eram, de facto, umas estátuas curiosas. Soube mais tarde que aquela obra é criação de um artista espanhol, Juan Muñoz, que lhe chamou “Treze a Rir Uns dos Outros”. Tentei conter o nervosismo e sorri a Tiago enquanto caminhava na sua direção. O facto de ser um desconhecido agravava o meu estado de ansiedade, apesar das muitas horas passadas a conhecê-lo na Internet. Por isso, e embora o jardim fosse público, não me sentia confortável. Além disso, era a cidade dele. Não a minha. Quando percebeu que a estranha que lhe sorria era eu, sorriu-me de volta.

Era alto e moreno, mas não de uma beleza estonteante. O típico homem normal. O que mais me atraiu nele foi o sorriso, muito branco e de uma assimetria encantadora. Há defeitos interessantes. Era um sorriso nervoso, mas ao mesmo tempo muito atraente. E denunciava uma ansiedade maior do que a minha. Foi dessa denúncia involuntária que retirei a confiança de que precisava para começar a assumir-me, finalmente, como a dominadora que sempre sonhara ser.

– Senta-te – mandei, enquanto pousava a carteira no banco mais próximo.

Tiago obedeceu. Sentei-me ao lado dele. Conhecia já muitas das suas fantasias, preferências e medos. Nas nossas muitas trocas de mensagens, dissera-me, entre outras coisas, que suportava mal a dor. Depois da conversa fiada sobre como tinha corrido a minha viagem, o que fazia ele na empresa onde trabalhava e como era agradável o sol ter aparecido, decidi saber um pouco mais sobre a sua baixa tolerância à dor. Preocupava-me um pouco, por poder ser limitativa. Perguntei-lhe o que pensava sobre isso. Um bom submisso deve não só gostar de dor como suportar doses brutais. Tiago acreditava que talvez uma maior experiência lhe desse a resistência de que um bom submisso precisa. Eu esperava que sim. E esperava principalmente ser eu a dar-lhe essa vivência.

– Outra coisa: não posso ter marcas duradouras – avisou.

– Porquê?

– Por causa da minha namorada. Não imagina que estou aqui, que gosto destas coisas. As marcas fariam com que desconfiasse. Percebes?

– Sim – respondi, sem fazer qualquer juízo de valor relativamente ao que ele acabava de me contar.

Perguntei-lhe se estava nervoso, se era saudável, se tinha algum tipo de alergia. Respondeu que sim, que sim e que não, mas que era incapaz de comer queijo.

– Não consegues comer porque não gostas, mas não és alérgico. É isso?

– Exatamente... – confirmou, hesitante e com um olho semicerrado, como se suspeitasse que a minha pergunta não era completamente inocente.



A conversa continuou animada. Entre outras fantasias, disse-me que gostaria de participar numa sessão em que estivesse mais alguém a assistir. Alguém, além da dominadora. Disse-me também que adorava ser humilhado verbalmente. Fiquei muito bem impressionada com tudo o que me revelava. Pareceu-me que poderia contar com ele para uma relação de dominação e submissão, que a sua entrega seria boa. No entanto, quis testá-lo um pouco.

– Estás a ver aquele senhor que vem ali? – questionei, olhando para a esquerda, onde um homem com cerca de sessenta anos caminhava na nossa direção. – Deixa-o passar e beija-me as botas.

A baixa resistência de Tiago à dor seria sem dúvida um inconveniente numa eventual sessão. Por isso, queria certificar-me de que a sua vontade de submissão era total. Quis ter a certeza de que poderia, pelo menos, contar com uma obediência cega. Cruzei as pernas. Quando já não se via ninguém por perto, e sem me questionar sobre a forma como teria de o fazer, pôs os joelhos na terra ainda húmida. Começou então a beijar as minhas botas sem tentar evitar algumas zonas de lama seca. Sem querer, olhei por breves instantes para as esculturas. Riam-se de Tiago. Tinham finalmente um motivo. Mandeí-o sentar-se de novo, o que fez com um sorriso irresistível. Tive a certeza absoluta, naquele instante e graças àquele sorriso, de que o queria como submisso. Falámos mais um pouco, até que a pergunta por que eu tanto esperara surgiu finalmente, melodiosa e perfeita. Como num sonho.

– Aceita-me como seu submisso, minha senhora?

– Aceito – acedi, com um ar sério e contido, que escondia um coração aos pulos.

Poucos dias depois, combinámos a nossa primeira sessão, numa conversa ao telemóvel. Naquela altura, eu vivia num quarto arrendado em Coimbra, onde estudava, mas a senhoria não autorizava visitas porque morava na mesma casa. Usar o meu próprio quarto estava, portanto, fora de questão. A sessão realizar-se-ia num motel, a cerca de vinte quilómetros, o Príncipe Encantado, numa quinta-feira à noite. Nesse dia, acordei com a visão de mim própria a chicotear um homem nu. Senti-me excitada e, ao mesmo tempo, apreensiva. Sabia que o mesmo Tiago que se revelara um anjo no jardim público poderia transformar-se num monstro entre quatro paredes. Mas sabia também que a minha vontade de dominar um desconhecido não iria diminuir por causa disso. Arriscaria o que fosse preciso para ter essa experiência. Por outro lado, sentia-me um pouco insegura. Não sabia, como sei hoje, provocar a dor na medida certa. Desconhecia os limites e isso intimidava-me. Tiago confiava em mim, mas eu não confiava em mim própria. E se algo corresse mal?

No final do dia, vesti um vestido preto pelo joelho, muito simples, uns sapatos altos da mesma cor e enchi uma mochila com acessórios para usar durante a sessão. Jantei, fui ao armário buscar um casaco de malha encarnado que nunca usara e saí, de carro, em direção a um parque de estacionamento que ficava numa pequena localidade, a dez quilómetros do motel. Tínhamos combinado seguir juntos a partir dali. Quando cheguei, ele já estava à minha espera, vindo do Porto. Tinha caído a noite. Parei mesmo ao lado, peguei na mochila e vi-o abrir a porta para que eu entrasse no carro. Estava de calças de ganga, camisa azul clara, pulôver e blusão castanhos. As pontas do cabelo escuro estavam ainda mais escuras, húmidas de um banho recente. Gostei de ver que mantinha o sorriso encantador que tanto me impressionara no primeiro encontro. Saí do meu carro e entrei no dele.

Tiago cheirava bem e sorria muito. Senti que estava nervoso porque sorria cada vez mais. Sorria demasiado. Desejava tanto aquela sessão que não conseguia disfarçar a ansiedade. Sem tirar o sorriso nervoso que lhe ocupava metade do rosto, arrancou determinado, como se conhecesse o caminho. Tal como sucedera no jardim da Cordoaria, o nervosismo dele teve em mim um efeito calmante. Durante a viagem, fiz-lhe algumas perguntas corriqueiras, que serviam principalmente para perceber o seu nível de ansiedade. Ainda hoje tento fazer o máximo de perguntas aos meus submissos. É uma forma de saber se posso agir de uma forma mais forte ou se, pelo contrário, tenho de ser mais contida. Perguntei-lhe como

tinha sido o dia, se estava cansado, se fora fácil chegar ao local combinado. Tiago respondia sem pensar. Era a excitação a falar por ele.

– A partir daqui, não sei muito bem por onde devo seguir – admitiu, já muito perto de uma rotunda que parecia não ter indicações.

Eu também não sabia. Nunca tinha estado naquele motel antes. Aliás, nunca tinha estado em nenhum motel antes.

– Experimenta virar na primeira à direita – atirei, fazendo fé na minha intuição.

Tiago entrou na estrada que lhe indiquei mas, depois de passarmos por várias aldeias, não havia forma de encontrarmos o que procurávamos. Parou o carro perto de um café com uma pequena esplanada onde estavam sentados alguns homens e, sem sair, perguntou a quem quisesse responder qual a melhor forma de chegar ao motel. Um deles levantou-se, apoiou os dois braços no vidro aberto, mesmo ao meu lado, e disse-nos qual era o caminho mais curto, enquanto deitava um olhar guloso às minhas pernas.

Estávamos apenas a dois ou três quilómetros, mas a ansiedade de Tiago agravava-se a cada minuto. Respirava fundo e sorria. Sorria e respirava fundo. Seguimos, confiantes nas indicações. Pouco depois, tínhamos à nossa frente cinco letras iluminadas a luz amarela, no meio da escuridão. A palavra “motel” provocou em Tiago mais uma respiração profunda. Desta vez de alívio. E foi como se a ansiedade o abandonasse para se apoderar de mim. O ar do carro não era suficiente para encher os meus pulmões, o coração batia-me na garganta, as minhas mãos transpiradas não paravam de se limpar ao vestido. Para ter a certeza de que tudo aquilo não era apenas um sonho, belisquei-me na coxa. Ai! Estava mesmo a poucos minutos de dominar um desconhecido pela primeira vez.

Tiago parou o carro em frente ao guiché, uma guarita onde uma funcionária recebeu das mãos do meu submisso o cartão de crédito para o pagamento de quarenta euros. Enquanto abria a cancela, deu-nos uma chave com um número de dois dígitos, correspondente à porta de uma garagem que ficava no meio de dezenas de outras garagens. Todas elas individuais, por uma questão de privacidade. Era tudo muito estranho, mas pareceu-me um esquema bem pensado, já que a probabilidade de nos cruzarmos com outras pessoas era muito baixa. Como convinha. Vimos o nosso número e entrámos. As duas garagens contíguas estavam abertas, o que poderia indicar que os quartos vizinhos estavam vazios. Melhor assim. Estaríamos mais à vontade. Sem sair do carro, Tiago abriu novamente o vidro e pressionou um botão na parede para fechar a garagem. Saiu e ligou a luz. Depois, abriu a porta do meu lado para que eu saísse também.

– Não me cumprimentaste como devias. Estou à espera – disse-lhe, ainda dentro do carro, em jeito de início da sessão.

Tiago ajoelhou-se e beijou-me os pés calmamente, sem retirar os sapatos.

– Chega. Segue-me e traz a mochila e o meu casaco.

Saí, afastando-o com a mão, ainda ele estava ajoelhado, e dirigi-me às escadas que levavam ao quarto. Tiago subiu depois de mim, com a mochila e o casaco de malha vermelho no braço. Abriu a porta e afastou-se para que eu entrasse primeiro. O quarto era forrado a espelhos. Um em forma de coração à cabeceira, outro em forma de sol na parede da frente e ainda outro, retangular, por cima das nossas cabeças, a ocupar grande parte do teto. Ao contrário da ideia que eu tinha de que as camas dos motéis eram todas redondas, a do nosso quarto era perfeitamente normal, parecida com a do quarto dos meus pais. O que a distinguiu das outras era o facto de o lençol de cima ter sido dobrado de uma forma engraçada, que lembrava um nenúfar todo plissado. Dava pena desfazê-lo, mas estava lá para isso. Num canto, perto da porta de entrada, havia uma pequena mesa de madeira com duas cadeiras e, ao lado da cama, uma poltrona em tecido bege. A luz vermelha a sair da cabeceira da cama dava o toque sexy e um pouco decadente que a maioria dos motéis cultivava. Posso afirmar isso, agora que conheço vários. Perto

da mesa, reparei num pequeno armário de parede que achei curioso. Saberia pouco depois para o que servia.

Olhei para Tiago. Não se mostrava surpreso com nada. Já tivera antes a experiência de estar num motel, com a namorada. Além disso, bastava olhar com atenção para perceber que Tiago e o seu sorriso nervoso não estavam sequer no quarto. Tinham voado para um momento e um local que não eram aqueles, extasiados com a perspectiva de um futuro próximo, onde a humilhação e a felicidade caminhariam de mãos dadas.

Deixei-o sonhar mais um pouco e continuei a explorar a *Suite Luxo*, como lhe chamavam no Príncipe Encantado. Tinha alguns quadros baratos nas paredes, todas brancas, e uma alcatifa escura no chão. Achei a casa de banho demasiado pequena, a contrastar com o tamanho do quarto, que me pareceu razoável. Não pude deixar de pensar nas dezenas, talvez centenas, de pessoas que já tinham estado ali. No que teriam ido lá fazer, nas sensações que aquele quarto lhes proporcionara. Imaginei casais de namorados inexperientes, amantes clandestinos, praticantes de BDSM como nós. Senti o cheiro dos hálitos excitados, dos corpos suados, dos cigarros fumados. Sentei-me em cima da cama, bem ao meio, e chamei-o. Uma calma enorme tomava conta de mim. A calma de quem está a fazer aquilo para que nasceu.

– Dá-me a mochila e põe-te de quatro.

Ele assim fez. Retirei do interior da mochila uma coleira preta comprada numa loja para animais e coloquei-a à volta do seu pescoço. Fazer dele um cãozinho obediente pareceu-me uma boa forma de arrancar mais a sério com a sessão, que não tinha programado ao pormenor. Sabia o que queria experimentar, mas não a ordem por que iria fazê-lo. A sessão teria de fluir, pelo que essa escolha seria feita à medida que as coisas acontecessem e tendo em conta a forma como aconteciam. Ainda hoje é assim. Decido o que fazer consoante as reações dos meus submissos, que podem portar-se bem ou mal, aguentar muito ou pouco, resistir mais ou menos. Cada caso é diferente do outro. E é tudo isso que orienta a sessão e determina a sequência.

Prendi uma trela à coleira e levantei-me para o passear. Puxei-o um pouco e andei junto à cama, de um lado para o outro. Várias vezes, devagar. Tiago movimentava-se com dificuldade, talvez por ser muito alto. E eu não gostava da forma atabalhoada com que me acompanhava. Que ridículo. Decidi dar-lhe alguns puxões fortes na trela. Ele tentava a todo o custo acelerar o ritmo, mas tropeçava no blusão. Quase caiu.

– Tira a roupa toda, mas continua de quatro, como cão que és – disse, dando um último puxão forte na trela, desta vez para trás, para o fazer parar.

– Sim, minha senhora.

Começou por tirar os sapatos. Depois, tirou as calças, o blusão, o pulôver e a camisa. A posição, assim como a trela e a coleira, que permaneciam no seu pescoço, dificultavam a operação.

– Onde está o fio dental que te mandei comprar? – perguntei, furiosa por verificar que Tiago usava *boxers* em vez da tanga que lhe ordenara que comprasse, numa mensagem que enviara para o seu telemóvel dois dias antes.

– Perdão, minha senhora. Foi impossível. Não tive tempo – gaguejou Tiago, com a voz a sumir.

– Isso é uma falta de respeito e podes ter a certeza de que vais aprender a respeitar a tua dona.

– Sim, minha senhora.

– Agora tira isso. Despacha-te. Não serves mesmo para nada, pois não?

– Não, minha senhora. Não sirvo para nada.

Quando Tiago estava finalmente nu, deixei que um silêncio incómodo invadisse o quarto e comecei a analisá-lo até ao mais pequeno detalhe. Caminhei à sua volta, sem pressa, para verificar se estava limpo.

Verifiquei que não era demasiado peludo e que tinha um corpo bonito. Gostei especialmente das costas e dos ombros bem delineados. Aprovei-o sem lho dizer. Depois, parei à sua frente, puxei-lhe o cabelo para trás com toda a força e cuspi-lhe no rosto, surpreendendo-me com a minha própria ousadia. Não tinha previsto aquela cuspidela, mas sentira uma vontade incontável de o fazer e resultara na perfeição. Na minha cabeça, naquele instante, confirmava-se que tinha tudo para humilhar sem dó. Senti-me poderosa.

– Quem é que manda? – perguntei, com uma confiança que me inchava o peito.

– Quem manda é a minha senhora – respondeu Tiago numa voz trémula mas suficientemente firme para que eu não tivesse dúvidas.

– Sabes o que és?

– Sou um reles escravo, minha senhora – admitiu, sempre a olhar para o chão.

– E para que serves?

– Estou aqui para lhe dar prazer, minha senhora.

– E vales alguma coisa?

– Não. Nada. Não valho nada, minha senhora.

A humilhação verbal estava apenas a começar quando tocou a campainha. Assustei-me e vesti o casaco à pressa, sem saber por que razão o fazia. E o susto foi tal que me esqueci da sessão, do BDSM, do que me tinha levado ali. Naquele momento deixei de me sentir poderosa, para ser apenas uma rapariga assustada. Quem seria? Mas, mais uma vez, Tiago não parecia surpreendido. Sem perguntar se lhe era permitido levantar-se, dirigiu-se ao armário de parede – que servia afinal para os funcionários entregarem os pedidos sem serem vistos – e retirou do interior uma garrafa de champanhe e duas taças. Estava tudo bem. Fiquei mais aliviada. Reassumi o meu papel.

Tirei-lhe a garrafa da mão e coloquei um pouco numa tigela para cão que também trouxera na mochila. Pus mais um pouco numa taça e comecei a beber. Ele ficou parado, à espera de instruções. Sem que tivéssemos falado, estávamos de novo no jogo. Ganhei confiança.

– Vou ter de te explicar onde é que vais beber? Não sabes como fazem os cães?

Tiago pôs-se de novo de gatas e tocou com a língua no líquido. Depois, lambeu várias vezes. Parecia mesmo um cão com sede. O seu pénis, nem grande nem pequeno, aumentava à medida que o champanhe desaparecia. Começava a ficar excitado. Eu também. Tiago esvaziou a tigela em menos de três minutos.

– Agora sobe para a cama. Ainda não pagaste por não teres comprado o fio dental nem pela forma desajeitada como caminhaste há pouco. Devias ter vergonha.

Tiago fez o que mandei e aguardou naquela mesma posição, de quatro patas, como um cão, que eu tirasse todos os acessórios da mochila e os colocasse na mesa. Assim seria mais fácil ir buscar um, sempre que fosse necessário. Peguei numa colher de pau, mandei-o juntar os pés e comecei a bater-lhe nas plantas. Era a primeira vez que fazia um “bastinado” – o nome que se dá à prática de espancar as solas dos pés. Mas, além de não ter os acessórios adequados, como tenho hoje em dia, não sabia a força que poderia usar. Comecei devagar, para que nada corresse mal. Mesmo assim, era óbvio que ele estava a passar um mau bocado. Esforçava-se ao máximo por não mostrar fraquezas, por não me desiludir, mas mordida os lábios. Como se os quisesse pregar um ao outro para impedir a saída de um grito traiçoeiro. Mas o seu pénis perdera o vigor e denunciava um Tiago que sofria sem retirar daí qualquer prazer.

– Sabes muito bem que mereces – afirmei quando parei, por ver que o pé esquerdo começava a ficar roxo.

Talvez ele ainda suportasse mais algumas golpadas, mas não valia a pena arriscar. Não na primeira vez que o fazia. Tinha de ser cuidadosa. Além disso, havia tanta coisa para experimentar. Fui de novo até junto da mesa, de onde tirei uma tanga de fio dental escura e uma camisa de noite muito curta em tule



cor de rosa, com uma renda preta a toda a volta e um pequeno laço no decote. Duas peças de roupa muito femininas e ridículas, para Tiago usar juntamente com a coleira.

– Veste isto e desfila para mim. Quero ver se tens talento – sussurrei-lhe ao ouvido, enquanto lhe tirava a trela.

Vestiu a roupa sem qualquer problema, mas corou na altura de desfilar. Deu alguns passos tensos em frente à cama, enquanto eu apreciava a cena, sentada na pequena poltrona. Tiago mal podia andar. Era muito humilhante. Talvez demasiado humilhante para ele. Logo, perfeito para mim.

– Fraco. Muito fraco. Estás a desfilar para a *Victoria's Secret* e é isso que tens para mostrar? Só paras quando eu achar que estás nesse nível. Percebeste? E espero sinceramente não ter de te castigar de novo.

– Sim, minha senhora.

A ameaça que pairava agora sobre os seus pés ainda doridos libertou-o. Acelerou o passo e pôs-se a abanar as ancas, a entrar no jogo. Ficou à vontade. Não pude conter uma gargalhada. Dava voltas como as modelos na *passerelle*, fazia poses e sorria encantadoramente. Os seus olhos brilhavam de satisfação. Estava a gostar. Mas eu não permitiria que se divertisse mais. Não era para isso que ali estávamos.

– Para, para! Já chega. És tão ridículo que dá pena. Vamos ver se também te divertes com o que te vou fazer a seguir.

– Sim, minha senhora – respondeu.

O brilho dos olhos apagou-se, mas a camisa fina deixava transparecer um pénis outra vez com vida.

– Tira a camisa, dobra-a e coloca-a em cima da mesa.

Tiago tirou a camisa de noite e fez o que ordenei. Era um cão obediente, de coleira e tanga, que continuava tão ridículo como excitado. Com uma mão em cima da mesa, agarrei em várias molas de madeira e, com a outra, acariciei-lhe o peito. Senti um coração a galopar. Devagar, pendurei uma mola perto do mamilo direito. Não se queixou. Fiz o mesmo com outras seis, todas colocadas à volta do mesmo mamilo. Tiago fechou os olhos e mordeu os lábios. Eram mordidelas de prazer, acompanhadas de pequenos gemidos que me arrepiavam. Fiz o mesmo do lado esquerdo: meia dúzia de molas a apertarem-lhe a pele, numa dor constante. Com o passar dos minutos, Tiago parecia cada vez mais descontraído. Deixava-se levar por uma felicidade que só quem gosta de dor compreende. Foi nessa altura que abri as minhas mãos e bati nas molas. Tremeram, agarradas à pele, sem caírem. Tiago queixou-se.

– Ai! – deixou escapar, sem acrescentar o “minha senhora”.

– Não estou aqui para te facilitar a vida. Ou estou?

– Não, minha senhora. Peço desculpa.

Fui retirando as molas, uma a uma, sempre a bater nas que ficavam. Tiago continha os “ais” como podia e respirou fundo quando tirei a última.

– És mesmo fraco. Cada vez mais, acho que não mereces estar aqui comigo.

Ele baixou a cabeça, envergonhado. A seguir, mandei-o encostar-se à parede, em pé, virado para um canto do quarto. Enquanto permanecia naquela posição, de castigo e sem conseguir ver o que eu fazia, coloquei algumas folhas de jornal no chão, para proteger a alcatifa. Chamei-o e disse-lhe que se colocasse em cima das folhas, de gatas, e tirasse a tanga. Cumpriu as minhas ordens, cabisbaixo. Acendi uma vela branca. Apontei a chama para a minha cara, por baixo do queixo, e fiz um sorriso malévolo, que ele não viu por não lhe ser permitido olhar para mim. Depois, pus a vela por cima das suas nádegas, inclinei-a devagar e deixei verter algumas gotas de cera quente. Os dedos dos pés de Tiago contraíram-se, mas conseguiu manter-se quieto.

Preparava-me para repetir a operação quando vi que tinha as nádegas muito vermelhas. Não sabia se era normal, pelo que decidi retirar a cera da pele com os dedos, antes que a vermelhidão se agravasse. Foi quando tive uma vontade irresistível de lhe cravar as unhas ali mesmo, onde já doía. Fi-lo sem

piedade, arranhando-o ao longo da zona afetada. Rendido àquela dor insuportável, Tiago encheu de gritos o ar queimado pela chama. Enfiei dois dedos na coleira e puxei-o para junto de mim. Colei a minha cara à dele.

– És um frouxo. Só me desiludes.

Não havia condições para continuar com a cera. Retirei as folhas de jornal, dobrei-as e coloquei-as na casa de banho, enquanto ele esperava por mim, imóvel e com um ar sofredor. Estava ainda a recompor-se quando voltei. Peguei na trela que estava em cima da cama, prendi-a novamente à coleira que se mantinha à volta do seu pescoço e montei-o, como se monta um cavalo. Sem tocar com os pés no chão, para que sentisse nas costas a totalidade do meu peso.

– Anda, cavalinho, anda!

E o cavalo andou. Teria trotado, quem sabe até galopado, se o espaço fosse mais amplo. Como era pequeno, limitava-se a contornar a cama, a passo e o melhor que conseguia. Pouco depois, começou a arfar.

– Não passas de um cavalo velho e cansado. Continua.

Quando passávamos junto à poltrona, deixei-o parar. Sentei-me e ordenei-lhe que me tirasse os sapatos e me massajasse os pés. Foi uma surpresa agradável constatar que Tiago tinha mãos de ouro. Começou pela planta, que massajou com os polegares, em movimentos circulares. Tão bem que deixei de sentir os pés. Fez o mesmo em cima, por pequenas áreas, e terminou a puxar lentamente cada um dos meus dedos.

– Agora, beija-me os pés.

Começava a aproximar a cabeça para cumprir a ordem mas, antes que pudesse fazê-lo, enfiei-lhe os dedos dos pés dentro da boca. Sem tirar os *collants*. Não se intimidou. Segurou-me os pés com as mãos e começou a lambe e a beijar, até encharcar todo o tecido das meias. Sem o saber, Tiago humedecia também as minhas cuecas, de excitação. Mas era uma excitação suave, controlada. Massajou-me os pés durante mais alguns minutos. Senti-me calma e descontraída, ao ponto de fechar os olhos e recostar a cabeça para trás. Tiago passara no teste. Voltei a mim.

– Deita-te no chão, de costas.

Tirou um dos meus pés da boca para conseguir dizer: “Sim, minha senhora.” Ainda sentada na poltrona, comecei a pisar-lhe a barriga. Depois o pénis, os testículos, novamente a barriga, o queixo, os lábios. Tive vontade de fazer tudo aquilo de pé, mas o medo de o magoar demasiado era maior. Sentada, controlava melhor a força que fazia.

– Gostas do sabor dos meus pés, das minhas meias?

– Cheiram bem, minha senhora. Adoro o seu sabor.

Sorri sem que ele se apercebesse. A massagem, os beijos e até as respostas tinham corrido bem. Tiago merecia um mimo. Por isso, mandei-o pôr-se de gatas. Puxei-lhe a cabeça e encostei-a às minhas coxas. Acariciei-lhe o cabelo como se acaricia o pelo a um cão obediente. Quando o senti mais descontraído, quase à vontade, arranhei-lhe as costas com força. De tal maneira que ele tentou desviar-se, sem pensar nas consequências.

– Não devias ter feito isso.

– Pois não, minha senhora.

– Vira-te.

Ele virou-se e dei-lhe três palmadas nas nádegas. Suportou-as com dignidade.

– Gostaste? – perguntei-lhe ao ouvido.

– Sim, minha senhora. Gostei muito – respondeu.

– Como a sessão acabou bem, podes ficar com o fio dental. É uma oferta. Mas terás de o trazer já



vestido da próxima vez.

Tiago tinha gostado tanto que quis combinar a sessão seguinte. Eu também queria repetir, mas teria de haver algo de novo, algo de diferente. Lembrei-me da fantasia que implicava alguém a observar. Porque não? O encontro foi marcado para dali a três semanas e incluía um fator adicional: uma amiga minha, de longa data, que estudava em Coimbra e era também dominadora pouco experiente, iria assistir. A surpresa seria revelada a Tiago apenas na noite da sessão.

Entretanto, enviei-lhe algumas mensagens com ordens, para serem cumpridas durante o tempo em que não estávamos juntos. Afinal, era o meu submisso. Teria de obedecer aos meus caprichos, mesmo à distância. Lembro-me de uma em especial: comer duas fatias de queijo de cabra. Na noite combinada, encontrámo-nos com Tiago no mesmo parque de estacionamento, a poucos quilómetros do mesmo motel. Sorri como um lunático quando viu que éramos duas. Mais ainda do que nos encontros anteriores. Entrámos no carro dele e apresentei-os.

– Tiago, é a Laura. Veio comigo para assistir à sessão.

– Olá, Laura.

Ela acenou com a cabeça, sem dizer nada, e esboçou um sorriso forçado, que não durou mais de um segundo. Depois, ficou séria e calada, e assim permaneceu até chegarmos ao motel. Desta vez, não houve enganos no caminho. Decidi aproveitar a viagem para fazer as perguntas da praxe a Tiago. Se estava tudo bem, se se sentia em forma, se tinha obedecido a todas as ordens, tal como eu mandara.

– Fiz tudo o que mandou, minha senhora. A única ordem que não consegui cumprir foi a que me obrigava a comer duas fatias de queijo – reconheceu. – Não que não tenha tentado. Ainda comi uma, mas vomitei antes de provar a segunda.

Abanei a cabeça, em sinal de desaprovação. Como se lhe chamasse fraco ou frouxo. Quando chegámos ao motel, Tiago pagou os mesmos quarenta euros, apesar de sermos três. Penso que o preço não se alteraria se fôssemos dez. Já no quarto, Laura sentou-se na poltrona. Não me recordo de a ouvir dizer uma única palavra.

– Despe-te – mandei, mal a porta se fechou atrás dele.

Tirou a roupa e vi que, por baixo de umas calças beges, trazia as cuecas de fio dental que lhe oferecera na primeira sessão. Sorri só com os olhos. Usava a roupa mais comum do mundo por fora, mas uma tanga de mulher por baixo dessa mesma roupa. Imaginei-o a sair assim vestido de casa dos pais, com quem ainda vivia, e senti-me excitada. Mandar num homem desta maneira dava-me uma sensação de poder indescritível. E ninguém pode negar que o poder é excitante. A sessão prosseguiu com as mesmas experiências, praticamente, embora a sequência tenha sido outra. Deixei o bastinado para o fim, por saber que ele tolerava muito mal aquele tipo de dor. Imediatamente antes, porém, ordenei-lhe que desse prazer à minha amiga. Sabia que ela gostava de misturar sexo com BDSM, embora não fosse esse o meu caso. Raramente deixo que um submisso me toque numa sessão. Invertiam-se assim as posições entre mim e ela.

Sentei-me na poltrona para assistir e ela sentou-se na cama. Tiago compreendeu exatamente o que deveria fazer a Laura. Ela levantou a saia curta e afastou as pernas. Ele tirou-lhe as cuecas de renda escura e abriu-lhe a vagina com a língua. Depois, lambeu-a como se fosse champanhe. E fê-lo tão bem que a minha amiga, muda até então, começou subitamente a gemer. Era a primeira vez que lhe ouvia a voz desde que entráramos no quarto. Tiago não tinha autorização para lhe tocar. A não ser ali. A não ser com a língua. Nada de mexer nos seios, nas coxas, no cabelo escuro. Apesar disso, Laura contorcia-se de prazer. E o sexo duro de Tiago, que testava a resistência da minúscula tanga, revelava que estava a gostar tanto como ela. Ouvi-o gemer baixinho, mas os sons dele não eram admissíveis. Um reles submisso tem prazer em silêncio. Não incomoda ninguém com isso.

– Calado! – gritou ela, para continuar a gemer sozinha, cada vez mais alto.

A onda de excitação que percorria o corpo de Laura recuou então até às entranhas para voltar ainda mais violenta e rebentar entre as suas coxas já encharcadas em saliva e prazer. Debateu-se contra os seus próprios espasmos e gritou em voz alta, sem se conter, quatro ou cinco vezes. Depois, calou-se. Sem dirigir uma palavra ou um olhar a Tiago, afastou-o bruscamente, empurrando-lhe a cabeça com o joelho. O meu submisso quase caiu. Laura levantou-se, baixou a saia e dirigiu-se à casa de banho para tomar um duche. Enquanto isso, decidi fazer o “bastinado”. Estava curiosa. Queria ver se ele seria mais forte desta vez.

– De quatro, em cima da cama. Já!

– Sim, minha senhora.

Peguei na palmatória, a mesma colher de pau que utilizara na primeira sessão, e comecei a bater-lhe na sola dos pés. Tal como na primeira sessão, tornaram-se roxas rapidamente. Tiago não falava, não gritava, apenas enchia as bochechas de ar e fazia cara de quem ia começar a chorar a qualquer momento. Como uma criança de quatro anos.

– AMARELO! – soltou, sem qualquer pré-aviso.

E eu não queria acreditar. Tiago acabara de usar a *safeword* – uma palavra de segurança, previamente acordada, para ser dita nas sessões quando se ultrapassa um limite de dor, quando já não se aguenta mais. Implica parar tudo para evitar que algo corra muito mal. Mas Tiago não se queixou antes de dizer “amarelo”. Não disse “ai”, não pediu “para, por favor”, não confessou “não aguento mais”. Desiludiu-me e envergonhou-me perante outra dominadora. Imperdoável.

– A sessão chegou ao fim, Tiago. A partir do momento em que dizes a *safeword*, a sessão acaba, porque significa que achas que ultrapassei o teu limite. És mesmo fraco! Veste-te e vamos embora.

Laura, que tinha entretanto voltado para o quarto e assistira àquela cena, não se manifestou. Enquanto Tiago se vestia, ela ajudava-me a arrumar os acessórios na mochila. Aproveitei para desabafar. Sentia-me desiludida e até revoltada.

– Não aguenta a mais pequena dor. Viste que não se queixou nem me pediu para parar? Disse logo a *safeword*. E estava a ser tão cuidadosa.

Tiago vestiu-se e saímos os três. A viagem de volta até ao meu carro fez-se em silêncio absoluto por causa daquela palavra. Amarelo.

Laura não se despediu dele. Levantou-se, bateu com a porta e desapareceu. Ficámos os dois no carro. Já não éramos dominadora e submisso, mas apenas duas pessoas num carro, sem nada de importante para falar.

– Adeus – disse-lhe, friamente, antes de sair.

Nunca mais o vi. Nunca mais falei com ele. Nunca mais soube nada dele. Mas aprendi uma lição, uma das mais importantes: dali em diante só aceitaria submissos fortes. Só não sabia ainda que um deles, Henrique, seria quase tão forte como eu.

## CAPÍTULO 8

### A Barbie veste latex

Foi a brincar com Barbies que descobri o que realmente me excitava e fazia vibrar. Na privacidade do sótão da casa dos meus pais, perto de Coimbra, tudo me era permitido. E foi-o durante muito tempo, até aos meus 14 anos. Brincava sozinha horas a fio, tardes inteiras, e mesmo à noite, depois de jantar. Nos dois quartos de teto inclinado, um para acomodar visitas e o outro para arrumar o passado em caixas, o tempo tornava-se irrelevante. Assim como o que era considerado normal ou aceitável. Os bonecos não se ofendiam nem se chocavam. Limitavam-se a fazer o que eu queria, sempre com aquele sorriso estático nos lábios.

Cheguei a ter dezasseis Barbies, mas nunca tive mais de dois Kens, um louro e outro moreno, que se desdobravam nos mais variados papéis e eram batizados com nomes diferentes em todos eles. João, Filipe, Pedro, António. Mas principalmente Rui, o nome do meu vizinho da casa em frente, por quem, na altura, tinha uma paixoneta. Colocava os dois em todas as cenas, onde trabalhavam a dobrar, a triplicar, para compensarem o excesso de bonecas mulheres. Pode dizer-se que eram bastante explorados em número de horas de trabalho, mas não só.

Ao contrário da maioria das meninas da minha idade, eu não fantasiava com histórias de fadas e princesas em universos encantados. As minhas Barbies não eram donzelas em perigo, cuja aventura terminava com um reconfortante beijo nos lábios, invariavelmente ao de leve, e a promessa de um casamento eterno e feliz. Longe disso. A minha imaginação era bem mais dramática e culminava quase sempre com um Ken humilhado, abusado, maltratado até à exaustão. Sem piedade.

No sótão onde o meu pai guardava os livros que já não lia e a empregada engomava a roupa, eu embrulhava e desembrulhava o meu próprio estômago ao sabor das sensações mais excitantes e incompreensíveis. As minhas brincadeiras maliciosas eram o meu maior segredo. Um segredo bom e indecente.

Não tinha preferência por nenhum dos dois quartos do sótão. A escolha dependia apenas da história. Era a aventura que determinava o quarto. Lembro-me de uma, que fazia as minhas delícias de adolescente, em que descobria o meu próprio corpo. Entrava no quarto mais pequeno – que tinha muito espaço no chão devido à ausência de cama –, munida de todo o material de que precisava: gavetas, estantes, bancos e peças de Legos transformavam-se em palácios, mobília para palácios, muros, carros, animais.

E o que se passava em seguida pode ser descrito como um momento mágico: os meus olhos apagavam a velha máquina de costura da minha mãe, as revistas empilhadas do meu pai e a roupa da estação anterior encaixotada, à espera de uma nova oportunidade. Também suprimiam o teto e as duas pequenas claraboias. Tudo desaparecia para surgirem caminhos de terra em campos verdejantes e um sol brilhante num céu azul, que só eu podia ver. Era então que a história começava.

A protagonista chamava-se Maria, uma Barbie ginasta que era a minha favorita porque dobrava sem

esforço, pelos joelhos, as longas pernas de borracha. Nesta aventura, a minha boneca articulada encarnava uma princesa medieval que ia ao mercado comprar escravos num leilão, acompanhada do seu capataz. Tinha herdado há dias muitos hectares de terra e precisava de mais mão de obra. Enquanto o capataz observava um inventário dos escravos que poderiam ser comprados, com a respetiva descrição sobre as mais incríveis capacidades físicas e intelectuais, Maria, já com muita sede naquele meio do dia ardente e abafado, afastava-se um pouco para beber água. No caminho, cruzava-se com um dos escravos, o Ken moreno, que se preparava para o leilão. Ela pedia-lhe água e, para sua surpresa, ele respondia-lhe com brusquidão que não era propriedade dela, o que só servia para atizar o apetite da Barbie, sempre pronta a dobrar os servos mais resistentes.

– Não regresso a casa sem ele. Há-de aprender, da forma mais dura, a responder com modos a uma princesa – prometia Maria a si própria, antes de se afastar mais um pouco para encontrar a tão ansiada água, numa banca de bebidas.

De volta ao sobrado, onde o escravo respondão havia sido entretanto exposto, a Barbie Maria dirigia-se a ele, num passo firme e decidido. Retirava-lhe a toga branca e limpa e observava-lhe os dentes, os olhos, os ouvidos. Examinava-o como se examina um animal. Ordenava-lhe que saltasse e girasse sobre si próprio e apalpava-o de cima a baixo, para se certificar da boa rigidez dos seus músculos. O capataz procurava-lhe doenças no pénis e nos testículos, mas também tentava perceber até que ponto seria viril. Tudo parecia em ordem. Estavam contentes – não poderiam ter encontrado mercadoria mais saudável e robusta. Além disso, aquele Ken dava ares de ganhão e de ser mais inteligente do que os outros.

Sem hesitar, Maria mandava comprar o escravo insubordinado, agora apreensivo, pelo preço que fosse preciso, juntamente com mais uma dúzia deles, mais submissos. Entre as novas aquisições, iam três mulheres modistas, muito prendadas. Estava em pulgas, não para experimentar os vestidos primorosos que saíam das mãos daquelas três escravas, interpretadas por outras tantas Barbies, mas para dar uma lição ao Ken rebelde, que era agora só dela.

Chegados a casa, Maria decidia dar uma grande festa. Sem qualquer pretexto ou data assinalável, apenas porque tinha vontade. Mas não sem que antes os seus novos criados conhecessem em pormenor as tarefas a que estariam obrigados na casa, assim como na própria festa. Estas explicações cabiam quase sempre ao capataz, que encaminhava a criadagem para os mais variados trabalhos.

No entanto, naquele dia as coisas passar-se-iam de forma diferente. Seria a própria Maria a explicar aos escravos enfileirados o que esperava de cada um deles. Fazia questão. Confesso que desconhecia quais eram os trabalhos mais frequentes no tempo da escravatura. Imaginava que ela os mandava cultivar o campo, tratar dos animais, da lida da casa, de tudo o que servisse para os pôr dali para fora e deixar os dois protagonistas a sós. Afastava um pouco os bonecos figurantes, que nos meus pensamentos ficavam ocupadíssimos em incumbências pesadas, embora na realidade permanecessem imóveis, deitados de lado, num pequeno tapete azul gasto.

A verdadeira ação passava-se agora à entrada da casa da Barbie, um enorme castelo, digno de uma princesa autoritária, que eu tinha construído com as gavetas, os bancos, as peças de Legos e o que mais fosse passível de ser usado para dar formas e cores à história. A Barbie ginasta podia finalmente dizer ao Ken malcriado, que tinha sido deixado para último na comunicação das tarefas, o que ele teria de fazer. Ou melhor, o que teria de a deixar fazer. E, quanto ao que era esperado do boneco, eu não tinha qualquer dúvida. Sabia mesmo como pôr a Barbie Maria a falar:

– Afinal, escravo, és ou não és propriedade minha? – atirava a Barbie, sem esperar uma resposta. – A tua primeira tarefa é muito simples. Vais buscar água para eu beber.

O Ken via neste pedido um mau presságio. Teria preferido uma atividade mais pesada mas menos humilhante. O que o esperava não poderia ser bom. Mas, como não tinha outro remédio, lá ia,

conformado, buscar a água. Voltava cabisbaixo e estendia à Barbie um copo cheio. Ela, sem cerimónias, despejava-lhe o líquido pela cabeça abaixo. A minha excitação – que já vinha de quando o Ken, cheio de músculos brilhantes, fora apalpado no mercado de escravos – disparava com estas ousadias da Barbie. As palavras que ela dizia tornavam-se mais obscenas de cada vez que eu encenava a mesma história e o escravo humilhado por uma mulher, por mim, era o momento alto do meu dia.

– Serás o meu escravo sexual. Cederás a todas as minhas vontades em silêncio e sofrerás os castigos que eu te impuser sem resistires. Mesmo que não os mereças, ouviste bem? – dizia ela, enfurecida.

Sem poder sequer olhar a sua nova dona nos olhos, Ken acenava que sim com a cabeça, submisso e acanhado.

A festa, animada pelos melhores e mais famosos artistas do reino, durava até de madrugada e contava com mais de trezentos convidados, dos mais influentes das redondezas. Havia acrobatas, mimos e bobos em cada canto do castelo e da minha imaginação, assim como iguarias, das que muitos convidados viam poucas vezes num ano inteiro. A fartura era tal que ninguém recusava o convite. Só um louco perderia tão fantástica oportunidade para tirar a barriga de misérias.

O escravo sexual de Maria, que era também o mais bem parecido de todos os homens da festa, tinha despido os trapos que lhe cobriam o corpo seminu e estava vestido a rigor para servir os convidados. Todas as mulheres, sem exceção, queriam ser servidas por ele, obrigando o pobre Ken moreno a trabalhar muito mais do que os restantes servos. Ele ficava sem forças, estafado, e não tinha direito à mais pequena folga.

Quando Maria queria descansar os pés, chamava-o, ordenava-lhe que se deitasse por baixo de uma mesa e sentava-se junto dele, numa cadeira vermelha de veludo. Depois de se descalçar, livrando-se do aperto que lhe provocavam os sapatos mais invejados da festa, uns sapatos cinzentos de salto muito alto, pousava os pés cansados em cima da cara do escravo. Ela obrigava-o a ficar imóvel. Na minha história inventada, o Ken permanecia nesta posição desconfortável durante uma hora ou duas, o equivalente a um minuto ou dois em tempo de sótão da casa dos meus pais. Enquanto isso, Maria divertia-se a contar histórias de princesa malvada aos convivas, ávidos de conhecer as crueldades de que era capaz. Por vezes, o Ken sentia o dedo de um pé afastar-lhe os lábios duros de brinquedo. Restava-lhe chupar e lambeir tudo o que lhe entrasse na boca com a língua inexistente. Fazia-o com afinco e, quando Maria se lembrava de lhe tapar o nariz com o pé que estava livre, o Ken sentia o ar faltar-lhe e ficava aflito.

Não satisfeita com tudo isto, Maria tocava-lhe suavemente nos mamilos com as pontas dos dedos dos pés – uma sensação contra a qual ele tinha de lutar para não demonstrar o prazer que sentia. As carícias no peito tornavam a obrigação de se manter imóvel ainda mais insuportável, numa verdadeira tortura que, tal como ele suspeitava, tinha tudo para piorar. Seria uma questão de poucas horas até a festa terminar e a Barbie de olhar pestanudo o levar para o seu quarto. “Será que ela vai estar cansada e me vai dar finalmente um pouco de paz?”, ousava ele desejar, numa reflexão solitária. “Talvez seja melhor não sonhar com isso. Uma mulher como ela nunca se cansa”, concluía. E como tinha razão...

Depois de muita farra, chegava ao fim a já considerada melhor festa do ano por todos os bonecos do meu sótão, incluindo peluches e Nenucos. O Ken começava a arrumar e a limpar o castelo. Aqui e ali, depois de se certificar de que ninguém estava a ver, levava à boca alguns restos de comida. Não tinha propriamente fome, mas nos outros dias era alimentado a sobras bem piores do que aquelas. Valia a pena arriscar umas chicotadas para trincar um osso de carneiro com um pouco de carne agarrada e alguns sucos salgados, antes que alguém o atirasse aos cães. Era nessa altura que uma Barbie escrava se aproximava dele, com um ar pesaroso, apesar do sorriso branco-frigorífico gravado na cara de plástico, impossível de ocultar:

– A senhora quer-te nos seus aposentos, mal acabes de esfregar os caldeirões e o chão da cozinha.



– Sim, vou já – respondia o escravo, preocupado.

Depois de deixar o chão da cozinha a brilhar, tal como Maria gostava e exigia, dirigia-se então para o quarto da dona, no cimo de umas escadas frias e largas, que pareciam não ter fim. Batia à porta e aguardava, com o coração aos pulos, que ela a abrisse.

– Entra! Não fiques aí parado – mandava Maria, à qual eu tinha vestido uns *collants* de renda, um par de botas de cano alto e um casaco de napa. Tudo preto.

O escravo dava três passos tímidos dentro do quarto e parava. Tentava, o mais que podia, ficar imóvel para não correr o risco de irritar a Barbie. Eu imaginava que eles se encontravam num quarto com poucas comodidades, típico da época medieval. Os móveis eram escassos. Havia uma cama de madeira, imponente no tamanho e com um entrançado de faixas de couro preto, que servia para sustentar um enorme colchão de penas. Estava representada, no chão escuro do sótão, por um estojo para lápis, onde cabia uma boneca deitada. A servir de lençol, um lenço em tecido axadrezado, dos que serviam para o meu pai se assoar quando era mais novo. De volta à ficção, o Ken via uma janela que acompanhava a largura da cama, por detrás dela e em jeito de cabeceira, com quatro vidraças. À frente, estava uma arca em madeira maciça onde Maria guardava a roupa. À direita, perto de uma lareira, o boneco sentia o olhar desviar-se para uma tina, também em madeira, na qual não podia evitar imaginar a Barbie ginasta sentada, com as pernas de borracha dobradas, toda nua, a refrescar-se no calor do verão. No teto alto, de pedra igual à das paredes, um grande lustre de ferro pendia sobre a cama. Mas a peça mais intrigante era uma cruz de madeira, em forma de x, bem no meio do quarto.

– Despe-te e encosta-te à cruz – ordenava a boneca, bruscamente e sem mais conversa.

O Ken não precisava de grandes explicações para perceber o que iria passar-se de seguida. Eu pegava nele, tirava-lhe a roupa e apoiava-o de frente para uma das paredes do quarto, ao lado da tábua de engomar. Rodava-lhe os braços em direção ao teto e afastava-lhe as pernas o mais que podia. E era assim que aquela visão de um homem com os pulsos e os tornozelos amarrados com fitas de cabedal, numa cruz de madeira que só existia na minha imaginação, tomava forma de realidade. Assim como o chicote da Barbie que, de tanto fustigar o Ken, lhe inflamava as nádegas duras e luzidias, iluminadas pela claraboia, acima de nós os três.

– Por favor, pare – ousava implorar o escravo.

– Sabes bem que não vou parar. Mereces isto e muito mais.

Maria analisava as feridas na pele do servo. O sorriso imóvel parecia iluminar-se. Afinal, e apesar de tão maltratado, ele estava em condições de suportar mais algumas chicotadas. Pelas mesmas razões, o meu sorriso era maior do que o dela.

Quando a minha mãe me chamava para lanchar, eu respondia que descia dali a pouco, que tinha de ir primeiro à casa de banho. A do sótão, claro. Ganhava assim alguns minutos para levar a brincadeira um pouco mais longe. Para mim, era impossível parar nesta altura, sem um final emocionante e digno de tudo o que já se havia passado. Depois de retirar o Ken dorido do crucifixo, impunha-lhe então o castigo derradeiro: a Barbie de ar angelical empurrava-o para cima da cama e sodomizava-o com um pénis que eu imaginava. O escravo deixava escapar gemidos de dor, talvez também alguns de prazer, que me aceleravam o coração. E era nesta fase de maior brutalidade que as minhas cuecas se humedeciam, não sei se num orgasmo. Mas sei que, no fim de toda a excitação, o que eu sentia era uma paz como há poucas. E felicidade, também, por materializar as fantasias que me tinham perseguido durante a manhã, por todo o lado.

Mais bem disposta, descia os dois lanços de escadas forradas a tapete, entrava na cozinha e lanchava com gosto. Muitas vezes, enquanto comia uma sandes e um iogurte, os meus pensamentos escapavam-se de novo, sorrateiros, em direção ao sótão. E eu, que tinha acabado de viver uma história capaz de me



fazer tremer de prazer, demorava pouco a juntar-me a eles, num novo drama, de volta ao quarto de engomar.

Desta vez, a sofredora seria a Barbie. Mais uma vez a ginasta, que eu adorava. Os pais dela tinham morrido num acidente de viação, deixando-a indefesa e vulnerável neste mundo cruel, num tempo que era o dos dias que correm. Irmã de oito crianças, todas mais pequenas, Maria não podia esperar. Tinha de se fazer à vida.

A Barbie era namorada do Ken louro, que nesta história se chamava Rui. No entanto, o Ken de cabelo castanho, que aqui se chamava Filipe, era apaixonado por ela. Filipe era um boneco a imitar o Mitch da série *Marés Vivas*, que viera da loja com um casaco vermelho impermeável e calções da mesma cor e material. Eu mudara-lhe a roupa e vestira-lhe calças de ganga e uma camisa de mangas curtas. Queria tirar-lhe o ar de nadador-salvador para lhe dar uma aparência mais formal e adequada à história, uma aparência de homem rico. Embora Rui fosse um grande amigo de Filipe, este não se coibia de seduzir Maria, que só tinha olhos para o primeiro. No entanto, e como era mesmo muito rico, Filipe aproveitava a vulnerabilidade da pobre Barbie, a passar por grandes dificuldades financeiras depois da morte dos pais, para a obrigar a casar-se com ele. Prometia sustentar-lhe os oito irmãos, que assim teriam uma vida digna. Sem qualquer saída imediata, ela aceitava abdicar de um grande amor para viver um casamento infeliz, na companhia do Ken moreno.

Maria era inexperiente. Nunca tivera grandes intimidades, nem mesmo com Rui. Tinha a ideia fixa de querer casar virgem. Era uma mania de criança, uma espécie de promessa que não podia quebrar, sob pena de a primeira vez não ser de pura magia. Achava que uma fraqueza se transformaria num castigo, não podendo prever que o castigo viria assim mesmo. Primeiro, porque o marido não seria Rui. Depois, porque Filipe não era um boneco meigo. Além disso, sentia-se rejeitado e sabia que ela faria tudo para evitar uma noite de sexo. A noite de núpcias não poderia ser tranquila.

Vestia a Barbie com uma camisa de dormir cor de rosa, provocante e alegre, mas imaginava-lhe um semblante tímido e triste. O Ken, pelo contrário, não perdia uma oportunidade para soltar o riso malévolo e bem audível. Ele apreciava um contacto físico mais forçado e ela iria dar-lhe todos os motivos de que precisava para a violentar.

– Tenho tantas dores de cabeça – queixava-se Maria, na esperança de ganhar mais um dia sem fazer o que era esperado dela, naquela lua de mel nas ilhas Fiji, depois de um casamento de sonho.

– Sabes, tenho alguma dificuldade em acreditar nas tuas enxaquecas. Já tomaste alguma coisa? Experimenta este comprimido, vai fazer-te bem.

– Já tomei, sim. Vou um pouco até ao jardim do hotel apanhar ar. Talvez melhore. Vens comigo? – perguntava ela, já com a mão direita na maçaneta de uma porta idealizada por mim, pronta para sair dali o mais depressa possível.

– Nenhum de nós sai deste quarto. Não agora. Só voltamos a casa no domingo. Vais ter todo o tempo do mundo para apanhar ar.

O Ken colocava a mão por cima da dela, forçando-a a largar a maçaneta. Depois, empurrava-a para cima da cama. Ela ficava deitada, a olhar para o teto para não ter de olhar para ele, com os olhos a encherem-se de lágrimas, muito abertos, numa tentativa de evitar que elas escorressem. Filipe ignorava todos os sinais de sofrimento e medo. Depois de tirar as calças e a camisa, deitava-se em cima dela, sôfrego de tesão. A Barbie tentava levantar-se, dizia que precisava de ir à casa de banho. Para ela, cada minuto adiado era um minuto a menos no inferno. Eu raspava um boneco no outro e simulava a resistência dela à força dele, num combate desigual. O ruído provocado por todo aquele plástico em fricção estimulava-me.

– Isto não é uma boa ideia. Por favor, hoje não – argumentava ela, com um olhar suplicante.

– És minha e vais fazer o que eu quero, quando eu quero. Tens de perceber isso desde já, ouviste? Tu és minha, Maria.

Filipe começava então a despi-la e a acariciar-lhe os seios duros de plástico com a mão inerte. Era fácil pôr os bonecos nestas posições, mas ficavam aquém do que eu esperava deles quando, na minha fantasia, era suposto surgirem alguns pormenores relevantes para a cena, como uns mamilos ou um pénis. A Barbie e o Ken têm formas muito ousadas e reveladoras, mas foram censurados nos detalhes, o que me obrigava a apelar com mais intensidade à minha imaginação. Então, os dedos do Ken deixavam de estar colados uns aos outros para poderem beliscar e puxar os mamilos salientes da Barbie. Com os indicadores pousados em cada um deles, Ken fazia-os girar até sentir que endureciam. Depois, as mãos do boneco abriam-se para envolver cada um dos seios, que acariciava mais um pouco, apertando-os.

A Barbie estava aterrorizada. Nunca sentira nada igual. Era um misto desconhecido de mau e bom, mas não gostava o suficiente daquele homem para se deixar levar pelo prazer de uns preliminares que durariam pouco. Como ele temia que ela tentasse libertar-se, agarrava-a pelos pulsos e, então, sem mais demoras, penetrava-a com violência, ignorando os gritos de dor da boneca, que ressoavam no meu espírito. Mas os pedidos de ajuda não me provocavam pena ou empatia. Apenas muito calor.

Numa estranha sintonia, o meu coração e a minha vagina pulsavam ao mesmo tempo. Mais uma vez, eu ficava molhada. E, a seguir, vinha a tal paz como há poucas e um sorriso de satisfação. Assim terminava a história, que perdia o interesse no momento em que a minha excitação se desvanecia. Depois do arrebatamento final, era impossível dar continuidade à brincadeira. Sentia-me bem, feliz. Repetia-a dezenas de vezes durante a semana, mas sempre desde o início e nunca a partir do momento em que a tinha deixado. A Barbie sofrera tanto que jamais poderia voltar a passar por aquela primeira experiência sexual. Eu divertira-me tanto que iria submetê-la a tudo de novo, uma e outra vez, quase todos os dias, até deixar de brincar com bonecos.

Neste instante, quinze anos depois das minhas brincadeiras no sótão, é possível que uma menina timorense penteie os longos cabelos louros da Barbie Maria. Prepara-a para um concurso de ginástica que ela vencerá sem dificuldade. Veste-lhe o vestido curto e colorido; prende-lhe na mão a longa fita de cetim cor de rosa, com que formará efeitos de serpentina incríveis; dobra-lhe as pernas, em simultâneo ou uma de cada vez, consoante a acrobacia em causa; estica-a para a fazer saltar, curva-a para que dê cambalhotas. E, com tudo isto, provoca fortes aplausos que só ela ouve.

Juntamente com roupas usadas e livros infantis que estavam encaixotados no sótão da casa dos meus pais, todos os meus bonecos de menina, tão úteis na determinação das minhas preferências sexuais foram enviados para crianças carenciadas de Timor, no ano passado. Admito que tive pena, mas sei que foi por uma boa causa.

## CAPÍTULO 9

### Um homem que me sirva

Tal como quase todos os praticantes de BDSM, tenho limites que não consigo nem desejo ultrapassar. São práticas que recuso fazer porque me impressionam ou incomodam de uma maneira que, pelo menos nesta altura da minha vida, não sou capaz de transpor. Não encaro os meus limites como uma fraqueza. Vejo-os antes como uma ferramenta que me permite seleccionar melhor os submissos com quem quero estar.

O *scat* – nome que se dá à prática de ingerir e mexer em excrementos humanos – é um dos meus limites intransponíveis. Assim como tudo o que implique a utilização de agulhas. Também não aceito práticas que envolvam crianças, animais ou cadáveres – gostos que não deveriam sequer ser referidos como limites, uma vez que vão contra um conceito fundamental do próprio BDSM, a consensualidade. Sem o acordo de todas as partes não há BDSM. E as crianças, os animais ou os cadáveres não podem dar o seu consentimento informado. Além disso, são práticas que a própria lei pune.

*Ladiestoilet* gostava de comer as fezes das suas dominadoras. O *nickname* fazia jus ao fetiche. Contactou-me pela Internet para me perguntar, muito delicadamente, se eu também gostava de scat. *Ladiestoilet* apreciava receber os excrementos diretamente na boca, mas também gostava de comê-los numa tigela ou de outra forma qualquer. Disse-lhe que esperava que encontrasse alguém que o fizesse feliz com os seus dejetos, desde que não fosse eu, porque não me agradava nem me dava prazer. E desejei-lhe boa sorte.

Recuso também tudo o que envolva sangue, de uma maneira geral. Imagino-me a provocar uma hemorragia, sem querer, a alguém que confiou em mim, que se entregou. Não saberia como agir se algo corresse mal. São vidas humanas que tenho nas mãos, vidas que não quero pôr em risco. É também por isso que rejeito práticas extremas de asfixia. Posso até privar um submisso de oxigénio, tapando-lhe a boca com a mão durante algum tempo, mas não ultrapasso qualquer limite razoável. Prefiro não passar pela angústia de fazer uma reanimação, apesar de ter um curso de Primeiros Socorros.

Mas não são apenas as práticas em si que podem ser alvo de exclusão. Quando eu tinha apenas dezanove anos, um submisso do Porto quis ser o meu cinzeiro humano. Gostava de se deitar no chão ou numa cama, de costas, enquanto uma dominadora fumava e ia atirando as cinzas acesas do cigarro para dentro da sua boca. Poucas coisas o excitavam tanto como ver uma mulher fumar.

– Se a cinza estiver em brasa, a queimar muito, só tem de me cuspir na boca para me aliviar – explicou-me numa conversa na Internet.

No final, gostava que apagassem o cigarro na sua língua. Tudo muito simples. Era um fetiche como outro qualquer. Mas, naquela altura, a ideia de cuspir na boca de alguém não me atraía e eu não fumava. Disse-lhe que não estava interessada. Não só porque a prática não me entusiasmava, mas também porque ele tinha cinquenta anos e iria fazer-me pensar no meu pai. Ou até no meu avô. E pensar no meu pai ou no meu avô a meio de uma sessão era a última coisa que eu queria. Por isso, recusei-o. Insistiu,

aliciando-me com passeios ao Algarve e sapatos caros. Dizia que tinha como pagar. Rejeitei-o a cada investida – nunca aceitaria dinheiro ou presentes porque seria desvirtuar a própria relação de dominação/submissão. Se o submisso paga, quem domina é ele. E a sua idade era de mais para mim.

Há ainda a questão da aparência física. Como a maioria das mulheres, gosto de homens atraentes. Já dominei submissos muito bonitos e menos bonitos, mas nenhum que me causasse repulsa. Sou incapaz de fazer uma sessão com um homem que não me atraia minimamente e, por isso, vi-me forçada a excluir um candidato que achei demasiado feio. Foi em 2012. Uma dominadora do Norte dissera-me que ele tinha um corpo perfeito e o pénis mais bonito que ela alguma vez vira, apesar de o seu rosto não ser muito agradável. Pela descrição, acreditei que Rui era uma possibilidade.

Mas quando vi o seu rosto, algumas semanas depois, numa festa, não tive dúvidas de que não poderia dominá-lo: a acne deformava-lhe as feições, os olhos descaídos escondiam-se por detrás de uns óculos enormes que os tornavam minúsculos, os dentes eram tão salientes que não conseguia mantê-los dentro da boca fechada, o nariz e o queixo tinham tamanhos absurdos e a calvície tomara conta dele. E Rui era um candidato insistente, dos que não arredam pé. Não havia forma subtil de o fazer desistir de uma sessão. Para não o magoar, expliquei-lhe que estava a tentar esquecer um namorado e que, durante algum tempo, não teria submissos. Fingiu compreender os meus motivos e não voltou a contactar-me. Senti pena dele.

À partida, excluo qualquer candidato a submisso que responda que está pronto para tudo quando lhe pergunto o que prefere ou quais são os seus limites. Ninguém faz tudo. Toda a gente tem limites. A resposta incondicional vem geralmente de submissos que estão a iniciar-se e que ainda não compreenderam o que é o BDSM; mas também surge da boca de quem está apenas interessado em aventuras e novas sensações. No primeiro caso, tento dar-lhes uma segunda oportunidade, enviando um *e-mail* em que escrevo que não estou interessada. Depois, fico à espera do *feedback*. Se não houver nenhum, o processo de seleção fica por ali. Mas se sinto que o candidato continua interessado, que se identifica com o que faço, que está atento à minha atividade na rede social FetLife – onde, quase sempre, são feitos os primeiros contactos – e elogia o meu trabalho, então tento orientá-lo, explicando-lhe em que consiste o BDSM, até que ele se identifique com determinadas práticas e seja capaz de excluir outras.

Já no caso dos homens que só procuram diversão e que, para conseguirem uma sessão, dizem estar dispostos a tudo, sou implacável. Há três anos, comecei a receber mensagens, no telemóvel, de um suposto candidato a submisso. Alguém, cujo nome não me quis revelar, lhe tinha dado o meu número e ele queria ver-me para conversarmos. Fiquei intrigada, mas neguei-lhe um encontro. Nos dias seguintes, continuou a enviar mensagens, nas quais dizia estar preparado para tudo e pedia, por favor, uma sessão. No início, eram duas ou três SMS por dia; depois, às dezenas. Cedi.

Marcámos um encontro perto do Parque Verde do Mondego, em Coimbra. Cheguei primeiro e esperei alguns minutos dentro do carro. Dissera-lhe que estaria num Smart Fortwo. Não seria difícil ver-me. Pouco depois, ouvi-o aproximar-se. Estacionou um Audi A3 mesmo ao lado e entrou no meu carro. Usava um fato cinzento escuro, que contrastava com os olhos azuis claros. Pareceu-me encantador, até que notei que tinha uma aliança no dedo.

– És casado? – perguntei, imediatamente depois de o cumprimentar.

– Sou, sim. É um problema?

– Pode ser. Estás à procura de quê, exatamente?

– Gostava de ser algemado e chicoteado. O BDSM desperta-me curiosidade – explicou.

Passara de querer fazer tudo, o que já não era um bom indicador, para umas algemas e um chicote, ou seja, nada. Senti-me duplamente enganada.

– Que interessante – reagi, com ironia. – E de *strap-on*, gostas?

Pensei que teria de lhe explicar que era uma prática que consistia em sodomizá-lo com um pénis de borracha colocado numa cinta, mas não foi preciso. Sabia do que eu falava.

– Não. Não quero isso. Nem pensar.

– E que mais é que não queres fazer? – questionei.

– Não sei bem. E as chicotadas não podem ser fortes ao ponto de me marcarem, porque a minha mulher poderia suspeitar de alguma coisa.

– E aposto que a tua disponibilidade não é total. Vou ter de me submeter aos teus horários, certo?

– Pois... Não sei... – gaguejou. – Mas é complicado, para mim, estar disponível numa base diária.

Decididamente, não era de natureza submissa. Sabia o que queria e o que não queria, e esperava que eu lhe satisfizesse os caprichos nos dias e às horas que mais lhe conviessem. Não compreendia que o BDSM resulta de um acordo entre as partes. Não compreendia que nada havia para escolher ou decidir sozinho.

– Tens razão. O facto de seres casado é um problema. Adeus – disse-lhe, sem mais justificações ou perdas de tempo.

Saiu do carro zangado. Finalmente, as mensagens pararam.

A minha experiência atual permite-me perceber em poucos minutos se um candidato vale a pena, mas foi preciso passar por vários enganos. Tive alguns submissos que quiseram fazer uma sessão e não voltaram para repetir a experiência. Porque não foi o que esperavam, porque se dececionaram. Muitos homens, principalmente os mais jovens, pensam que BDSM é sexo fácil ou que envolve sempre relações sexuais. Pode envolver, é um facto, mas só se a dominadora quiser. Só se ela tiver vontade e nunca porque eles estavam à espera disso.

Algumas dominadoras não concebem uma sessão sem sexo, mas não é esse o meu caso. Sou incapaz de me entregar ao primeiro submisso que aparece, até porque muitos deles são casados ou têm relações com namoradas. Pessoalmente, e não enquanto dominadora, não me sinto bem se fizer sexo com alguém que está comprometido. Parto do princípio de que, se está à procura de BDSM, não está à procura de sexo, porque é algo que já tem.

Um submisso casado, que procura uma relação de dominação/submissão impossível de obter em casa, é, por norma, um bom submisso. Leva tudo muito a sério. Se estiver informado, sabe que a dominadora pode influenciar todas as dimensões da sua vida, desde que ele não imponha limites. E, geralmente, não impõe.

Afonso era casado e foi, para mim, um dos submissos mais importantes. Fez da nossa relação uma prioridade, ao ponto de permitir que a minha dominação afetasse a sua vida de casado. Cheguei a controlar a frequência das relações sexuais que tinha com a mulher, proibindo-o de fazer amor mais do que uma vez a cada duas semanas, e não tenho dúvidas de que cumpriu todas as minhas ordens. Porque obedecer-me lhe dava prazer. Porque era um submisso a sério. Fiz o possível por não o privar demasiado tempo. Nunca quis ser um motivo de conflitos entre o casal. A mulher de Afonso – que não imaginava nem aceitaria que ele tivesse uma relação de dominação/submissão – poderia estranhar o facto de ele se desculpar com o cansaço para evitar ter relações sexuais. E eu não queria ser responsável por problemas no casamento dele.

Afonso era credível, tinha tido outra dominadora, fazia parte da comunidade BDSM. Podia confiar nele e houve uma empatia nos primeiros contactos, que foram feitos de forma gradual. Era o oposto do homem casado que queria ser algemado e chicoteado porque o BDSM lhe despertava curiosidade. Afonso submetia-se à minha vontade e não estava preocupado com o que queria – porque o que queria era submeter-se à minha vontade. A diferença entre os dois era abissal.



Os bons candidatos começam por ler o perfil da dominadora no FetLife. Tentam, sozinhos, perceber de que forma se encaixam nas suas preferências, fazem o trabalho de casa. Só depois avançam para um primeiro contacto. É um pouco como nas entrevistas de emprego: tem de haver uma preparação prévia, saber-se o que se quer, o que não se aceita, o que se está disposto a fazer para conseguir o lugar. E cativar o empregador.

Mensagens como “Quero ser teu submisso, aceita-me, faço tudo, dá-me uma sessão” dão-me calafrios. Primeiro, por causa da expressão “faço tudo”; depois, porque não admito que me tratem por tu. Gosto que respeitem o protocolo e o protocolo determina que me tratem por “minha senhora”, nunca pelo meu nome e muito menos por tu. Já eu posso tratar um submisso por tu. Posso e devo, e faço-o. Às vezes, sou propositadamente rude. Se estiver numa prática de humilhação, ofendo-o, mas evito palavras obscenas porque não saem da minha boca de uma forma natural. Quando as uso, chego a sentir vergonha, não fico confortável. É como se outra pessoa se tivesse apoderado dos meus lábios e da minha voz para dizer palavras. O máximo que consigo é tratar um submisso vestido de menina ou de criadinha por “minha puta”. Mas foram anos de prática até deixar os constrangimentos de lado. A bem das sessões.

Depois das primeiras mensagens escritas, no FetLife ou no Facebook, a conversa evolui para o *chat* com vídeo, quase sempre no MSN. É uma forma de ver e ouvir o candidato a submisso sem o obrigar a deslocar-se a Coimbra, caso não viva na mesma cidade. Quando o aspeto físico me agrada e as conversas continuam a fluir, marco um encontro num local público, por uma questão de segurança. Uma sessão não está isenta de riscos. Ficar entre quatro paredes com um desconhecido pode transformar-se num pesadelo e uma conversa prévia num café cheio de gente serve para eu usar a minha intuição. Permite-me ganhar algum tempo e excluir logo ali um candidato que se mostra instável ou me faça sentir pouco confortável.

As histórias de sessões que correram mal não são ficção. Nunca se é demasiado cuidadoso. Todos devem estar cientes do perigo. Lembro-me de ouvir a história de uma dominadora que foi a casa do submisso, o amarrou com cordas e levou todo o dinheiro que encontrou. Bateu a porta e deixou o pobre homem assim mesmo, sem dignidade nem conforto, para ser encontrado horas mais tarde por quem aparecesse primeiro.

Num café cheio de gente, os diálogos repetem-se: pergunto ao candidato quais são os seus limites e o que o que mais lhe agrada. Certifico-me mais uma vez de que tem plena consciência do que está prestes a fazer. Se for um submisso experiente, peço-lhe que me conte tudo o que já experimentou. As respostas são importantes porque me permitem programar as sessões e distinguir entre castigos e compensações, o que nem sempre é fácil. Se, por exemplo, um submisso gosta de CBT, por mais que o castigue com essa prática estarei sempre a agradar-lhe. Portanto, terei de evitar o CBT se quiser castigá-lo. Se é podólatra, isto é, se tem desejo por pés, poderei puni-lo esfregando-lhe os meus na cara sem permitir que lhes toque. Ou recompensá-lo, deixando-o fazer-me uma massagem. As conversas prévias servem para que eu possa determinar tudo isto.

Ainda antes de o aprovar, às vezes faço um teste, como obrigá-lo a usar cuecas de senhora ou a beijar-me os sapatos. Vejo como reage e, se a resposta for positiva, espero que faça a pergunta mágica: “Aceita-me como seu submisso, minha senhora?” O meu “sim” é suficiente. Tem a força da lei que, daí em diante, vigorará nas nossas vidas.

Mas também posso ser mais complicada e formalizar a nossa relação com a assinatura de um contrato como este:

#### CONTRATO DE ENSINO DE SUBMISSÃO E PROPRIEDADE

Entre:

Primeira contraente: \_\_\_\_\_, doravante designada como Proprietária

Segundo contraente: \_\_\_\_\_, doravante designado como escravo

É celebrado este contrato nos termos e de acordo com as cláusulas seguintes:

#### PRIMEIRA

(condição dos contraentes)

1. O submisso ou segundo contraente assume livre e voluntariamente a condição de escravidão, oferecendo-se e entregando-se à Proprietária por um período de seis meses.
2. A Proprietária, ou primeira contraente, exercerá o seu domínio e poder sobre o submisso, na forma e modo que entender, e com os limites e trâmites especificados no presente contrato.
3. O período de dominação/submissão estipulado poderá ser prorrogado por igual período de seis meses, desde que se verifique o acordo das partes.

#### SEGUNDA

(dever de sigilo)

Proprietária e escravo, ou submisso, comprometem-se mutuamente a guardar o máximo sigilo e discrição acerca do estipulado no presente contrato, aquando da sua execução e após o término do mesmo.

#### TERCEIRA

(horário)

Comprometem-se os contraentes a respeitar escrupulosamente os horários convencionados, cabendo à Proprietária a sua determinação, caso assim o entenda, aquando da execução do presente contrato.

#### QUARTA

(declaração de submissão e seus termos)

1. O escravo expressa formalmente por este documento que pertence por inteiro à sua Ama e Proprietária,
2. podendo esta fazer com o escravo tudo o que lhe aprouver, sem ultrapassar os limites estabelecidos, e que, quando tratado como escravo, deverá o mesmo tolerar e admitir o seguinte:
  - > Suportar o trato vexatório que por sua Proprietária, ou Dona, lhe seja imposto, pelo que servirá como doméstico ou criado se lhe for ordenado.
  - > Aceitar, se tal proporcionar prazer à sua Ama, ser cedido ou compartilhado com quem a sua Ama ordenar.
  - > Ceder o seu corpo totalmente, com o único fim de agradar à sua Ama, a quem pertence de corpo e alma.
  - > Que o seu corpo e vontade não lhe pertencem, pelo que aceita de forma natural, humilhante e abjeta, o domínio e as ordens da sua Proprietária.
  - > Consentir em ser atado e amordaçado para sofrer pouco a pouco uma dominação que possibilite, com o passar do tempo, uma melhor entrega e prazer da sua Proprietária.
  - > Suportar os insultos e qualquer tipo de humilhação privada ou pública que lhe seja imposta.
  - > Admitir, sem resistir, qualquer castigo ou tortura que não produza lesões nem deixe marcas permanentes, salvo comum acordo em ambos os casos.

#### QUINTA

(obrigações do escravo)

Além dos deveres identificados na cláusula anterior, são também obrigações do escravo:

- > Submeter-se ao domínio total da sua Ama, pelo que fica expressamente proibido de lhe resistir.
- > Manter o silêncio e apenas falar quando uma pergunta lhe seja diretamente colocada.
- > Responder, quando for questionado, iniciando ou terminando sempre as suas frases com as palavras “Ama”, “Senhora” ou “Mistress”.
- > Satisfazer os desejos da sua senhora e Ama, os quais serão as suas prioridades máximas no período identificado no contrato.
- > Nunca levantar a vista acima do peito da sua Ama ou olhá-la fixamente.
- > Obedecer a qualquer ordem da sua Ama, expressa ou implícita.
- > Aceitar prontamente os vestidos, presentes ou objetos que, durante os períodos de submissão, lhe seja ordenado usar.
- > Satisfazer cabalmente o estipulado no presente contrato aquando da sua execução, nomeadamente o que nele conste implicitamente e de acordo com o espírito do mesmo.
- > O escravo deverá manter as pernas e os lábios abertos.
- > Não poderá cruzar as pernas, sentar-se em algum lugar ou utilizar algum objeto sem permissão da sua Ama.
- > Quando lhe for ordenado, deverá comparecer nos locais e horas indicados pela Ama, sendo as ausências e os atrasos expressamente proibidos.

#### SEXTA

(prorrogação do contrato)

Decorrido o período de vigência do presente contrato, a Ama e o escravo poderão estipular a sua prorrogação por igual período de seis meses, sendo que nessa altura será celebrado novo documento, idêntico a este, salvo se a Ama pretender introduzir novas condições, por sua livre e exclusiva vontade.

#### SÉTIMA

(cedência do escravo a terceira pessoa)

1. Em conformidade com a cláusula quarta, nº 2, al. b), o escravo poderá ser cedido ou compartilhado com qualquer pessoa, mediante decisão unilateral da Ama.
2. Em caso de cedência por decisão unilateral da Ama, o servo ou escravo deverá consentir na cedência, entrega ou compartilha com qualquer terceiro, sem distinção do sexo, raça ou ideologia, e receber os seus insultos, golpes, castigos e vexações com as mesmas

faculdades e limitações, de acordo com os termos do presente contrato, excetuando serviços sexuais com o sexo masculino.

3. Nesse caso, o escravo poderá unicamente pedir à sua Ama a utilização de uma máscara que cubra a sua cara, com o objetivo de ocultar a sua identificação, mas apenas nos casos em que a cedência implique o risco de ser reconhecido, evitando desta forma possíveis indiscrições.

4. Quando partilhado ou cedido, o escravo desempenhará o papel e tarefas que a sua Ama ordenar, sempre procedendo de modo a enaltecer o nome e a pessoa da sua Ama.

#### OITAVA

(evolução da dominação)

1. Pese o estado de servidão que se assume no dia de hoje, finalizada a dominação, e em caso de ser prorrogado este contrato e se houver a marcação do servo, deve entender-se que este passa a um maior estado de escravidão.

2. No caso de o escravo aceite ser marcado, deverá comprometer-se a sê-lo onde a sua Ama desejar.

3. Tal marca ou sinal não superará em nenhum caso as dimensões estritamente necessárias e aplicar-se-á mediante tatuagem ou impressão direta de um ferro em fogo, na parte do corpo eleita e que previamente se terá preparado.

#### NONA

(marcação do escravo)

A marcação do escravo conferirá à Proprietária a faculdade de vender os direitos sobre o servo a qualquer pessoa, a qual lhe subrogará os mesmos, com total independência da vontade do servo, que deverá aceitar tal transmissão, entregando-se com presteza e submissão à sua nova Proprietária, a qual deverá aceitar todas as condições deste contrato, respeitantes ao trato do escravo.

#### DÉCIMA

(modo de tratamento do escravo)

1. No mesmo período de dominação, a Proprietária imporá nome ao escravo, único com que será chamado e deverá responder durante os períodos de submissão.

2. No mais, a Proprietária depreciará e humilhará constantemente o seu servo, o qual considerará como um animal ou objeto de sua propriedade para quem ela não terá mais consideração do que o respeito escrupuloso do horário convencional e os limites estabelecidos.

3. Nada, absolutamente, estará proibido à Proprietária, que poderá cuspir, urinar ou defecar sobre o escravo, enchê-lo de golpes e patadas e insultá-lo, e vexá-lo privadamente sem limitação alguma, submetendo-o a toda a classe de humilhações e castigos.

#### DÉCIMA PRIMEIRA

(comportamento do escravo)

O escravo, salvo ordem em contrário, deverá aceitar:

> Qualquer ordem, humilhação, vexação ou castigo que a sua Ama lhe imponha, sempre que não viole o presente documento.

> Que, em princípio, não usará nenhum tipo de roupa interior.

> Que manterá os olhos dirigidos ao solo e uma permanente expressão de disponibilidade, sem um gesto mau e mantendo-se sempre acessível.

> Que nada lhe pertence. A dor é a sua única companhia. Tomará o hábito de dar prazer e assumirá a entrega com total abandono de si mesmo.

> Sofrerá uma sucessiva despersonalização erótica, não sendo mais do que um objeto ou animal ao serviço da sua Ama.

> Permanecerá com as pernas e axilas afastadas.

#### DÉCIMA SEGUNDA

(torturas e castigos do escravo)

O escravo deverá aceitar todas as torturas ou castigos que estejam relacionados com o seguinte plano de dominação:

> Depilação genital completa e posterior lavagem com álcool ou colónia.

> Exibição provocativa, seminu, em lugares públicos onde não possa ser facilmente reconhecido.

> Flagelação, marcando mamilos, nádegas, costas, pénis, parte inferior das coxas e plantas dos pés e mãos.

> Imobilização por cordas e privação de visão, audição e fala, com capuz.

> Humilhação em sítios correntes, como W.C., cinemas, transportes públicos ou em plena natureza.

> Aprisionamento de mamilos e zona genital.

> Sodomização e introdução de objetos, com brusquidão, no ânus, boca, etc.

> Suspensão por correntes ou cordas, pelos pés, braços, em cruz, sobre móveis, atado a colunas ou árvores, etc.

> Todo o tipo de ataduras e *bondage*.

> Aplicação de gelo e queimadura com cera líquida entre as coxas, no peito, ânus, costas e outras partes do corpo.

> Inserção semifixa de objetos para uso quotidiano e vexatório, como alfinetes e consoladores, argolas, etc.

> Uso de cinto de castidade.

> Clisteres, chuva dourada, beijo negro, utilização como retrete, etc.

> Uso de colar de cão permanente com cadeado, de quatro patas e fazendo as necessidades diante da Ama e terceiras pessoas.

#### DÉCIMA TERCEIRA

(fotografias e gravações)

Em relação a tomada de imagens, por qualquer meio ou forma existente ou a existir por parte da Ama em relação ao escravo, são seguidas as seguintes normas:

> A Dona tem direito a tirar todas as imagens do seu servo, em qualquer ato público ou privado.

> O servo não objetará a tal e prestar-se-á sempre a tudo quanto lhe for ordenado.

- > As imagens serão sempre posse da Dona e só por condescendência desta o servo poderá ter acesso a alguma.
- > A Dona poderá sempre utilizar as imagens para os fins que entender por mais convenientes.
- > Para fins particulares, as imagens poderão ser utilizadas de modo totalmente discricionário e arbitrário, nos termos em que a Ama o entender, livremente.
- > Para uso em situações de conhecimento público deverão ser usadas cautelas no sentido de não identificar o escravo mas apenas a situação, salvo se for por castigo ou houver acordo prévio.
- > É totalmente permitido o uso das imagens do servo, quando revelada a identidade deste, na Internet, pela Dona.
- > Não é permitido ao servo deixar reter a sua imagem por terceiros sem prévia autorização da sua Dona, salvo imagens de tipo familiar.

#### DÉCIMA QUARTA

(vida pessoal da Ama)

Fica claro que não existe qualquer vínculo, senão o do contrato de ensino entre Ama e escravo, e que a Ama não está sujeita a qualquer informação ao escravo sobre atividades da sua vida pessoal.

#### DÉCIMA QUINTA

(vida pessoal do escravo)

O escravo é obrigado a informar da forma mais rápida possível de qualquer atividade sexual que pretenda ter ou lhe seja proposta, assim como qualquer conversa que esteja dentro do âmbito do contrato agora firmado.

#### DÉCIMA SEXTA

(isenção de responsabilidade)

Em conformidade com o contratado, Ama e escravo assinam e subscrevem o presente documento por meio do qual o escravo reconhece que pertence à sua Ama e a isenta de quaisquer culpas ou responsabilidades em acidentes que ocorram dentro do desenvolvimento de atividades deste contrato e esta última o aceita como servo e escravo.

Coimbra, aos \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013

Assinatura da Proprietária

Assinatura do escravo

É um contrato que fui melhorando e adaptando ao longo dos anos. Uso-o principalmente nas relações que considero mais sérias. Guardo o original comigo e entrego uma cópia ao submisso. Pode não ter muito valor perante um juiz mas, para nós, vale tanto como qualquer contrato de casamento.

## CAPÍTULO 10

### Às minhas ordens

Mesmo passado tanto tempo, sorrio quando penso em Eduardo. Sorrio de carinho pelos dois meses em que vivemos juntos e nos divertimos como dois adolescentes. Em poucos dias, fiz dele a criada ideal: das que arrumam, aspiram, cozinham e lavam todo o tipo de roupa. Sempre com brio e a horas. Era obediente – sem ser pateta –, bem humorado e inteligente. Além disso, tinha uma tolerância à dor acima da média. Foi o submisso perfeito.

Testei o meu brinquedo novo em pleno dia e ao ar livre, no interior de um edifício em ruínas com vista para o céu. Completamente nu, levou trinta chicotadas sem se queixar e agradeceu-me no final. Não tive dúvidas de que estava em bom estado. Por isso, aprovei-o ali mesmo, entre os destroços do pequeno hotel de luxo das termas da Amieira, desativado há quase um século. O fim de semana “à experiência” não podia ter corrido melhor. Porque não prolongá-lo por mais algumas semanas?

Eduardo tinha quase trinta anos, mais cinco do que eu, e era bolsheiro da Universidade do Porto, na área da Engenharia Informática. Podia trabalhar a partir de qualquer local, só precisava de um computador com acesso à Internet para o fazer. O chicote ainda dançava na minha mão, depois da última pancada, quando decidi aceitá-lo como submisso. Alguns minutos depois, já no carro, convidei-o para passar uma temporada comigo em Coimbra. Aceitou o convite sem hesitar e, na terça-feira seguinte, ao fim do dia, estava de joelhos no chão do meu quarto a desfazer duas malas grandes e bem recheadas.

– Podes arrumar tudo no lado direito do roupeiro – expliquei-lhe.

Tinha passado parte da manhã a arranjar espaço para as suas roupas.

– Muito bem. Vou dormir neste quarto? – quis saber, enquanto pendurava uma camisa às riscas azuis e brancas num cabide.

– Depende. Primeiro tenho de saber se mereces. Quando acabares de arrumar a tua roupa, vai à sala – mandei. – Em cima da mesa está uma coisa para usares.

Olhou-me com um sorriso de curiosidade e nem quinze minutos depois estava na sala, a colocar uma coleira para cão em couro preto à volta do pescoço.

– É assim que vais jantar hoje. Num restaurante, para que se saiba que tens uma dona.

– Sim, minha senhora – acedeu Eduardo, ainda um pouco corado do esforço de apertar a coleira.

O colarinho da camisa azul clara escondia parte da coleira, assim como uma argola metálica que servia para prender uma trela. Por isso, ordenei-lhe que virasse a argola para a frente e desabotoasse o colarinho. Eduardo obedeceu. Fui ao meu quarto e vesti um casaco preto em pele, por cima de uma camisola cinzenta. Enfiei as minhas calças pretas preferidas e calcei umas botas de cano e saltos altos, da mesma cor.

– Vamos. Atrás de mim – disse eu.

Seguiu-me até à rua sem desviar os olhos do chão. Olhei para o relógio. Eram nove horas de uma noite estrelada. Entrámos no carro e conduzi até uma *pizzaria* a menos de dois quilómetros de casa, onde



havia sempre muita gente, mesmo durante a semana.

Eduardo nunca passava despercebido. Tinha um metro e noventa, o cabelo completamente rapado e uns olhos enormes, entre o verde e o azul. Era muito atraente e não precisava de uma coleira para ser notado. Também não parecia incomodar-se com isso. Pelo contrário, gostava de atenção – no fim de semana em que o aprovei, reparei que lidava bem com os olhares interessados de muitas mulheres. Mas aquela noite de terça-feira não seria de descontração: a coleira fazia toda a diferença e Eduardo entrou no restaurante de cabeça baixa e costas curvadas. Parecia da minha altura. Não em sinal de submissão, mas por embaraço. Deixei-o ambientar-se um pouco sem lhe dizer nada.

A *pizzaria* tinha uma decoração deliciosamente *kitsch*, de restaurante típico italiano, com mesas pequenas e toalhas aos quadrados brancos e vermelhos. As cadeiras eram de madeira rústica e o ambiente aconchegante. Em música de fundo, os maiores êxitos italianos dos anos 70 completavam o rol de *clichés* da bota da Europa.

– Boa noite. Reservaram uma mesa? – perguntou um dos empregados, que tentava perceber, tão subtilmente quanto podia, o que era que Eduardo tinha à volta do pescoço.

Esperei uns instantes pela resposta do meu submisso, mas não se ouviu nada. Eduardo estava mudo. Quase paralisado.

– Não. Não reservámos – disse eu, finalmente.

– É possível aguardarem dez minutos? Os senhores da mesa ao fundo estão mesmo a sair – disse o empregado, apontando para um canto escondido da *pizzaria*.

– Podemos aguardar o tempo que for preciso, desde que seja por uma mesa mais central. Pode ser? – questionei.

– Claro que sim. Sendo assim, talvez uns quinze minutos...

Eduardo fechou os olhos durante dois segundos, como que a interiorizar que a vergonha de estar de pé, com uma coleira de cão ao pescoço, no meio de tanta gente, não seria curta nem meiga. Não pude conter um sorriso.

– Chega de olhares para o chão. Quando formos para a mesa, quero que olhes em frente. Feliz por seres o meu cão fiel e com orgulho da tua dona – disse-lhe, fingindo estar um pouco irritada.

– Sim, minha senhora – respondeu, ainda sem conseguir desviar o olhar do chão.

– Queres dormir no meu quarto, não queres?

– Sim, minha senhora.

– Então é bom que este jantar corra bem. Até porque dormires noutra sítio qualquer pode não ser o teu único castigo.

– Sim, minha senhora. Não se preocupe, vai correr bem – respondeu.

A cabeça sem cabelo de Eduardo parecia reluzir ainda mais do que de costume. Tudo nele atraía a curiosidade de quem jantava e dos próprios empregados. O cozinheiro e uma ajudante espreitavam pela abertura da parede, por onde passavam pratos prontos e cheiro a comida caseira, e soltavam risos que tentavam abafar com a mão à frente da boca. Disfarçadamente, Eduardo tentou virar-se para uma janela que dava para a rua, como se estivesse interessado em ver o que se passava lá fora.

– Volta-te para mim. Não te mandei espreitares pela janela, pois não? Por acaso lá fora há alguma coisa que valha mais a pena admirar do que eu? – perguntei.

– Não, minha senhora. Claro que não. Peço desculpa.

– Mais uma distração como essa e prometo que te vais arrepender amargamente.

– Aquela mesa ao centro parece-lhe bem, minha senhora? – interrompeu o empregado, usando a mesma terminologia que Eduardo era obrigado a usar sem, no entanto, imaginar toda a carga que podia ter.

Pelo menos, foi o que pensei. Mas nunca podemos dizer que alguém desconhece o que quer que seja em relação ao BDSM. A maioria dos praticantes não mostra sinais de o ser: a directora de Recursos Humanos de uma empresa de *software* que só se excita vestida de Branca de Neve; o piloto de aviões que faz viagens de longo curso com um cinto de castidade; o cientista consagrado que adora enjaular mulheres; a empregada da caixa do supermercado que não dispensa ser asfixiada com um saco de plástico enfiado na cabeça, até quase desmaiar. Qualquer pessoa pode gostar destas práticas, independentemente da idade, género ou classe social. Não é preciso ter um *look* gótico para se gostar de BDSM. Imaginei que o empregado – que desistira de se dirigir a Eduardo e falava apenas comigo – talvez fosse um bom submisso. E comecei a simpatizar com ele, até porque a mesa de que falava era a melhor de toda a *pizzaria*, a mais exposta.

– É perfeita – respondi. – Obrigada.

Tal como eu ordenara, Eduardo levantou o pescoço e olhou em frente enquanto caminhava até à mesa. Desta vez, vi-lhe o orgulho nos olhos. As cabeças de muitos clientes do restaurante voltavam-se à nossa passagem. Durante todo o tempo que durou o jantar, ouvimos comentários baixinhos e risos contidos. Eduardo foi-se habituando e descontraindo. O tempo que esperáramos tinha aumentado a nossa vontade de comer. Escolhemos pão de alho, *pizza* e gelado. Conversámos como amigos e, por um bom momento, esquecemo-nos da coleira. Os outros clientes do restaurante também. Depois de bebermos café, fomos para casa. Ele dormiu na minha cama.

Nos dias que Eduardo passou comigo, eu saía de manhã, cedo, para ir às aulas, na faculdade, enquanto ele ficava na cama até um pouco mais tarde. Quando se levantava, e depois de tomar o pequeno-almoço, tratava da lida da casa: limpava o pó; preparava o almoço; lavava e estendia roupa. Só não conseguia passar a ferro. No caso dele, era uma incapacidade: queimava a roupa, queimava-se a si próprio, não havia vinco que fizesse bem. Eu, que também nunca tinha engomado nada antes, porque era a empregada da minha mãe que tratava da minha roupa, tive de aprender a fazê-lo, por causa da falta de jeito dele. Era isso ou revelar aos meus pais que havia um homem a viver em minha casa.

Eu voltava das aulas pela uma da tarde. Estacionava o carro em frente ao prédio e olhava para a janela da cozinha, onde por vezes conseguia vê-lo debruçado a estender calças, saias e camisas. Tinha quase sempre uma mola no canto da boca e o sol batia-lhe na cara. Era apenas um homem a estender roupa. Seria preciso entrar em casa para se perceber que não era bem assim.

Visto do interior da casa, Eduardo continuava debruçado na janela, continuava a estender a roupa, mas tinha meias de liga, um vestido preto curto e um avental branco e pequeno. Tão pequeno, naquele metro e noventa de altura, que ficava ainda mais ridículo do que seria de esperar. Era uma criada de servir, vestida a rigor. Nos pés, tinha uns sapatos de salto alto, número quarenta e cinco, que comprara numa loja em Lisboa e usava com mais à vontade do que muitas mulheres. Além de toda a altura do seu corpo, as nádegas elevadas devido à posição curvada encurtavam ainda mais o vestido e era possível ver as cuecas de fio dental que tinha por baixo. Quando acabava de estender a roupa, saía da janela. Voltava-se e via-me na cozinha a olhar para ele, entretida. Cumprimentava-me com um sorriso aberto e dizia que o almoço estava quase pronto. Que esperava que eu gostasse. Eduardo era um poço de submissão e educação.

Como vivia sozinho no Porto, decidira há alguns anos assistir a uma dezena de *workshops* de cozinha, onde aprendera a confecionar alguns pratos mais elaborados, que preparava principalmente aos sábados e aos domingos. Nos dias da semana, optava por refeições mais simples. De cada vez que eu comia o que Eduardo cozinhava, pensava na falta que ele me faria quando a nossa relação de dominação e submissão terminasse. Sentia um pouco essa falta de cada vez que ele tinha de ir ao Porto e ficava por lá dois ou três dias. Eduardo tornava toda a minha rotina doméstica mais fácil. Quando desaparecesse da

minha vida, seria um pouco como quando uma mulher a dias se despede por ter encontrado uma nova patroa ou porque decidiu emigrar. Ninguém está preparado para uma notícia dessas. Mas não era só isso. Sentiria também a falta da companhia dele.

Graças aos seus *downloads* ilegais, víamos filmes que ainda não estavam no cinema; íamos ao supermercado fazer as compras da semana, que pagávamos a medias; saíamos para bares ou discotecas e dançávamos durante horas a fio. Quando eu ia à biblioteca da faculdade, para estudar, levava-o comigo, depois de o obrigar a vestir umas cuecas de senhora por baixo das calças. Sentava-se ao meu lado e fazia-me perguntas sobre a matéria, baixinho para não incomodar os outros estudantes. Motivava-me. Éramos bons amigos.

Quase todos os dias, depois do almoço, fazíamos sessões de BDSM. Numa sexta-feira de fevereiro, que cheirava a primavera, mandei-o entrar no carro e levei-o até a um parque de estacionamento junto ao Mondego. Parei e fiquei calada, como se quisesse admirar a vista. Depois, mandei-o baixar as calças e as *boxers*. Ele olhou à volta, preocupado por ser de dia, e, quando se certificou de que não havia ninguém por perto, obedeceu.

– Estás proibido de te vires – avisei.

– Sim, minha senhora – respondeu.

Estendi o braço e toquei-lhe no pénis, devagar, como se estivesse a analisá-lo. Ele susteve a respiração e eu continuei a tocar-lhe, enquanto o via crescer. A seguir, envolvi-o com a mão direita o mais perto possível dos testículos, para começar a fazer movimentos de vai e vem. Com os dedos da mão esquerda, e ao mesmo tempo, acariciei-lhe a ponta molhada e brilhante. Vermelha. Depois, acelerei os movimentos e, quando ele começava a revirar os olhos e a gemer, a entrar num estado em que nem uma ameaça de morte o faria conter-se, retirei as mãos. Sem avisar e sem piedade. O sexo dele contorcia-se sozinho, roxo de tesão.

– Veste-te. Vamos sair do carro.

Eduardo não respondeu com o indispensável “Sim, minha senhora”. Esqueceu-se. Só conseguia pensar que teria de sair do carro naquela triste figura. Mas o meu plano era ainda mais perverso.

– Ouviste bem. Veste-te porque quero ir à baixa beber café. E a pé – insisti.

O pénis de Eduardo era como ele próprio: comprido e difícil de dissimular. Muito nervoso, roeu por alguns instantes o lábio inferior. As suas mãos transpiravam. Respirou fundo.

– Sim, minha senhora – disse finalmente.

Vestiu-se e saiu do carro. A saliência nas calças era enorme e duraria cerca de dez minutos – tempo suficiente para nos cruzarmos com dezenas de pessoas, uma vez que estávamos muito perto do centro histórico. As que se apercebiam do inchaço, por mais que tentassem, não conseguiam desviar o olhar. E Eduardo não ousava encarar nenhuma. Era como se, entre o chão e a cara dele, não houvesse distância. Apenas vergonha. Esforçava-se mentalmente para acalmar aquela ereção violenta, o que conseguiu antes de entrarmos na Pastelaria Briosa, onde comemos dois pastéis de nata e bebemos café. A rir.

Mas foi no dia seguinte que Eduardo me deu a prova de que a sua entrega era total. De que a sua submissão não tinha limites. Por ser sábado, e porque nos deitáramos muito tarde, saímos da cama ao meio-dia, após mais uma noite sem qualquer tipo de contacto físico. Tinha ficado claro que a nossa relação não seria mais do que de dominação e submissão. Tinha ficado claro que não seríamos namorados ou amantes. Cada um de nós ficava na sua metade da cama, sem entrar na do outro.

Tomei um duche e, em seguida, fui para o meu quarto, onde vesti *leggings* e um *top* pretos, já a pensar na sessão da tarde – uma sessão que prometia ser dura para Eduardo, já que chegara o dia de o fazer experimentar novas sensações, mais humilhantes e talvez mais dolorosas do que todas as outras. Hesitei um pouco entre as botas que usara no jantar na *pizzaria* e uns sapatos cor de rosa *néon*, em pele

envernizada e com saltos altos metalizados. Decidi-me pelos segundos.

Quando passei pela cozinha, vi Eduardo ligar o exaustor e começar a fritar dois bifes numa frigideira que, apesar de antiga, tinha a vantagem de ser grande. Vestira-se de criada, como era costume quando cozinhava. Entrei na sala e vi que o arroz e a salada estavam prontos e em cima da mesa. Fui para o computador ver imagens inspiradoras de uma dominadora espanhola a pisar a zona genital do seu submisso, também espanhol, com saltos agulha.

– O almoço está servido – anunciou ele, nem dez minutos depois.

Encheu dois copos com água, esperou que eu me sentasse e sentou-se de seguida. Colocou um bife no meu prato e outro no dele. Depois, acrescentou o arroz e, por fim, a salada. Era um almoço simples e, no entanto, pensei que melhor do que a comida de Eduardo, só mesmo a da minha mãe. Comemos tudo e saltámos a sobremesa. Depois do almoço, ele levantou a mesa e eu sentei-me no sofá a ler, numa revista, um artigo sobre o vaivém Atlantis, que partira poucos dias antes para a Estação Espacial Internacional. Eduardo ficou na cozinha a lavar toda a louça, que deixou a escorrer para, logo de seguida, varrer o chão. Quando terminei, fui inspecionar o seu trabalho. Surpreendentemente, até porque toda a louça que Eduardo lavara nos dias anteriores ficara sempre imaculadamente limpa, notei que havia um grão de arroz entre os dentes de um garfo. Eu não queria acreditar. Como é que ele podia ter falhado daquela maneira? Que decepção. Atirei-lhe um olhar fulminante, antes de o descompor. Começava a sessão.

– O que é isto? Deu-te para seres uma sopeira desleixada, é isso? – perguntei, com o garfo na mão e encostado à cara de Eduardo, para que não restassem dúvidas de que a lavagem fora mal feita.

– Peço desculpa, minha senhora. Vou voltar a lavá-lo – respondeu – Vai ver que fica como novo.

– A sério? E quem me garante que os outros talheres estão bem lavados? Deves achar que não tenho nada melhor para fazer do que inspecionar louça suja – disse, num tom de voz ainda mais alto.

– Sei bem que tem muitas coisas para fazer, minha senhora. Peço desculpa.

– Vais lavar a louça toda outra vez. E, para que não restem dúvidas de que ficou tudo como deve ser, varres o chão também.

– Sim, minha senhora.

– Não passas de uma reles sopeira.

– Sim, minha senhora – repetiu.

E baixou a cabeça, em sinal de obediência. Enquanto lavava a louça e varria de novo o chão, voltei para a sala e continuei a ler o mesmo artigo. O assunto não me interessava especialmente, mas servia para passar o tempo, até que Eduardo estivesse pronto para a tarefa seguinte.

– Penso que está tudo como a minha senhora gosta – disse, vinte minutos depois, à porta da sala, sem se atrever a entrar.

Fechei a revista e levantei-me do sofá.

– É bom que esteja – ameacei.

Dirigi-me à cozinha e verifiquei todos os pratos, copos e talheres. Um a um. Não havia nada que não reluzisse. O próprio chão brilhava porque, além de varrido, tinha sido lavado. Desta vez, Eduardo superara-se. Não havia nada a apontar.

– Muito bem. Agora, vais lavar e massajar os meus pés.

– Sim, minha senhora.

Não era a primeira vez que o fazia. Algumas sessões anteriores tinham começado precisamente com uma massagem aos pés – uma prática que me excita como poucas. Sentei-me de novo no sofá e fiquei a ouvir as batidas dos saltos altos de Eduardo enquanto ele se dirigia à casa de banho para preparar uma bacia com água morna. Entrou na sala devagar, para não entornar água, e pousou a bacia metalizada ao lado dos meus pés. Depois, foi buscar esfoliante, creme hidratante e uma pequena toalha branca.

– De joelhos – mandei.

Eduardo obedeceu. Devagar, levantou-me um pé de cada vez e tirou-me os sapatos, que arrumou debaixo da mesa. Em seguida, puxou-me um pouco pelos tornozelos e mergulhou os meus pés na água morna. Senti-me relaxar instantaneamente. Ele pôs um pouco de esfoliante numa mão e, com a outra, retirou o meu pé direito da água e começou a massajá-lo. Tive vontade de lhe agradecer assim que senti a descontração de todos os músculos do meu corpo. Mas não se agradece a um reles submisso. Por isso, recostei-me no sofá sem lhe dirigir uma única palavra.

Ele continuou a massajar por mais alguns minutos e colocou o meu pé de novo na água, para retirar o esfoliante. Voltou a tirá-lo da água e, suavemente, secou-o com a toalha. Depois, fez o mesmo com o pé esquerdo. Desviou um pouco a bacia e pousou os meus pés no chão, por cima da toalha e com todo o cuidado, como se fossem feitos de louça. Em seguida, encheu a palma da mão de creme e barrou com ele a planta dos meus pés. Calmamente, começou a espalhar o creme em movimentos circulares, passando pelos dedos, até aos tornozelos. Os meus pés ainda estavam brancos de tanto creme quando lhe ordenei que me chupasse os dedos. Não seria a minha pele a absorver o produto – seria a língua dele.

Baixou-se mais um pouco e começou a lamber como se o sabor do creme não o incomodasse e até lhe agradasse. Como se estivesse a lamber mel. Senti cócegas que me fizeram inclinar-me para a frente e soltar uma gargalhada. Foi quando me apercebi de que a boca dele se abriu num sorriso, que fingi não ver para não ter de o castigar. Pouco depois, abriu a boca ainda mais e começou a chupar cada um dos meus dedos, intercalando as sucções com lambidelas ávidas no peito do pé, de baixo para cima e de cima para baixo. Deixei-me ir.

A mistura de creme e saliva quente parecia alastrar-se ao meu sexo. Eu já não tinha vontade de rir e a minha garganta estava tão seca quanto a minha vagina estava molhada. Os meus seios tinham inchado e os músculos do meu ventre contraíam-se num prazer cada vez mais intenso. Descontrolado. Foi de olhos fechados que senti dez segundos de descargas elétricas, provocadas por um orgasmo capaz de fazer um curto-circuito. Quando pensei que aquela excitação feroz chegara ao fim, uma última descarga, inesperada, provocou-me mais um pequeno estremecimento. Depois, veio o alívio, a calma, a paz. Nesse instante, poderia ter adormecido. Ou morrido. Tanto fazia.

Eduardo continuava de joelhos, sem saber muito bem o que fazer.

– Arruma tudo, volta para a sala e despe-te – disse-lhe.

– Sim, minha senhora.

Levantei-me, calcei os sapatos cor de rosa de novo e dirigi-me ao estúdio, para ir buscar cordas brancas de algodão e uma venda. Quando voltei à sala, Eduardo estava nu, em pé, junto ao sofá.

– Senta-te na cadeira, com os braços atrás das costas – ordenei, indicando-lhe uma cadeira da mesa de jantar.

Eduardo fez o que eu queria. Acariciei-lhe um pouco os mamilos e, quando começava a descontraí-lo, arranhei-o com força até ao umbigo. Cerrou os olhos de dor, sem soltar qualquer som. Peguei numa corda de sete metros de comprimento, dobrada ao meio, e fui para trás da cadeira, onde lhe amarrei os pulsos. Com uma corda de dez, criei uma espécie de corpete à volta do tronco, fazendo-a passar pelas costas da própria cadeira. Era, mais uma vez, a minha fantasia de criança realizada: um homem nu, amarrado, vulnerável, dependente da minha boa vontade para se libertar. Que sensação de poder maravilhosa.

Percorri-lhe zonas sensíveis do corpo com as pontas dos dedos: o pescoço, os mamilos, as axilas, o pénis. Senti-o contorcer-se de cócegas misturadas com prazer e arranhei-o novamente. Voltou a cerrar os olhos, numa expressão de quem exagerou na dose de mostarda. Sem o deixar chegar ao extremo de me suplicar para que o soltasse, retirei as cordas, coloquei-lhe a venda e gritei:



– De quatro, minha puta!

Eduardo saltou da cadeira diretamente para o chão, com os joelhos para a frente. E assim ficou, de gatas e às escuras, vendado, durante mais de quinze minutos – o tempo de eu ir à cozinha beber um copo de água e ao estúdio buscar alguns objetos para um dos meus jogos preferidos. Fiz tudo sem pressa, para o deixar na expectativa, para lhe aumentar o sofrimento. Já na sala, coloquei em cima da mesa um chicote, uma chibata, uma cana, uma *pinwheel* (uma espécie de roda dentada com picos metálicos) e duas plumas.

– Ouve, escravo: vou usar alguns objetos em ti e tens de acertar no nome de cada um deles sem falhar – expliquei.

– Sim, minha senhora. Vou tent...

Antes que terminasse a frase, e sem o avisar de que o jogo ia começar, atingi-o com a chibata em cheio nas nádegas.

– Ai! – gritou – É uma cana, minha senhora.

– De certeza? Sente lá bem se isto parece uma cana – respondi, enquanto lhe acertava no mesmo local, desta vez com o dobro da força, para que não tivesse dúvidas. Eduardo deu um salto e não respondeu, por medo de voltar a errar. Precisava de alguns segundos para pensar. Decidi ajudá-lo, dando-lhe com a chibata numa nádega e, antes que pudesse recuperar o fôlego, bati-lhe com a cana na outra nádega.

– E agora? Ainda achas que é tudo a mesma coisa ou notas diferenças?

Eduardo estava ainda mais confuso e as dores não o ajudavam a clarificar ideias.

– Noto diferenças, minha senhora – arriscou, finalmente. – Penso que era uma chibata. Peço desculpa por ter errado.

– Muito bem. Agora sim, estamos a jogar como deve ser.

Peguei então no chicote de franjas e chicoteei-o várias vezes. Eduardo ficou mudo, sem ousar interromper-me para dizer o nome do objeto. Talvez temesse irritar-me mais. Talvez tenha pensado que o jogo terminara e que eu continuava a bater-lhe por puro prazer.

– Estou à espera. Não vou parar enquanto não responderes – disse-lhe, entre duas chicotadas.

– É um chicote, minha senhora.

Tinha as nádegas inflamadas. Encostei uma pluma cor de rosa à pele vermelha e, com pequenos movimentos circulares, levei-a até às coxas musculadas. Desta vez não hesitou e deu-me a resposta correta logo à primeira tentativa.

– É uma pluma, minha senhora.

Finalmente, peguei na roda de picos, que fiz deslizar das nádegas até aos testículos, pressionando suavemente, para provocar uma dor suportável.

– E este? É o quê? – perguntei-lhe.

– É a roda de picos.

– Muito bem. Mas erraste uma resposta e vais pagar por isso.

– Sim, minha senhora. Compreendo.

Chegara o momento da tarde e da sessão pelo qual eu mais ansiara – o momento do *strap-on*. Deixei-o de gatas e vendado, no meio da sala, e voltei para o estúdio. Tal como fizera quando fui buscar os objetos para o jogo, fiz de propósito para que esperasse mais de quinze minutos. A expectativa pode doer e eu sabia como tirar partido disso. No estúdio, retirei um pénis de borracha de uma caixa transparente que guardava no roupeiro. Era um dildo cor de pele, com a glândula rosada e mais estreito na ponta do que na base. Tinha veias grossas e salientes. Encaixei-o numa cinta preta de couro sintético, que coloquei à volta da minha cintura, apertando-a em dois locais diferentes, lateralmente. Como a nossa relação se cingia à dominação e à submissão, não tirei as *leggings*. Ficar nua ou em roupa interior iria expor-me

demasiado. É algo que não faço com submissos, pelo que o único a expor-se seria ele.

Eduardo não imaginava o que iria acontecer. Continuava vendado e de gatas no meio da sala. Entrei, pus-me em pé à sua frente e mandei-o retirar a venda. Quando pôde finalmente abrir os olhos, a primeira imagem que viu foi a de um pénis direito, de tamanho real, quase a tocar-lhe no rosto. Engoliu em seco. Ouvi-lhe a saliva escorregar pela garganta, vi-lhe a maçã de Adão a subir e, depois, a descer. Com os dentes – e sempre à frente dele, para criar mais tensão – rasguei a embalagem de um preservativo e coloquei-o no pénis. Os seus olhos não podiam estar mais abertos.

– Chupa, sopeira. Mas chupa com vontade – mandei.

Eduardo parecia aliviado por ver que o inevitável tinha sido adiado por mais alguns minutos. Perto do que estava para acontecer, chupar um pénis de borracha até que não era mau.

– Sim, minha senhora – respondeu, pegando no pénis com a mão.

– Põe as mãos atrás das costas – disse-lhe, impedindo-o de controlar as minhas investidas.

Cumpriu a ordem e começou a chupar. Devagar e só na ponta, como se quisesse ganhar tempo. Mas eu agarrei-lhe a cabeça e puxei-a contra a minha cintura, várias vezes e sem parar, para lhe mostrar como fazer, até que começou a sufocar, a engasgar-se, a salivar e a sentir náuseas, sem nunca tirar as mãos de trás das costas. Obediente como só ele sabia ser.

– Mais rápido! – insisti, sem soltar a cabeça de Eduardo.

Obedeceu, até que emitiu o som de um vómito que, felizmente, não saiu. Só então decidi parar.

Eu já usara o *strap-on* com outros homens, mas Eduardo nunca fora sodomizado antes. Era a primeira vez. Toda a entrega e confiança, que ele mostrava ao permitir que fosse a primeira, era comovente e excitava-me. Não há nada mais humilhante para um heterossexual do que ser sodomizado. Aceitar inverter o papel com uma mulher, para passar a ser o elemento passivo da relação, implica prescindir de boa parte da dignidade e do orgulho.

Mandei-o subir para o sofá, de gatas e com o rosto de frente para a parede, para que o acesso ao ânus fosse mais fácil. Coloquei umas luvas de latex, transparentes, e dei-lhe quatro palmadas fortes nas nádegas já marcadas pela chibata, pela cana e pelo chicote. Vi o rubor provocado pela minha mão esmorecer em poucos segundos, ao contrário da minha excitação, que ia crescendo. Eduardo não se mexeu. Puxei-lhe um pouco os testículos e o pénis. Continuou imóvel – petrificado de pensar no que estava prestes a acontecer.

– Agora pede para seres fodida, minha puta – ordenei.

– Gostava muito de ser fodida, minha senhora – disse, baixinho e sem convicção.

– Não ouvi nada. Mais alto!

– Adorava ser fodida, minha senhora! – gritou.

Numa mão, deitei um pouco de gel lubrificante e, com a outra, afastei-lhe as nádegas para espalhar o produto na entrada do ânus. Notei que tinha demasiados pelos e não gostei, mas não me era possível resolver esse assunto naquele momento. Talvez mais tarde. Logo de seguida, enfiei um preservativo num *plug* anal (um pequeno pénis de borracha, com uma espécie de base que serve de travão). Introduzi um dedo no seu ânus, para o abrir, e, depois, penetrei-o com a ponta do *plug* de cinco centímetros. Eduardo não reagiu mal. Senti que podia entrar mais profundamente. Por isso, empurrei o pequeno pénis preto até a base ficar presa – sinal de que entrara na totalidade. Eduardo estremeceu um pouco. Pensei que talvez estivesse a tentar expulsá-lo sem dar nas vistas.

– Tens de aguentar assim. Se não conseguires, vou fazer com que sofras mais – avisei. – Por isso, pensa bem antes de te armares em esperto.

– Sim, minha senhora – disse Eduardo, agora imóvel.

Tirei o *plug* e voltei a penetrá-lo cinco ou seis vezes, sem qualquer tipo de queixa como resposta.

Tive a impressão de que estaria pronto para algo mais intenso. Foi então que retirei o preservativo ainda molhado de saliva do *strap-on* e coloquei um novo. Apontei o sexo enorme ao ânus e penetrei-o, mas só a ponta rosada desapareceu dentro dele. O resto do dildo, que era muito largo, continuava de fora. Mesmo assim, soltou um grito de dor. Não havia como fazê-lo entrar sem o magoar mais, porque Eduardo ainda estava demasiado fechado. Hesitei entre insistir ou desistir e fiquei parada durante alguns segundos, sem tirar a ponta do dildo do seu ânus. Sem saber que decisão tomar. Enquanto isso, Eduardo afundou o rosto nas costas do sofá, à espera de uma estocada impiedosa que julgava estar próxima. Tremia e transpirava tanto que consegui sentir-lhe o pavor. Optei por desistir e saí de dentro dele. Não faltariam oportunidades para o adestrar.

– Gostaste? – perguntei-lhe.

– Sim, minha senhora – mentiu.

No dia seguinte, fiz-lhe depilação com cera. No interior do ânus, nas nádegas e na zona genital. Eduardo não costumava queixar-se, mas soltou vários “uis” deitado numa cama do estúdio. Para mim, era a única forma de continuarmos a usar o *strap-on*. Não que os pelos me provocassem repulsa, mas achava-os pouco higiénicos para aquela prática.

Nas semanas seguintes, voltei a sodomizá-lo. Foram precisas quatro tentativas para conseguir fazê-lo com naturalidade, sem entraves ou resistências. A partir da quinta, Eduardo sorria, o seu ânus não se contraía, tinha ereções, gemia de desejo. E provocava-me um prazer louco. No fim de cada sessão, perguntava-lhe se tinha gostado, acariciava-o e dizia-lhe palavras meigas. Como faço sempre. Com todos os meus submissos.

Os dois meses que passei com Eduardo teriam sido perfeitos se tivesse existido entre nós uma chama que não chegou a acender-se. Que eu não tinha como fazer nascer. Concluí que, por muito que me divertisse com ele, estava a perder tempo. Tempo para alguém capaz de me virar a cabeça do avesso, alguém que valeria realmente a pena. E concluí bem, porque Pedro entraria na minha vida pouco depois.

# CAPÍTULO 11

## Submissa, mas pouco

Quando saí à rua naquele sábado de dezembro, um mês depois do nosso primeiro encontro, não imaginava que o dia mais humilhante da minha vida seria também o melhor. Decidira juntar o fim de semana ao feriado da Imaculada Conceição, que era numa terça-feira, e fui até Lisboa para estar alguns dias com Pedro, agora meu dono e namorado.

Como sempre sucedia quando dormia em Lisboa, fiquei em casa de uma prima do meu pai, que vivia num apartamento em Campo de Ourique. Na altura com 92 anos, fora sempre uma mulher moderna, à frente do seu tempo. Fez carreira em Lisboa como modista de Alta Costura e, enquanto a idade o permitiu, não dispensava uma revista à portuguesa ou uma noite de fados. Dois ou três anos depois da minha visita, a prima Margarida tropeçou num tapete e caiu sozinha em casa. Foi uma queda sem gravidade, mas o susto bastou para reconhecer que talvez fosse melhor mudar-se para um lugar onde estivesse mais acompanhada. Escolheu um lar de idosos em Almada, onde já viviam duas das suas melhores amigas a rondar a mesma idade.

Naquele dia, acordei um pouco cansada mas bem disposta. Levantei-me, fiz a cama e abri a janela. Apesar da previsão de chuva e vento forte, estava um dia de primavera e tive vontade de ficar mais um pouco a sentir, no rosto, o sol que batia em cheio naquele segundo andar. Mas a hora marcada por Pedro aproximava-se a grande velocidade e eu acabara de me levantar. Deixei a janela aberta e fui para a casa de banho tomar um duche rápido. Sequei-me, enrolei a toalha à volta da cabeça, vesti o robe, calcei uns chinelos e dirigi-me à cozinha, onde a minha prima esperava por mim com um sorriso maior do que ela. Preparara um pequeno almoço especial, só para mim, mas eu estava demasiado ansiosa e apressada para apreciar a gentileza.

– Não tocaste no bolo de mel, Ana. Nem na fruta. Come, ao menos, a manga – sugeriu.

– Hoje acordei um pouco enjoada, prima Margarida. Talvez tenha sido do pastel de nata que comi ontem na autoestrada – tentei justificar.

– É por essas e por outras que só compro comida seca nos sítios que não conheço. Não escolho nada que tenha cremes ou molhos – explicou a prima Margarida. – O máximo que arrisco é um *croissant* ou um *palmier*.

– E faz muito bem. Mas, prima, guarde tudo no frigorífico. Talvez eu tenha mais apetite quando voltar. Foi a forma mais delicada que encontrei de não prolongar a conversa.

– Vou aproveitar a fruta e fazer uma salada para a sobremesa do almoço de amanhã. O que te parece? Parecia-me tudo muito bem, desde que não fosse obrigada a falar ou a pensar muito.

– Sim. Faça isso, prima Margarida.

Engoli uma torrada e um café, lancei-lhe um “Obrigada, prima Margarida” e voltei para o quarto. A roupa que teria de vestir nesse dia não fora escolhida por mim, mas imposta por Pedro, dois ou três dias antes, numa mensagem que me enviara para o telemóvel. Despi o robe e pousei-o em cima da cama.

Depois, abri o armário, de onde tirei o que iria usar, no estrito cumprimento das ordens do meu dono.

Comecei por calçar uns *collants* de renda preta com uma abertura no meio, para um acesso direto e descomplicado, que comprara há alguns meses numa *sexshop* na Internet. A camisa que vesti de seguida era branca, às riscas verticais, pretas e finas, e tinha mangas compridas. Ter-me-ia dado um certo ar de executiva, não fosse a vulgaridade evidente de todas as outras peças e a forma como tive de usá-la. E as indicações de Pedro eram claras: os botões da camisa que poderiam entrar na respetivas casas eram os do umbigo para baixo; todos os outros ficariam por abotoar. Uma minissaia preta, de cabedal, e uns sapatos altos da mesma cor, com saltos prateados, completavam o *look*.

Maquilhei-me de uma forma exagerada, como Pedro mandara, e olhei-me ao espelho. Vi uma prostituta de beira de estrada. Senti-me mal. Desconfortável. Como iria sair de casa vestida daquela maneira e caminhar pela rua, sem morrer de vergonha até chegar ao carro? Procurei conforto na ideia de que não conhecia ninguém no bairro e preparei-me mentalmente para acelerar o passo assim que pousasse um pé na calçada. Pus um casaco de malha escuro sobre os ombros e peguei na carteira, decidida a não chegar muito atrasada ao local combinado com Pedro, uma estação de serviço depois da ponte, a caminho da Caparica.

Desci as escadas do prédio e espreitei a medo pela abertura da porta. Uma mulher, acompanhada de um cão pequeno, passou a meio metro de mim sem me ver. Tentei então espreitar um pouco mais longe, para me certificar de que era a melhor altura para avançar, a altura com menos gente por perto. Ainda me julgava dentro do prédio quando senti a porta pesada, que se fechava sozinha, empurrar-me completamente para a rua. “Melhor assim”, pensei. Só um empurrão me faria avançar. Restava-me agora respirar fundo e caminhar, até porque já estava muito atrasada.

Devo ter percorrido de olhos fechados os cem penosos metros que me separavam do carro, porque não me lembro do que se passou entre o bater da porta do prédio e o rodar da chave na ignição. Ignoro até hoje se havia muita gente na rua, se quase fui atropelada, se alguém comentou nunca ter visto antes prostitutas em Campo de Ourique, menos ainda de manhã. Admito que tenha acontecido tudo isso e muito mais. Respirei fundo, desta vez de alívio, pus os óculos de sol e arranquei, em direção à Ponte 25 de Abril.

Quando cheguei à estação de serviço, Pedro já lá estava, dentro do carro. As borboletas voaram como loucas na minha barriga mal o vi. Tinha o cabelo ainda húmido do duche e ficava-lhe tão bem como quando estava seco. Era o homem perfeito. Não lhe perguntei quanto tempo esperara por mim, mas imaginei que fosse muito, ou não estaria tão sério. Tal como no nosso primeiro encontro, quis cumprimentá-lo, dar-lhe uma justificação. Sem sucesso.

– Vais ter mesmo de resolver os teus atrasos, Ana. E não me venhas dizer que foi por não conheceres bem Lisboa. Bastava teres saído mais cedo para isto não acontecer – observou, já no meu carro, depois de ter estacionado o dele.

– Sim, meu senhor – respondi, cumprindo à risca a regra de não o olhar nos olhos.

– Agora arranca. Já é tarde.

Acelerei no sentido de um centro comercial de Almada, onde faríamos uma breve paragem para comprarmos o almoço. Pedro planeara um piquenique em plena serra para aquele dia. Ainda na estrada, quando eu contornava uma pequena rotunda, decidiu apertar-me a perna. Agi como se nada se passasse. Subiu então um pouco, para verificar se por baixo da saia eu estava vestida como ele mandara, e percorreu com os dedos compridos toda a abertura dos *collants*, de forma leve, como se tocar-me na pele não fosse intencional. Contraí-me e travei um pouco sem querer. Pedro parou de me tocar e retirou a mão, talvez por temer um acidente.

– Como foi a tua viagem até Lisboa? – perguntou.



– Foi calma. Correu bem.

– E a tua prima, como está?

– Está ótima. Já tinha saudades dela. Acho que também gostou de me ver.

– Dormiste bem?

– Sim. Durmo sempre bem naquela casa. Mas acordei um pouco cansada, não sei porquê.

– Talvez tenha sido da ansiedade. Não é todos os dias que se tem um encontro marcado com alguém como eu – disse, com um sorriso presunçoso. – Vira à esquerda.

Virei à esquerda e continuei a guiar.

– Não me parece – afirmei, a desafiá-lo.

– Fizeste tudo o que mandei durante a semana, Ana?

– Claro que fiz.

– Bebeste pelo menos um litro de água todos os dias?

– Sim.

– Sabes que tens de estar em forma para que as coisas corram bem, não sabes? Ser submissa é muito exigente em termos físicos. Nadaste na piscina?

– Duas vezes.

– E foste às aulas do mestrado sem cuecas?

– Fui, sim.

Tinha ido mesmo. Vestira saias e *collants*, sem cuecas, todos os dias da semana. Faço questão de cumprir as ordens no papel de submissa porque gosto que me obedeçam quando sou dominadora. Sempre achei que não faz qualquer sentido quebrar as regras do jogo numa relação de dominação e submissão – que é consensual e resulta de um compromisso. Ou se está nela a cem por cento ou, simplesmente, não se está. É também por isso que não entendo que se possa mentir.

– E sentiste-te bem ou mal com isso? – perguntou Pedro.

Estava curioso. Queria saber até que ponto as suas ordens estavam a mudar-me. Gostava de mulheres desinibidas e eu ainda estava demasiado presa. O facto de não me sentir à vontade com um decote até ao umbigo ou uma saia que mal escondia as nádegas eram, para ele, uma prova disso mesmo.

– Primeiro mal, mas depois uma pessoa habitua-se. Como a tudo, na vida – respondi finalmente.

Sorriu de novo. E foi em pleno interrogatório que chegámos ao centro comercial. No parque de estacionamento, indicou-me o lugar exato onde queria que parasse o carro. Era perto de uma das muitas entradas para o interior. Estacionei e fiquei quieta, sem dar sinais de querer sair do carro. Esperava que ele tivesse o bom senso de ir às compras sozinho e poupar-nos aos dois o embaraço de me passear vestida como uma prostituta num centro comercial tão movimentado, em pleno sábado de manhã.

– Vais caminhar à minha frente e fazer as compras sozinha.

Estremeci. Imaginei tapetes rolantes e corredores de gente em choque por me ver com tão pouca roupa e tão curta. Senti-me ansiosa e desconfortável, mas ao mesmo tempo, e estranhamente, feliz por lhe agradar.

Sem tirar o casaco de malha, percorri todo o caminho – desde o parque de estacionamento até ao hipermercado, passando por dezenas de lojas e centenas de pessoas – com a barriga revolvida, os olhos pregados ao chão, as mãos e os pés a tremer de nervosismo. Tropecei pelo menos duas vezes, sem chegar a cair. Os olhares reprovadores pesavam mais nos meus ombros do que se tivesse vestido um enorme sobretudo. Tive vontade de fugir a correr, de me esconder, mas não o fiz. Por Pedro, suportaria o peso do mundo. E foi com a força desta ideia que cheguei às prateleiras das batatas fritas. Vi a minha marca favorita e estendi o braço para tirar um pacote.

– Quero as de baixo, Ana. As da prateleira mais baixa – afirmou Pedro, aproximando-se um pouco,

para que eu pudesse ouvi-lo.

– Sim, meu senhor – respondi, dócil e obediente, sem no entanto compreender a preferência dele por aquelas batatas de pacote tão pouco atraentes.

Decidi dar-lhe o benefício da dúvida, embora a única vantagem óbvia fosse a de serem baratas, demasiado baratas. Mas há produtos que parecem maus e são verdadeiras revelações. Talvez Pedro tivesse descoberto que eram deliciosas e quisesse agora partilhar essa descoberta comigo. Pensei nisto tudo enquanto me dobrava para tentar agarrar as batatas. Mas estava enganada. A minissaia acompanhou o movimento das ancas e subiu bastante, atrás. Ouvi o riso malicioso de Pedro e baixei a saia rapidamente. Um rubor quente tomou conta da minha cara. Virei-me para me certificar de que ninguém se apercebera da minha pobre figura, o que felizmente se confirmou, e pus-me de cócoras – a única maneira de retirar o pacote de batatas da prateleira sem mostrar tudo o que não queria mostrar. Além das batatas, comprámos sandes já prontas e bebidas. Tudo escolhido por Pedro, que não precisou da minha opinião para nada e não me pediu uma única vez. Além das batatas, a exigência de levar maçãs de uma variedade que estava esgotada revelou-se, para mim, outra grande fonte de inquietação e sofrimento.

– Estas são ótimas – disse-lhe, apontando para as primeiras que vi, na esperança de sair dali o mais rapidamente possível.

Mas Pedro não desistiria de mais uma brincadeira de mau gosto. Não tão facilmente. Irredutível, obrigou-me a chamar um funcionário e a perguntar-lhe se as maçãs esgotadas iriam ser repostas ainda durante o dia. O pobre homem estava mais atrapalhado do que eu e respondeu que talvez só no dia seguinte, sem conseguir desviar o olhar do meu decote indecente. Pedro não podia estar mais satisfeito.

Pagámos numa caixa onde estava uma mulher demasiado ocupada para reparar em mim e voltámos para o carro pelo mesmo trajeto, o trajeto da minha vergonha. Tive as mesmas sensações desagradáveis, o mesmo receio de um escândalo provocado por alguém ofendido com a minha figura. Só Pedro se divertia, meia dúzia de metros atrás de mim, como se não me conhecesse.

Quando chegámos ao parque, apressei-me a entrar no carro. Preparava-me para respirar fundo e começar a descontraír quando me apercebi, através do espelho retrovisor, dos olhares de censura de um casal que passava. Felizmente, continuou a caminhar sem me dirigir os insultos que eu temia e para os quais não teria resposta.

Já mais calma, liguei o motor e arranquei, com Pedro ao meu lado, a dar-me instruções sobre o caminho a seguir até ao local que ele escolhera para passarmos algum tempo juntos. Quando não era preciso virar à esquerda ou à direita, quando a estrada o permitia, Pedro ficava a olhar para mim. Eu fingia não reparar, mas contraía a barriga de timidez, incomodada com a forma como me analisava, e só respirava normalmente quando ele dirigia o olhar para a estrada. É curioso como a paixão nos leva de volta à adolescência, com todas as vergonhas e inseguranças que julgávamos lá atrás, bem arrumadas para sempre.

Meia hora depois de sairmos do centro comercial, vi uma placa onde se lia “Fonte da Telha” e Pedro mandou-me estacionar perto da praia, de frente para o mar. Impressionou-me o areal inclinado a perder de vista, denso e alaranjado. Os muitos bares e cafés, todos eles pequenas construções, alegravam a paisagem. Aproveitei para me descontraír e viver um daqueles momentos raros, em que a vista e a companhia se conjugam para nos lembrarem que a felicidade não é ficção. Mesmo quando dura pouco.

– Mostra-me as marcas nos teus braços – disse Pedro, subitamente.

Não esperava aquela interrupção repentina. Senti o coração acelerar e foi como se o mar se desfocasse em menos de um segundo e eu entrasse de novo no carro, do qual não chegara a sair. O meu próprio nervosismo aguardava, impaciente, para me martirizar mais um pouco. Subi ligeiramente as mangas da camisa e estendi os pulsos ainda vermelhos.

Tinham as marcas da noite anterior, quando nos encontráramos, também em Almada, perto da casa dos pais de Pedro, onde ele jantara. Tinha sido logo após a minha chegada a Lisboa. Queria vê-lo à viva força. Certificar-me de que os seus olhos brilhavam por mim, com o mesmo desejo indisfarçável. Saber que, quando eu estava por perto, a sua respiração se fazia com o mesmo anseio. Tínhamos ido até perto do jardim do Ginjal, em Cacilhas, onde ficámos algum tempo a admirar a Ponte 25 de Abril e a zona ribeirinha da capital, sem sairmos do carro. A vista transmitia uma grande tranquilidade, mas com Pedro não havia maneira de a tranquilidade durar. Ainda mal distinguira as três torres das Amoreiras e já ele tentava imobilizar-me, apertando-me os pulsos com as mãos. Eu tinha resistido, o que só serviu para me magoar mais do que se o tivesse deixado apertar-me como ele queria. Pedro lembrava-me sempre, nos momentos mais improváveis, que eu era a submissa dele, inferior e dependente. Eu não gostava, mas aceitava que ele o fizesse.

Sorriu, satisfeito por verificar que estava marcada da véspera. Mantive-me séria e com um ar ofendido. Depois, desci as mangas para esconder os pulsos doridos e a humilhação. Foi então que se aproximou de mim para me beijar. Desviei o rosto. Tentou forçar-me, puxando o meu queixo com a mão. Resisti de novo e rodei a cabeça para a esquerda, o mais que pude. Pelo vidro do carro, vi um grupo de quatro ou cinco surfistas, que chegava à praia. Um deles fitou-me com um olhar apreensivo. Talvez se tivesse apercebido da minha resistência às investidas de Pedro. Tentei tranquilizá-lo com um pequeno sorriso. Continuou então em direção ao mar, mas eu sentia-me cada vez mais desconfortável com a chegada de pessoas que estacionavam os carros muito perto do meu. Não compreenderiam que aquela violência era consentida, que se tratava de um jogo. E eu imaginava gente exaltada, a polícia a chegar, as explicações e a vergonha. Além de um dia perdido. Pedro deve ter pensado o mesmo que eu.

– Vamos sair daqui, Ana. Estás demasiado rebelde para o meu gosto. Precisas de um castigo para te acalmares e não posso dar-to aqui. Há gente a mais.

– Sim, meu senhor – disse, enquanto todos os músculos do meu corpo se contraíam de apreensão.

Qual seria o castigo?

– Faz marcha atrás, até à estrada – indicou Pedro, enquanto se inclinava um pouco para a direita, para controlar o trânsito pelo espelho retrovisor mais próximo. – Podes ir agora.

Acatei a ordem, assim como todas as que se lhe seguiram até chegarmos, pouco depois, perto de um complexo militar da NATO, à entrada de uma floresta chamada Mata dos Medos. Estacionei num local isolado, escolhido por Pedro, e esperei que ele me dissesse o que fazer.

– Desliga o carro. A partir daqui, temos de ir a pé.

Tirei uma pequena mala de acessórios, que trouxera de casa, do banco traseiro. Pedro saiu e começou a andar num caminho de terra. Tranquei o carro e segui-o de perto, com a mala na mão – um *necessaire* preto onde colocara ovos vibradores, preservativos, um *plug*, velas, molas e uma venda.

De vez em quando cruzávamo-nos com ciclistas. Creio que caminhávamos numa espécie de ciclovia, ou num caminho pedonal por onde também andavam bicicletas. Tal como fizera no centro comercial, baixei o rosto para evitar os olhares mais críticos. Mas a verdade é que os sentia na mesma, reais ou imaginários.

Era quase meio dia, uma boa hora para dar notícias aos meus pais, que estavam em Coimbra e só tinham falado comigo no dia anterior. Tirei o telemóvel da carteira e liguei para o do meu pai, para lhe dizer que estava tudo bem e que podiam estar sossegados. O meu pai quis saber se a prima Margarida estava bem e se também chovia em Lisboa, perguntas às quais respondi enquanto caminhava e os meus sapatos se enchiam de areia e pequenas pedras. Quando desliguei, pedi a Pedro que me deixasse descalçar antes de prosseguir.

– Estou prestes a castigar-te, Ana. Porque é que te deixaria tirar os sapatos? Não faz sentido, pois

não? – notou.

– Tem razão, meu senhor.

– Claro que tenho. E tenta acelerar o passo. Estou cansado de abrandar para que possas acompanhar-me.

Dobrei o ritmo da caminhada para lhe satisfazer o gosto sádico, mesmo já sentindo pequenos buracos nos pés, que me provocavam dores agudas, muito próximas do intolerável. Tão fortes que tive vontade de rebolar no chão ou andar sobre os joelhos para chegar onde quer que Pedro pretendesse levar-me. Resisti à tentação de o fazer, temendo um castigo ainda maior do que aquele que ele me tinha reservado. Felizmente, estávamos já muito perto do nosso destino, um lugar onde se cruzavam dois pequenos trilhos, próximo da falésia. À nossa frente, o mar enorme, ainda mais deslumbrante do que quando visto da praia.

– Consegues ver os surfistas no mar? – quis saber Pedro, levando-me pela mão para perto de um pequeno banco em pedra, perto do qual havia uma placa com instruções sobre o circuito pedonal.

Sentei-me nele, de lado, para ver o mar.

– Consigo. Vejo-os bastante bem – respondi.

– Então podes começar a contá-los em voz alta. Sem te enganares, Ana.

O mar estava apinhado de surfistas. A intenção dele era baralhar-me e, com isso, humilhar-me mais um pouco, enquanto preparava o material que iria usar no castigo.

– Um... dois... três... quatro...

Eu contava o melhor que podia, mas era como distinguir formigas, que se movimentavam constantemente, num formigueiro.

Chegava a contar 15 ou 20, mas perdia-me e tinha de recomeçar. Tentei quatro vezes, até Pedro perder a paciência.

– Não serves nem para contar. Espero que, pelo menos, consigas beijar como deve ser.

Tentou agarrar-me para que eu o beijasse, mas voltei a recusar, fazendo força para trás com a cabeça. Irritado, puxou-me pelos cabelos. Soltei um “ai” de dor, mas mantive os lábios colados um ao outro, sem qualquer abertura possível. Pedro soltou-me e abriu a mala dos acessórios, de onde retirou um pequeno ovo vibratório. Depois, mandou-me pôr as pilhas no controlo remoto. Enquanto eu me esforçava por realizar corretamente a tarefa e evitar assim mais repreensões e momentos de angústia, colocou um preservativo no ovo. Era mais higiénico.

Mandou-me então pôr-me de pé, virada para o mar, e abrir as pernas. A minha ideia era manter-me submissa e obediente e respeitar todas as ordens, exceto as relativas ao beijo. Sabia que não precisava de exagerar para o deixar irritado e, ao mesmo tempo, louco de desejo. Negar-lhe o beijo era mais do que suficiente para lhe dar toda a luta que eu achava que ele merecia. Por isso, obedeci sem resistir. Encostou-se a mim, por trás, e puxou-me ligeiramente a saia para cima. Afastei as pernas e dobrei-me para a frente, com as mãos apoiadas num pequeno muro de pedra, expondo a vagina pela abertura dos *collants*. Colocou o ovo dentro de mim como se fosse um tampão, sem, no entanto, ativar o comando. Esforcei-me para não ter qualquer reação física. Não queria dar-lhe o prazer de me ver excitada ou alterada, mas tive de me contorcer para que o meu desejo de ter os dedos dele mais tempo dentro de mim não se notasse.

– O ovo vai acalmar-te. Estavas a precisar de algo no meio das pernas – disse, para me rebaixar, antes de tentar beijar-me outra vez.

Mas não ceder tornara-se para mim um ponto de honra. Era o meu finca-pé, a réstia de orgulho que me mantinha de cabeça erguida e capaz de continuar no jogo.

– Ana, vais beijar-me e, mais do que isso, vais agradecer-me quando terminares. Percebeste o que eu

disse? Vira-te de frente para mim – ordenou, num tom ameaçador e com o punho cerrado, depois de me baixar a saia.

Dei meia volta sobre mim própria e, mesmo temendo o pior, respondi-lhe com mais uma recusa na forma de um desvio, rodando a cabeça para o lado. Ordenou-me que voltasse o meu rosto para ele e, abrindo a mão, deu-me um estalo. Sem pedir licença, levei a minha mão à cara e acariciei a dor para a sossegar.

– Tira a mão da cara e beija-me agora. Já! Estou mesmo a perder a paciência contigo – insistiu.

Como não dei sinais de querer ceder, deu-me outro estalo, na mesma face. E desta vez com tanta força que senti dores intensas durante vários minutos. Mas não era o suficiente para me quebrar. Estava decidida a resistir até não poder mais. Cheguei a agarrar-lhe as mãos para o impedir de me forçar a beijá-lo. Pedro estava furioso. Senti toda a sua fúria na força que colocava em cada puxão, em cada empurrão, em cada tentativa falhada para me dominar.

Talvez eu tenha sido a submissa mais rebelde com que teve de lidar. Gosto de acreditar que sim. Penso que o facto de ser uma dominadora disfarçada de submissa se notava nestas pequenas coisas. Dava-lhe mais luta do que era suposto e não conseguia portar-me de outra maneira. Era mais forte do que eu. Por outro lado, aprendi com Pedro algo precioso, que não poderia ter aprendido de outra forma. O tipo de coisas que só se aprende com sofrimento, quando se está na pele dos que se encontram numa situação mais vulnerável.

Devo a Pedro a dominadora que sou hoje, porque sei exatamente o que os meus submissos sentem. Há sempre alguns mais resistentes do que outros, tanto ao nível físico como psicológico, mas tenho uma ideia muito precisa do que passam quando são humilhados, chicoteados, espancados, forçados a fazer o que não querem. Conheço as sensações que vêm da cera derretida a queimar a pele, das molas a comprimirem os mamilos com tanta força que os olhos se enchem de lágrimas, de uma corda apertada a tolher os movimentos, de uma palmada que deixa marcas na carne. Sei até se um submisso está a fingir que não suporta uma dor suportável. Devo tudo isso à minha relação com Pedro e a esta experiência de falsa submissa.

A possibilidade de alguém nos ver deixava-me cada vez mais nervosa. De repente, ouvi um barulho. Não sei se foi o ramo de uma árvore a quebrar-se, um pequeno animal assustado a correr ou simplesmente o nervosismo a crepitar na minha imaginação. Mas, o que quer que tenha sido, obrigou-me a ignorar uma regra básica: detive-me por dois segundos nos olhos gelados de Pedro, encarando-o. O primeiro para tentar perceber se ele ouvira o mesmo barulho e o segundo à espera de um pequeno raio de sol que me estivesse destinado. Não obtive nada de volta nesses dois pequenos segundos, como não teria obtido se os meus olhos ficassem cravados nos dele durante um dia inteiro. Nenhum brilho, nenhum calor. O olhar do Pedro era de um gelo inquebrável. Baixei rapidamente a cabeça, na esperança de que o meu descuido não fosse interpretado como um atrevimento, mas ele levantou a mão, bem puxada atrás, para me dar outro estalo. Dos violentos. Daqueles que doem antes mesmo de nos acertarem.

– Por favor, meu senhor, não me bata mais. Não foi de propósito – implorei, oferecendo-lhe subtilmente a face que ainda não fora atingida, caso o meu pedido não me valesse de nada.

Para minha grande surpresa, decidiu poupar-me. Baixou a mão e, com um ponto que julgou a seu favor, tentou mais uma vez a sorte. Mantive-me irreduzível, negando-lhe novamente o beijo, apesar de saber que a minha situação, a partir daquele instante, iria forçosamente piorar. Só não sabia quanto.

Remexeu na mala dos acessórios, que estava pousada no chão, e retirou do seu interior um chicote preto com fitas em cabedal.

– Acreditas mesmo que não consigo dobrar-te, não é? Pois bem, vamos ver agora se tens razão. Vira-te para o muro e dobra-te – disse.



Fiz como disse, enquanto ele me levantava a saia. Sem pensar, coloquei imediatamente as mãos nas nádegas para as proteger, mas Pedro agarrou-me pelos pulsos e voltou a apoiá-las no muro, à força.

Chicoteou-me ignorando completamente os primeiros sobressaltos do meu corpo. Aguentei sem protestar as muitas vergastadas que me acertavam onde as coxas e as nádegas se encontram. Até que comecei a gemer. Pedro sabia que não sou de me queixar sem razão, que não minto nem finjo. Se estava a gemer era porque a dor se tornara insuportável. Pedi-lhe que parasse, mas foi como se não tivesse falado. Fustigou-me com mais umas chicotadas mórbidas, que pareciam rasgar-me a carne.

– Por favor, não aguento mais!

Quando finalmente parou, virou-me para ele a puxões de cabelo e tentou beijar-me. Nada feito. Recusei. Então, atirou o chicote para o chão, sentou-se no pequeno muro, puxou-me e deitou-me sobre as pernas dele para me bater com a mão. As minhas nádegas doridas do chicote contraíam-se a cada palmada e eu começava a achar que o facto de ainda ninguém nos ter surpreendido não poderia durar muito mais, principalmente porque os meus gritos de dor eram cada vez mais audíveis. Pedro estava cego e surdo. Passara para outra dimensão. Tentaria quebrar-me até a polícia o impedir de continuar. Pareceu-me que tudo aquilo estava a ficar fora de controlo, que acabaríamos o dia numa esquadra. Tínhamos de parar. Nem que fosse à custa do meu orgulho.

– Pare, meu senhor! Por favor, pare! Eu beijo-o. Eu beijo-o...

Parou e eu levantei-me. Dei-lhe um beijo seco nos lábios, que ele aceitou assim mesmo, sem mais exigências. Pareceu-me estranho, mas a razão pela qual não quis de mim um beijo mais entusiástico revelar-se-ia logo depois, enquanto eu ainda baixava a saia e tentava compor-me. Ao ajeitar a roupa, lembrei-me outra vez do desconforto que ela me fazia sentir.

– Sinto-me uma puta, assim vestida – admiti, inadvertidamente.

– Ótimo. É mesmo de uma puta que preciso – afirmou, sem qualquer tipo de complacência.

Lamentei o meu desabafo. Devia saber que nada do que eu pudesse dizer me seria favorável. Pedro levava sempre a humilhação um pouco mais longe. Restava-me aprender a não lhe dar pretextos, a saber calar-me nas alturas certas.

– Ajoelha-te, Ana.

O seu tom arrogante e o meu medo de ser surpreendida por desconhecidos, que teimava em não passar, faziam-me hesitar. Mas a minha capacidade de resistência esfumara-se minutos antes, por entre os estalidos e as ardências das palmadas que me deu. Cansada e resignada, assentei os joelhos no chão. Quis afastar umas agulhas secas de pinheiro manso que me picavam as pernas, mas ele impediu-me com um «Deixa isso como está». À altura dos meus olhos, uma braguilha de botões excitada movia-se sozinha, ao ritmo dos segundos. Fez-me sinal para que a abrisse e eu obedeci. Não precisou de me dar a ordem seguinte. Peguei no pénis ereto e tirei-o para fora das calças. Soube-me bem tocar-lhe, senti-lo duro, mas larguei-o e baixei os braços, deixando-o suspenso no ar, a direito, sem mostrar entusiasmo ou agrado, enquanto esperava mais instruções. Pedro pagaria com a minha frieza tudo o que me fizera passar.

– Agora, chupa – ordenou, num tom áspero mas suficientemente baixo para não chamar a atenção de quem passasse ali perto.

– Não – atrevi-me a responder.

As forças de que precisava para lhe resistir pareciam querer voltar. Assim como a vontade de o fazer.

– Será que ouvi bem? – perguntou, não sei se a mim ou se a si próprio, enquanto me agarrava a parte de trás do cabelo para aproximar a minha cabeça do seu sexo, apontando-o à minha boca. – Abre-a.

– Não. Não quero.

Começou então a esfregar a glândula nos meus lábios. De um lado para o outro, de cima para baixo, em

movimentos circulares, pressionava e forçava, numa tentativa de os abrir. Toda aquela cena, comigo a resistir e com ele a insistir, provocou-me, a certa altura, uma estranha vontade de rir, que não pude conter completamente. E foi no meio de um sorriso inevitável que ele encontrou a passagem para o interior da minha boca.

– Quero que chupes e lambas devagar, Ana. Para começar, só a ponta.

Fiz com prazer o que ele mandou, mas guardei as manifestações desse sentimento para mim. Durante alguns segundos, limitei-me a respirar muito perto daquele pénis desmedido. Tocava-lhe apenas com o meu ar morno. Humedeci então os lábios com a língua e encostei-os para o chupar, espalhando os primeiros sucos salgados que saíam da pequena abertura. Por fim, abri a boca para o deixar entrar um pouco e comecei a lambar e a chupar de forma alternada.

– Muito bem, Ana. Chupa, afunda e engole-o todo – explicou.

E aqueles três verbos, que soavam a técnico e obsceno, ativaram com furor todos os circuitos de excitação do meu corpo. Acariciei-lhe os testículos com uma mão, enquanto segurava o pénis com a outra. Lambi e beijei devagar toda a extensão da pele esticada. Várias vezes, de cima para baixo, de baixo para cima, sem me preocupar com o rasto de saliva quente que ia deixando por todo o lado. Crescia-me água na boca de vontade de o devorar. Pedro tentava gemer baixinho, mas por esta altura as minhas preocupações tinham desaparecido. Pensava apenas no prazer que o prazer dele me dava. Creio que não pararia se fôssemos surpreendidos. Não teria sido capaz. Os líquidos dele eram como um licor que me embriagava. Enchi a boca o mais que pude, até o sentir bem fundo na garganta. Tão fundo que me engasguei e tive náuseas, mas não ao ponto de desistir. O truque era mudar de método. Vóltei a encher a boca, agora sem ultrapassar os limites, e chupei com vontade. Em seguida, deixei o pénis sair quase todo, mantendo apenas a ponta entre os meus lábios, para logo depois voltar a escondê-lo até onde podia suportar. E a minha boca executou movimentos de vai e vem, como se fosse uma vagina.

Pedro pressionou então um botão do comando do ovo vibratório, que começou a tremer, desvairado, dentro de mim. Talvez tenha pensado que eu merecia um orgasmo, por bom comportamento, mas a verdade é que teve o efeito contrário. Tive uma sensação desconfortável. Em vez de me excitar e dar prazer, o ovo a trepidar incomodava-me. Afastei a boca do sexo dele, de repente, no meio do sobressalto que aquilo me provocou.

– Por favor, pare, meu senhor. Não está a ser bom. Gostava de tirar o ovo.

Zangado, Pedro fechou a braguilha. Depois, levantou-me e apoiou-me as mãos no muro.

– Abre as pernas – disse, antes de enfiar os dedos dentro de mim para verificar se o aparelho estava bem colocado.

Pressionou um pouco e sentenciou:

– Se voltares a mencionar que queres tirá-lo, vais ser castigada. Vou bater-te outra vez e com mais força do que há pouco.

Aquelas palavras doeram como se fossem palmadas. As minhas nádegas agitaram-se. Não suportaria aquela tortura de novo. Não agora. Não nos próximos dias. Preparei-me mentalmente para uma série de vibrações incómodas, mas Pedro tinha outros planos, planos surpreendentes. Virou-me para ele e abraçou-me.

– Beija-me, Ana – pediu.

Sorri e dei-lhe um beijo apaixonado. Quando terminei, descalcei-me sem lhe pedir e afastei-me dele a correr. Entrou no jogo, perseguiu-me. Escorreguei e quase caí. Vi-o a aproximar-se a correr, com um grande sorriso. Apanhou-me e rimos muito os dois, abraçados como um par de namorados. Estávamos em pé, a acariciar-nos, quando ouvimos as vozes de um casal de idosos que, se tivesse aparecido dez minutos mais cedo, teria visto algo pouco recomendável. Rimos ainda mais, desta vez da nossa sorte e

da deles. Voltámos devagar para junto dos meus sapatos, que tinham ficado no chão. Apanhei-os e fui ver o mar da falésia. Sentei-me numa zona desnivelada, que fazia lembrar um pequeno lanço de escadas. Era como estar sentada num degrau virado para o mar, que continuava enorme e brilhante. Pedro ficou de pé, à minha frente e virado para mim.

– Estás tão bonita. Vou tirar-te uma fotografia.

Continuei a olhar para o mar e pensei que seria fácil contar surfistas àquela hora, mas não quis dar-lhe ideias. Ele tirou-me uma foto e mostrou-ma.

– Vê. Ficou perfeita – observou.

Concordei.

– Afasta os joelhos, Ana.

Estava a testar-me. Sabia que eu tinha alguma dificuldade em cumprir as ordens que implicavam expor-me muito. No entanto, e depois de tantas peripécias, sentia-me mais à vontade, não tinha de me esforçar para ser ousada. Abri as pernas sem hesitar, ele sorriu de satisfação, retirou-me o ovo e fechei-as. Sentou-se ao meu lado e abraçou-me. Passava das cinco da tarde.

– Estou a ficar com fome – disse ele.

É verdade que os momentos de loucura ou de felicidade parecem saciar, mas não comíamos nada desde manhã.

– Devíamos ter trazido as sandes – respondi.

Trocámos alguns beijos e calcei-me. Ele pegou na mala dos acessórios e voltámos sem pressa para o carro. Depois dirigimo-nos à praia da Figueirinha, igualmente escolhida pelo Pedro, onde chegámos depois de atravessarmos a Serra da Arrábida, por uma longa estrada serpenteante. Tal como fizera no centro comercial, disse-me exatamente onde queria que eu estacionasse, apontando com o indicador um lugar vago num parque de estacionamento, de frente para a praia, do qual não paravam de sair carros. Eram seis horas. Desliguei o motor e comemos as sandes com tanto apetite que nem sei dizer se estavam boas. Enquanto isso, conversámos sobre tudo e nada. O sol, escondido no céu nublado, punha-se devagar. Tirámos os sapatos e fomos até bem perto do mar, pela areia sem gente. Correu atrás de mim. Atirei-lhe água salgada para a cara para o afastar. Rolámos os dois na areia húmida e rimos como crianças.

– Vamos até ao carro. Quero dar-te uma coisa. Tu mereces – disse-me, com um sorriso misterioso.

A noite caía, escura, quando entrámos no carro. Eu atravessara o extenso areal a roer-me de curiosidade. O que teria para me dar? Esperei vê-lo pegar num pequeno embrulho, talvez um saco, qualquer coisa que fizesse lembrar um presente, mas as mãos dele permaneciam estáticas, pousadas em cima dos joelhos. Elevei as sobrancelhas, como se perguntasse “então?”, mas Pedro estava a pensar na melhor forma de me oferecer o que tinha para mim.

– É isto – sussurrou-me ao ouvido, enfiando os dedos através da abertura dos meus *collants*, tocando-me ao de leve.

Endireitei as costas e senti-me humedecer no mesmo instante.

– Tem calma, Ana. Parece que tens um lago no meio das pernas.

Não havia como negá-lo. Eu estava muito excitada e Pedro não perdia uma oportunidade para me humilhar. Esta era apenas mais uma.

– Queres-me? – perguntou.

Não queria dar-lhe o prazer de dizer que sim, mas não era o momento de mentir. Precisava dele dentro de mim como nunca precisara de ninguém antes. O dia não podia terminar sem isso, não seria perfeito.

– Muito. Mas não aqui. O carro é demasiado pequeno.

E sugeri que terminássemos o que havíamos começado num canto das escadas que iam do parque de

estacionamento até ao areal. Pareceu-me surpreendido com a minha iniciativa, mas o desejo sufocava-me, comprimia-me o peito, impedia-me de respirar. A timidez desaparecera. Saímos do carro e sentei-me num dos degraus mais próximos da areia, para que não nos vissem do parque ou do passeio junto à estrada. Pedro ajoelhou-se um degrau abaixo, de frente para mim, e agarrou-me pela cintura, cravando os dedos nos meus rins para me elevar um pouco. Penetrou-me calmamente para que me habituassem a ele e foi entrando. Ele não abria a boca, mas os seus olhos azuis falavam com os meus, para dizerem que estava louco de desejo. Tão louco quanto eu me sentia por tê-lo a preencher-me, por estar a fazê-lo ali, num lugar público, numas escadas frias, enquanto o mar entrava e saía da areia.

Parou a meio da penetração. As minhas coxas contraíram-se de prazer.

– Não pare agora, meu senhor. Seria muita crueldade – pedi.

Penetrou-me então totalmente e iniciou o vai e vem. Fixei-o com o olhar e, embora a minha boca já só conseguisse gemer, os meus olhos pediam-lhe mais a cada estocada. Pedro não estava em condições de recusar. A excitação impedia-o de ser frio. Foi mais, mais e mais, bem fundo, por entre beijos frementes, quase violentos, sem nunca perder o ritmo. Os meus gemidos pareciam sair do coração. Pedro puxava-me pela cintura para se enterrar em mim o mais possível e eu ajudava-o, pressionando-o pelas nádegas contra o meu colo. E foi quando começou a morder-me os seios que senti que estava a atingir o limite do suportável. O meu corpo suado estremeceu por baixo do dele, como num arrepio de frio, e acalmou-se por entre uma série de espasmos. Fiquei calada. Ao mesmo tempo, senti todo o peso de Pedro cair sobre mim, como se desistisse de si próprio, depois de um gemido acompanhado de tremores. Respirámos os dois profundamente.

– Foi tão bom, Ana.

– Eu sei.

– Toma.

Saiu de mim e ofereceu-me o pénis com os nossos fluidos misturados, para que o lambesse. Fiz o que ele quis e gostei. Voltámos ao carro. Pensei na sorte incrível que foi estarmos um dia inteiro a arriscar, sem termos sido surpreendidos.

– Gostaste deste dia? – quis saber Pedro.

– Adorei. Acho que vou lembrar-me dele por muitos anos como um dos dias mais perfeitos da minha vida.

Acariciou-me os cabelos e mandou-me arrancar. Levei-o até à estação de serviço onde ele tinha deixado o carro de manhã. Beije-o com carinho e, com o peito apertado por aquele dia ter chegado ao fim, vi-o afastar-se na estrada.

## CAPÍTULO 12

### Coração partido

Nunca esquecerei esta data. Dezoito de Maio de 2009 foi o dia em que o mundo ruiu à minha volta. O dia em que Pedro me deixou sozinha, sem saber o que fazer com um amor que era dos dois. Primeiro, fiquei em choque. Mais tarde, quis morrer. Até porque não previ, nem por sombras, o que estava para acontecer. Não houve o mais pequeno sinal de que algo não estivesse bem entre nós. Nos dois dias anteriores, Pedro estivera comigo em Coimbra para mais um fim de semana. Senti-o apaixonado e carinhoso como sempre. Beijou-me e abraçou-me muito, o tempo todo; adormeceu ao meu colo, depois de fazermos amor; disse-me que nunca gostara tanto de ninguém. E, na minha cabeça, a nossa relação de quase seis meses reforçava-se a cada gesto, a cada palavra. No domingo à tarde, envolveu-me num abraço apertado e despediu-se de mim com um olhar triste, que atribuí às saudades que sentiríamos, inevitavelmente, assim que ele partisse para Lisboa. À noite, liguei-lhe para saber como correria a viagem. Falámos de tudo e de nada, como fazíamos sempre. Disse-lhe que adorara o fim de semana, respondeu-me que ele também. “Até amanhã, meu amor” foram as nossas últimas palavras. O meu pesadelo começou no dia seguinte. Segunda-feira. Dezoito de Maio.

Liguei-lhe de manhã cedo para lhe desejar um bom dia, mas não atendeu. Sem pensar muito nisso, fui tomar um duche e, depois de me vestir, voltei a tentar, mas Pedro continuava a não atender. Deixei-lhe uma mensagem no *voicemail*, pedindo que me ligasse assim que pudesse, e saí de casa para beber um café com Maria João, uma amiga da faculdade. Durante esse tempo, não consegui evitar olhar para o telemóvel de dez em dez minutos. Talvez menos. Maria João fingia não reparar. Disse-lhe que estava à espera de uma chamada importante e pedi-lhe desculpa, sem me alongar em explicações. Quando voltei para casa, uma hora depois, o telemóvel ainda não tinha tocado e eu começava a ficar realmente preocupada. Pensei que talvez Pedro tivesse tido um acidente e o meu coração disparou. Mas podia também ser algo menos grave, como ter-se esquecido do telemóvel em casa. Respirei fundo e tentei acalmar-me, mas não consegui concentrar-me em mais nada. Procurei mil explicações para aquele silêncio. Apenas uma não me passou pela cabeça: a de que pudesse estar a evitar-me. Não podia ser – tinha-me abraçado como se não existisse mais ninguém no mundo havia menos de doze horas. Mas era.

Ainda antes do almoço, que não consegui comer por estar demasiado ansiosa, enviei um *e-mail* pedindo-lhe que me contactasse o mais rapidamente possível, mas tive de esperar a tarde toda até ter uma resposta. Escreveu que estava cheio de problemas, que não podia fazer-me feliz e que eu devia seguir com a minha vida, porque ele já estava a fazê-lo. Não acreditei no que lia. Só podia ser uma brincadeira. Mas... e se não fosse? Senti medo, mágoa. Depois, desespero e raiva. E foi com estes sentimentos que passei o resto do dia, a saltar de uns para os outros nos momentos em que não me atacavam todos ao mesmo tempo. Vezes sem conta, até ficar atordoada. Tive vontade de chorar, mas não consegui. Queria acreditar que era um engano. Ou apenas uma crise. Na verdade, Pedro tinha mesmo muitos problemas: separara-se da mulher pouco tempo antes do início da nossa relação, tinha dívidas



que o divórcio agravara e a filha de cinco anos ligava-lhe todos os dias a dizer: “Papá, volta para casa”. O ordenado de informático numa empresa de telecomunicações não era suficiente para resolver todas as dificuldades e, por isso, voltara a viver em casa dos pais, que tinham muita idade e poucas condições.

O filme do nosso último fim de semana, juntos, felizes, passava continuamente na minha cabeça. E eu só pensava no que podia ter falhado, no que teria feito ou dito para o desagradar. Via e revia cada cena, à procura de um pormenor que justificasse o furacão que não vi chegar. Lembrei-me que, naqueles dois dias, Pedro estivera muito pensativo. Mais do que era costume. Se calhar, tinha ido a Coimbra para romper comigo, mas faltara-lhe a coragem. A verdade era cada vez mais evidente e, aos poucos, empurrava-me para mais longe da negação. Mas não chegava para preencher o vazio que me enchia o peito, nem para acabar com a réstia de esperança de que tudo voltasse a ser como antes. Se eu pudesse ajudá-lo a pagar as dívidas, talvez ele reconsiderasse. E eu tinha algumas poupanças. Cheguei a fazer-lhe essa proposta num dos muitos *e-mails* que enviava todos os dias. Faria qualquer coisa para o ter de volta. Mas as semanas iam passando e Pedro não falava comigo, não atendia as minhas chamadas, não respondia às mensagens que lhe deixava no MSN. Nada. Até que um dia, quando me preparava para desligar o telemóvel, após mais uma tentativa, ouvi a sua voz.

– Ana – disse, num tom quase solene.

– Pedro! Por favor explica-me o que se está a passar. Porque é que não falas comigo? – perguntei, a soluçar.

– Imagino o que sentes e lamento, mas estou cansado de tantos problemas e não sei o que fazer da minha vida.

– Sim, eu sei. Por isso é que quero ajudar-te. Deixa-me ajudar-te, Pedro.

– Ana, tens de compreender – respondeu. – Preciso de um tempo. Logo vemos o que é melhor, mas não tenhas esperanças. Adeus.

– Por favor, não desligues! – supliquei.

Mas já não me ouviu. As lágrimas turvavam-me a visão de tal maneira que mal consegui ver a quem ligava quando tentei de novo falar com ele. E foi mais um esforço em vão, porque Pedro não atendeu. Durante alguns dias, agarrei-me à esperança que ele me dissera para não ter e continuei a negar as evidências. Mas o tempo tem muito tempo e é paciente. Mais tarde ou mais cedo, iria mostrar-me que não havia nada a fazer. Quando finalmente tomei consciência de que Pedro já não estava comigo, apaguei os meus sonhos e interrompi a minha vida. Hibernei na primavera.

Fui rejeitada por Pedro, mas também por mim própria. Deixei de sair de casa e desisti do mestrado porque não conseguia concentrar-me. Fui medicada por um psiquiatra, para que os meus dias fossem minimamente suportáveis, para que sobreviver fosse possível. Sem medicação, teria escolhido morrer. Alimentava-me mal e dormia pior. Pedro já não era o meu dominador, mas transformara-se na algema invisível que prendia a minha vida. Até que um dia decidi que, por muito que me custasse, tinha de seguir em frente. E que a única razão para Pedro ter deixado de falar comigo era o facto de não passar de um cobarde. Convenci-me que o problema não estava em mim, mas nele. E aceitei a situação.

Em meados de junho, um mês depois de o mundo ter ruído, os meus pais decidiram atravessar o Atlântico para umas férias na República Dominicana e contavam comigo para os levar ao aeroporto, em Lisboa. No dia anterior, enviei uma mensagem a Pedro a combinar um encontro na estação de serviço que ficava logo depois da Ponte 25 de Abril, perto da Caparica – a mesma onde nos encontráramos seis meses antes para passarmos um dos dias mais memoráveis das nossas vidas. Entregar-lhe-ia algumas peças de roupa e dois livros que tinha deixado em Coimbra e ele devolver-me-ia a chave do meu apartamento. Cheguei à hora marcada. Pedro estava dentro do carro, à minha espera. Saiu, na minha direção. Abri a porta e ele deu-me a chave, enquanto eu lhe entregava os objetos num saco, sem sair do

carro. Não trocámos uma única palavra nem olhámos um para o outro. Vi-lhe apenas as pernas. E é esta a última imagem que guardo do meu grande amor: duas pernas ligeiramente afastadas, paradas, à espera que eu arrancasse, rumo ao resto da minha vida.

Os meses que se seguiram não foram fáceis. Tinha altos e baixos, recaídas, humores variáveis. Como não podia beber álcool, por causa da medicação, comecei a fumar como se fosse uma adolescente. Eu, que nunca tinha fumado na adolescência. Quando regressaram da República Dominicana, os meus pais levaram-me para o Algarve durante uma semana, na esperança de me verem melhorar. Mas a mudança de ares não matou a dor que me roía o peito.

No regresso a Coimbra, parámos em Sesimbra para almoçarmos em casa dos meus primos Marta e Fernando, que eram um pouco mais novos do que os meus pais. Não consegui esconder o desgosto de amor que me empalidecia o rosto e me fazia arrastar as palavras. Era uma *zombie* com um sorriso forçado. A minha prima deve ter sentido pena de mim, porque me convidou para voltar e passar uma temporada na casa deles. Aceitei. A temporada durou três meses.

Em setembro, o mar e a boa companhia tinham-me curado, e o meu luto estava feito. Bem feito. Hoje, quando penso em Pedro, penso em alguém infantil e fraco. Alguém que não teve a coragem de assumir as suas escolhas sem fugir, sem se esconder. Mas acredito também que se foi embora por saber que eu merecia mais e melhor. Acredito que, no fim de contas, foi meu amigo e me fez um favor. Foi por gostar de mim que não deixou a situação arrastar-se. Foi por me respeitar que não aceitou que saldasse as suas dívidas. Hoje, recordo principalmente os bons momentos que tivemos. A nossa história é a de uma paixão intensa: entendíamo-nos na cama, éramos cúmplices e amigos. Sei que gostámos um do outro como poucas pessoas gostam de alguém na vida e que esses momentos – que valeram todas as dores que já não sinto – vão ficar comigo para sempre, guardados onde o vazio já não cabe.

## CAPÍTULO 13

### Um modelo só para mim

De volta a Coimbra, retomei a minha vida e o meu mestrado. Comecei a sair com amigos, a divertir-me, a ir de novo às festas, convívios, eventos e tudo o que estivesse relacionado com BDSM. Considerei a hipótese de voltar a ter um submisso, embora não tenha feito nada para isso. Aconteceria quando acontecesse. Ainda em setembro, deixei um comentário sobre a foto de um cinto de castidade no perfil de um submisso, no FetLife. Escrevi: “Gosto muito. Também tenho um. É o meu acessório preferido.” Poucos minutos depois, recebi uma mensagem privada. Disse-me que o seu nome era Henrique e que era fascinado por cintos de castidade. Ao longo de duas semanas, trocámos centenas de mensagens privadas. Os nossos gostos eram semelhantes. Entre eles, a tortura da zona genital, ou CBT. Eu a provocar e ele a receber. Na Internet, partilhávamos as nossas fantasias mais ousadas e Henrique tinha várias que mexiam muito comigo. Lembro-me de uma em especial: ele encontrava-se com uma dominadora, ou *Domme*, pela primeira vez e, portanto, num local público. Depois de uma longa conversa, ela obrigava-o a ir à casa de banho colocar um *plug*. Ele obedecia e, quando voltava, via a dominadora com dois bilhetes na mão. Ela dizia-lhe que iam ao cinema porque não queria perder aquele filme por nada. Sentavam-se na última fila e a dominadora algemava-o logo ali, à cadeira. O *plug* no ânus incomodava-o, mas ela recordava-lhe que, se ele não superasse todas as provas, não seria aceite como submisso. E começava a masturbá-lo, depois de o proibir de ter um orgasmo. A seguir, amarrava-lhe os testículos com uma corda. No fim do filme, saíam os dois em direcção ao carro dela. Henrique sofria por ter os testículos amarrados e o *plug* dentro de si. Tinha dificuldade em andar. Quando chegavam perto do carro, estacionado numa zona escura, ela mandava-o entrar para a mala e amarrava-lhe também os pulsos e os tornozelos. A mala do carro só voltava a abrir-se meia hora depois, na garagem de um prédio. A *Domme* desamarrava-lhe os pulsos e os tornozelos, colocava-lhe um capuz preto na cabeça e enfiava-o numa espécie de arrecadação minúscula. Amarrava-lhe de novo os pulsos e içava-o num mosquetão, pela corda, deixando-o desconfortável e em sofrimento até de manhã.

Eu via-me a fazer quase tudo, embora algumas cenas fossem impraticáveis, pelo menos para mim. Algemar alguém a uma cadeira de cinema, por exemplo, seria expor essa pessoa de uma forma irresponsável. Porque é impossível prever uma emergência, como um incêndio, que implique sair do local rapidamente – algo que um submisso amarrado a uma cadeira não pode fazer. Creio que existem riscos que não se deve correr. Mas não há como negar que, quanto mais públicas e arriscadas forem as práticas, mais excitantes se tornam.

Falávamos também da nossa vida pessoal, dos nossos passatempos, das nossas rotinas. Henrique tinha trinta e cinco anos, mais sete do que eu, vivia em Lisboa e adorava desporto. Fazia surf e ia várias vezes por semana ao ginásio porque gostava de se manter em boa forma física. Fiquei curiosa sobre como seria o seu corpo e contente por saber que se preocupava com ele. Porque o erotismo é sempre uma componente muito forte numa sessão de BDSM, mesmo quando não envolve sexo. E um corpo bonito é

sempre mais estimulante. Além disso, uma sessão pode ser muito exigente em termos físicos, pelo que a boa forma de um submisso permite optar por práticas mais intensas. A ideia de o dominar agradava-me cada vez mais.

Henrique podia ver o meu rosto no FetLife. Em muitas fotografias que publico, a minha cara está destapada. Mas não é esse o caso da maioria das pessoas e não era esse o seu caso. Durante muito tempo, não soube como eram os seus olhos, o seu cabelo, o seu sorriso. Mas, em contrapartida, podia ver o seu pénis e os seus testículos – cuja forma e tamanho me agradavam muito – serem submetidos às agruras do CBT. O pénis tinha um tom moreno e rosado que não se alterava ao longo de toda a pele, dando-lhe um aspeto limpo e saudável. Imaginei a minha mão a tocar-lhe, a agarrá-lo pela base e deixando apenas uma pequena parte à mostra. Pensei como seria acariciar aqueles testículos redondos, lisos e sem pelos, que pendiam ligeiramente. Tive vontade de os apertar.

Foi só quando trocámos contactos do Facebook que pude ver o seu rosto, em duas imagens. E o que vi era bom de mais para ser verdade: Henrique tinha cara de modelo. As feições não podiam ser mais perfeitas. Os olhos eram dourados, expressivos, brilhantes. O nariz, proporcional e retilíneo. O sorriso, muito branco, dava à sua pele lisa e morena uma luminosidade especial, como só um raio de sol dá, tornando quase impossível resistir à vontade de a acariciar. O cabelo castanho dourado, da cor dos olhos, era um pouco ondulado e farto. Achei-o demasiado bonito para ser um submisso. Tinha sido preciso passarem quase dez anos de BDSM para encontrar um homem tão atraente. Na mesma noite, marquei com ele uma conversa por vídeo, no MSN. Não havia melhor forma de saber se aquele rosto era realmente o da pessoa que falava comigo por escrito há quase três semanas. “Pensei que nunca mais perguntava”, foi a resposta dele à minha sugestão de ligarmos as *webcams*.

Muito rapidamente, passei uma escova pelo cabelo antes de ligar o *Messenger*. Quando o seu rosto surgiu no meu ecrã, o meu coração disparou. Confirmava-se: era o Henrique com cara de modelo que acabara de ver no Facebook. Estava deitado na cama e a única peça de roupa que tinha eram as *boxers*. O seu corpo era definido, sem ser demasiado musculado – exatamente como eu gosto. Sorrimos um para o outro com o sorriso cúmplice de quem já se conhece bem.

– Ficas sempre sem roupa quando falas no MSN? – perguntei.

– É assim que durmo e pensava que já não ia ver ninguém. Nem ser visto.

Henrique era um provocador.

– Vai dormir, então. Já esclareci as minhas dúvidas – disse-lhe.

– Tudo bem. Beijos – disse ele, a conter o riso.

– Boa noite – respondi, fazendo também um esforço para me manter séria.

Desliguei, inclinei a cabeça para trás e fiquei a olhar para o teto por breves instantes. Estava grata por alguém ter posto um homem daqueles no meu caminho. Depois, fui dormir na esperança de sonhar com ele.

No dia seguinte, voltámos a conversar com as câmaras ligadas. Assim como em todos os dias que se seguiram a esse, até ao final de dezembro. Nessa altura – três meses depois do meu comentário sobre o seu cinto de castidade – achámos que a nossa amizade merecia um encontro fora do mundo virtual. Henrique tinha de ir a Coimbra em trabalho e aproveitaria essa viagem para nos conhecermos um pouco melhor.

Era quinta-feira. Combinámos às nove da noite na Casa dos Crepes, na Rua do Brasil, onde jantaríamos. Meia hora antes do nosso encontro, retoquei a maquilhagem mas não mudei de roupa. A que usara durante o dia – calças de ganga, uma camisola preta e um casaco em lã, às riscas pretas e cinzentas – era quente e confortável, bastante adequada para um jantar num restaurante rústico e nada formal. Calcei umas botas pretas, peguei na minha carteira cinzenta e saí de casa. Estranhamente, estava calma.

Durante o dia, também não sentira qualquer tipo de ansiedade. Cheguei ligeiramente atrasada, mas Henrique só entraria no restaurante vinte minutos depois de mim – razão suficiente para me perturbar. Não por temer que ele não aparecesse, mas porque não suporto atrasos de mais de cinco minutos. Muito menos de submissos. Henrique entrou, meio perdido. Era mais baixo do que eu imaginara, mas confirmei mais uma vez que o seu rosto era perfeito. Por cima de um pulôver castanho, tinha uma gabardina azul escura, curta e com um corte direito. As calças também eram castanhas, muito escuras. Na mão, carregava um saco de fim de semana, que entregou a um empregado para que o guardasse enquanto jantávamos.

– Peço desculpa pelo atraso – disse ele, antes mesmo de se sentar.

– Não gosto de atrasos – esclareci, sem rodeios. – Espero que isto não se repita, se voltarmos a ver-nos.

– Não. Aconteceu porque não conheço a cidade e calculei mal o tempo que demoraria a chegar do hotel. Além disso, o táxi atrasou-se – contou, atrapalhado no meio de tantas explicações.

Como sempre faço no primeiro encontro, disse-lhe que me falasse de novo dos seus gostos, dos seus limites, das suas experiências. Pouco depois, sem perceber bem como, dei por mim a contar-lhe a minha história com Pedro – a paixão, a submissão, o fim e a depressão. Tal como eu, Henrique tinha uma vida sentimental recente bastante complicada. Desabafámos entre garfadas de crepes. Éramos confidentes.

– Estás a pensar voltar para Lisboa ainda hoje? – perguntei, depois de Henrique pedir um café ao empregado.

– Sim, tenho uma boleia às dez e meia com um colega que também tinha qualquer coisa marcada aqui em Coimbra. Acho que era um jantar.

– Porque é que não ficas em minha casa esta noite? – atirei, sem pensar muito na minha proposta.

Henrique pegou no telemóvel que estava no bolso da gabardina, na cadeira, e ficou a dar voltas ao polegar durante dois longos minutos. Pensei que estivesse a escrever um *e-mail*, mas consultava os horários dos comboios.

– Pode ser. Há um Alfa Pendular pouco antes das nove da manhã. Ainda chego a Lisboa a horas decentes – afirmou finalmente.

– Ótimo. Vamos?

Henrique levantou-se e pediu ao empregado que lhe devolvesse o saco. Quando vi que o tinha de novo na mão, fui ter com ele e saímos. O frio na rua rodeava-nos a boca e o nariz de névoas. Henrique fez bolinhas de fumo que eu achava só serem possíveis com fumo de cigarros. Ri-me, e ele também. O carro não estava longe. Arrancámos e, pouco depois, entrámos na minha casa. Elogiou a decoração do apartamento. Agradei os comentários simpáticos e disse-lhe que estivesse à vontade.

– Gostavas de ver os meus acessórios? – perguntei.

– Claro que sim. Estou muito curioso – respondeu, antes de entrar no estúdio e se sentar na cadeira da secretária branca, que ficava em frente à pequena cama.

Então, fiz correr a porta do roupeiro e comecei a retirar do seu interior todo o material que guardava em caixas, sacos e gavetas. Era um nunca acabar de roupa, sapatos, chicotes, chibatas, canas, cordas, velas, dildos, cintas, coleiras, *plugs*, luvas, máscaras, vendas. Espalhados em cima da cama, na secretária e até no chão, havia rodas de picos, correntes, cadeados, algemas e vibradores de todos os tamanhos. Henrique ia tocando e explorando os objetos que mais lhe chamavam a atenção.

– Tem tanto material, Ana. Só lhe falta mobiliário – observou.

– É verdade. Mas nesta casa entram muitas pessoas da minha família – expliquei. – Não posso ter aqui gaiolas ou cruzeiros enormes à vista.

Preparava-me para lhe mostrar mais alguns objetos quando Henrique parou no cinto de castidade que



eu comprara vários anos antes, na Holanda.

– Espere um pouco, Ana – disse. – Vou num instante à sala buscar uma coisa para lhe mostrar.

Saiu do estúdio e entrou na sala. Ouvi-o abrir o fecho do saco de fim de semana e, quando regressou, trazia na mão o cinto de castidade que eu tinha elogiado na foto do FetLife. Era ligeiramente diferente do meu, no tamanho e no formato. O de Henrique era para pénis normais, enquanto o meu só funcionava com pénis grandes. Por falta de experiência e informação, comprara-o havia quase uma década, a pensar que onde cabia um pénis grande também cabia um pequeno. E não estava errada. Mas escapou-me que, como o propósito de um cinto de castidade é impedir ereções, se for demasiado grande, um pénis pequeno consegue crescer lá dentro, mesmo que seja pouco.

Quando cheguei a Coimbra, depois da minha viagem a Amesterdão, percebi que a escolha daquele cinto tinha sido um erro de avaliação. Comprara-o por impulso, sem me informar antes e baseada nos meus dois únicos parceiros sexuais até então – Manuel e João –, que tinham órgãos de dimensões acima da média. Algumas pesquisas rápidas na Internet permitiram-me concluir que o mais usado era o modelo de Henrique, a quem contei a história do meu engano. De repente, no meio de tantas comparações e diálogos sobre pénis, o meu coração começou a correr desenfreado dentro do meu peito. Era a impaciência de o ver nu. Henrique apercebeu-se da minha inquietação porque ficou a olhar para mim, sem falar e com um sorriso nos lábios, à espera que eu tomasse a iniciativa.

– Despe-te – disse-lhe. – Quero fazer algumas experiências.

Podia finalmente admirar de perto o seu corpo despido, no qual ainda só tocara nos confins da minha imaginação. Mas o meu objetivo era também testá-lo. Queria saber se Henrique era um verdadeiro submisso, um submisso com vocação. E queria também saber a capacidade que tinha para tolerar a dor. Sentado na cama do estúdio, começou por tirar os sapatos castanhos, que afastou para o lado com um pé. Depois, tirou as meias e atirou-as para cima dos sapatos. A seguir, o pulôver e uma camisa às riscas azuis e brancas. Dobrou mal as duas peças e colocou-as perto da cabeceira da cama. Finalmente, tirou as calças e as *boxers*, e juntou-as ao pulôver e à camisa.

– De pé – ordenei.

– Sim, senhora – respondeu Henrique.

Levantou-se e ficou imóvel no meio do estúdio, enquanto eu andava à sua volta, com passos lentos para o apreciar melhor. Não me desiludiu. Tinha um corpo muito agradável, de quem pratica desporto, e não era demasiado corpulento. Estava muito perto do que considero ser o corpo perfeito: magro, mas com músculos definidos. A zona genital, sem qualquer pelo, também me agradou muito. Quando passei à sua frente, num dos muitos círculos que fiz à sua volta, apertei-lhe o pénis e os testículos com força. Deu um pequeno salto, mas notei que sentiu prazer. Dei mais três passos e parei atrás dele para lhe afastar as nádegas. Baixei-me um pouco para ver melhor o seu ânus, como se estivesse a examinar um objeto ou um animal antes de o comprar. A seguir, dei-lhe seis palmadas violentas – tão violentas que o desenho da minha mão ficou gravado nas suas nádegas. Henrique não se manifestou. Estava empenhado em mostrar-me que era um submisso experiente. Em cima das mesmas marcas, infligi-lhe dez chicotadas, que recebeu contraindo os glúteos sem, no entanto, emitir qualquer som de desconforto ou prazer. Mas a melhor parte tinha ficado para o fim: coloquei-lhe várias molas nos testículos e, com uma chibata, bati em cada uma delas. Com cuidado, mas sem contemplações. O pénis de Henrique respondia com prazer, cada vez mais firme, às minhas ações. Disse-lhe que retirasse as molas, arrumasse tudo e se vestisse, e fui para a sala enquanto ele fazia o que eu mandara.

Vinte minutos depois, Henrique sentou-se no sofá, ao meu lado, sem abrir a boca.

– Não tens nada para me dizer? – perguntei, a olhar para a televisão.

– Gostava muito de ser seu submisso, minha senhora – respondeu.

- E eu aceito que sejas.
- Obrigado, minha senhora.
- Vamos dormir. Temos de acordar cedo.

Fui para o meu quarto e mandei Henrique passar a noite no estúdio. De manhã, acordei às sete horas, com o toque do despertador. Levantei-me, vesti um robe e fui ao estúdio acordar Henrique.

- Toma banho e, depois, volta para aqui sem te vestires – ordenei.

Ele fez o que eu mandei e, dez minutos depois de ter saído do estúdio, voltou a entrar. Apesar do duche, estava com cara de sono. Parecia mais novo. Achei-o ainda mais bonito do que na noite anterior.

- Vem cá. Quero que leves o teu cinto posto – anunciei-lhe.

Henrique fez uma cara de espanto. O ar de sono desapareceu no mesmo instante. Já usara antes um cinto de castidade, mas era óbvio que não lhe passara pela cabeça sair de minha casa com um posto. Mesmo assim, baixou os olhos e respondeu afirmativamente.

- Tira-o do saco.
- Sim, minha senhora.

Abriu o saco e retirou uma caixa onde guardava todas as peças do cinto, assim como um cadeado e duas chaves. Aproximei-me. Henrique cheirava a gel de banho. Com cuidado, para não lhe provocar uma ereção que inviabilizaria a colocação do cinto, peguei no seu pénis. Depois, encaixei à sua volta as várias peças do acessório, até poder fechá-lo com o cadeado. Guardei uma chave numa gaveta da secretária. Depois, guardei a outra num pequeno envelope branco, que selei com cera derretida antes de o entregar a Henrique. Estava proibido de usar essa chave, a não ser em caso de emergência. Todos os dias, no MSN ou em fotografias acabadas de tirar, teria de mostrar-me o envelope selado, de forma a provar que não o abria.

Depois de se vestir e tomar o pequeno-almoço, Henrique pegou no seu saco, despediu-se de mim com dois beijos no rosto e saiu num táxi, em direção à estação de comboios. Eram oito e meia da manhã.

Ficou uma semana inteira com o cinto posto. Todas as noites, no computador, mostrava-me o envelope com o selo de cera intocado e contava-me como a sua vida casta era difícil. Temia ter sonhos eróticos porque acordava com as dores fortíssimas do seu pénis a tentar crescer onde não havia espaço. As manhãs também eram terríveis devido à vontade de urinar, que lhe provocava ereções impossíveis. Deixou de abrir os *e-mails* de alguns amigos que lhe enviavam imagens de mulheres em poses sensuais. Praticar desporto tornou-se desagradável, uma vez que o cinto de castidade lhe restringia os movimentos. Andar de bicicleta, fazer surf, ir ao ginásio – tudo era incómodo ou simplesmente impossível. Além disso, notava-se uma saliência estranha na zona do pénis, que Henrique só conseguia disfarçar usando calças largas. Era obrigado a urinar sentado e, sempre que podia, lavava o pénis com água para que a urina retida no cinto não desse origem a maus cheiros.

No início de janeiro voltou a Coimbra para umas sessões e devolveu-me o envelope completamente fechado. Tirei-lhe o cinto. Voltaríamos a repetir a experiência algum tempo depois. A ideia inicial era ficar com o cinto colocado durante uma semana, como na primeira vez, mas Henrique andava muito ocupado e sem tempo para ir a Coimbra ter comigo – a única pessoa que poderia tirá-lo. Acabou por ficar com ele um mês inteiro. Achei que mereceu cada mau momento por que passou porque dependia apenas de si próprio, não de mim, fazer um esforço e arranjar algum tempo para se encontrar comigo.

Henrique começava a tornar-se difícil e, com isso, desafiava-me. Além de bonito, dava trabalho a ser dobrado, resistia. Tinha o tipo de personalidade que mais aprecio num submisso. Às vezes, dizia que não queria obedecer-me e eu tinha de obrigá-lo. Provocava-me, falhava ordens de propósito, punha-me à prova para ver se eu tinha pulso. Comecei a pensar nele mais do que devia. Admitia-lhe atrasos e cancelamentos de sessões que jamais admitiria a outros submissos. Quando não me telefonava ou não

aparecia na Internet à hora combinada, eu ficava inquieta, preocupada. Gostava de tudo nele. O cheiro, a voz, o olhar, a maneira de andar. Não havia como negá-lo: estava apaixonada.

Com Henrique, fiz algumas experiências pela primeira vez, como escrever palavras com cera, na pele, ou colocar um arnês nos braços para restringir os movimentos.

Recordo-me bem do dia em que utilizei o arnês, porque houve um pequeno acidente. Nessa sessão, Henrique ficou deitado no sofá, nu e de barriga para baixo. Nas suas costas, deixei pingar a cera quente de uma vela acesa, como se fosse uma caneta, até formar a palavra “Cruela” – o meu *nickname*. Henrique queixou-se várias vezes e a sua pele inflamou-se à volta das letras. Chamei-lhe fraco.

– Não agentas nada. Não há paciência para ti – disse-lhe, com desprezo.

Com uma faca, retirei devagar a cera já sólida e mandei-o levantar-se, o que fez prontamente.

– Junta os braços atrás das costas – ordenei.

– Sim, minha senhora – respondeu, unindo os pulsos acima das nádegas.

O arnês que usei para o imobilizar era retangular e de couro preto. Tinha uma manga de cada lado, para cada um dos braços. Apertei bem todas as fitas e fivelas, para que Henrique não pudesse tirar o arnês. Depois coloquei-lhe uma máscara, também em couro preto, de restrição sensorial total. Fazia lembrar um capacete de avião da Segunda Guerra Mundial, mas tapava a cara toda e tinha mais fivelas, que apertavam à volta da cabeça e do pescoço. No fim, todas essas fitas em couro eram fechadas, com cadeados, nas fivelas. O único orifício – pequeno e redondo – ficava perto da boca, para permitir a respiração. A máscara era acolchoada nessa zona, mas também nos olhos e nos ouvidos.

Henrique não podia ver, ouvir ou cheirar o que quer que fosse. De repente, passara para outra dimensão. E, para agravar toda a sua vulnerabilidade e dependência, tinha os braços bem presos atrás das costas. A situação de Henrique já era má o suficiente, mas ainda tinha por onde piorar. Por isso, fui buscar uma roda de picos. Também em pé, à sua frente, comecei a rodá-la na ponta do seu sexo excitado e pressionei o suficiente para que sentisse dor. Henrique encolheu-se. A seguir, coloquei o polegar no pequeno buraco da máscara, imprópria para claustrofóbicos, de forma a impossibilitar totalmente uma respiração que já não era fácil. E esperei um pouco até que Henrique começasse a debater-se, aflito. Quando o fez, abanando a cabeça de um lado para o outro para me fazer retirar o dedo do orifício, carreguei com mais força na roda de picos. Ouvi um grito possante vindo do fundo da máscara. Henrique urrava.

– Pouco barulho! Não te quero ouvir! – ordenei, elevando o tom da minha voz a níveis onde nunca fora antes, para que Henrique pudesse escutar-me. – Sempre que te debateres, carrego com força na rodinha de picos. Portanto, pensa bem antes de te mexeres porque, quanto mais o fizeres, mais ela te pica.

Ele ficou imóvel e eu tapei de novo o buraco com o polegar. Esperei que começasse a agitar-se e, quando o fez, passei novamente a roda metálica na glândula, com pressão. Henrique gritou tanto que me assustou. Talvez tenha pressionado de mais. Ou talvez ele se tenha debatido com demasiada brusquidão. A verdade é que vi algumas gotas de sangue pingarem da ponta do pénis para o chão. Sem lhe dizer nada, fui à casa de banho buscar uma gaze esterilizada e álcool e desinfetei a zona do pequeno golpe. Depois, fiz o mesmo na roda. Henrique não se apercebeu de que, naquela sessão, tinha havido sangue. Só depois de eu lhe tirar a máscara pôde ver o que se tinha passado. Sorriu.

Eu estava cada vez mais apaixonada por ele. Mesmo a mais de duzentos quilómetros, Henrique não me saía da cabeça e eu só conseguia pensar em quando estaríamos juntos de novo. Na preparação das nossas sessões, ia ao mais ínfimo pormenor. Queria que tudo fosse perfeito. Visualizava cada momento, desde que ele entrasse em minha casa, até que saísse no dia seguinte. Imaginava beijos apaixonados e juras de amor que nunca se realizavam, que eu não podia forçar.

Estávamos a um mês do fim da nossa relação de dominação/submissão quando fiz algo que nunca faço

nas minhas sessões: mandei-o deitar-se de costas em cima da cama do meu quarto e sentei-me, sem cuecas, em cima da cara dele. Para que ele sentisse o cheiro, o domínio e o calor da dona, mas também para que eu pudesse tirar disso um tipo de prazer que só tivera, até então, com namorados. Henrique não era meu namorado, mas estava ali para me obedecer. E, embora eu nunca tivesse mandado um submisso fazer-me sexo oral – porque não queria –, esta ordem era perfeitamente admissível numa sessão de BDSM. Admito que usei essa possibilidade excepcionalmente, porque estava completamente louca por ele.

– Lambe-me até eu me vir – disse-lhe, já com a vagina encostada à sua boca.

Eu sentara-me de frente para os pés dele e com uma chibata na mão. Quando ele desviava a boca para respirar ou quando não me estava a dar o prazer que eu queria, dava-lhe uma chibatada nos testículos para que ele se empenhasse mais. Ao contrário do que eu imaginara, e desejava, Henrique não conseguiu provocar-me um orgasmo. Lambia muito e com afinco, fazia-me palpitar de desejo, mas faltava-lhe a técnica para levar a bom porto uma excitação que não passou de moderada. Dei-lhe quatro ou cinco chibatadas ligeiras, para não o magoar muito naquela zona tão sensível, e, com a outra mão, apertei-lhe os mamilos. Depois, cravei-lhe as unhas no peito e arranhei-o.

– Não serves mesmo para nada. Tenho pena de ti – disse-lhe.

E saí de cima dele.

– Sim, minha senhora – reconheceu.

Na manhã seguinte, confessei a Henrique o que sentia por ele. Disse-lhe que esperava outro tipo de relação e que, se não fosse para evoluirmos para algo mais sério, era melhor não voltarmos a ver-nos.

– Henrique, não quero ter falsas expectativas – expliquei-lhe, quando acordámos um ao lado do outro, na minha cama, após mais uma noite a dormir como dois amigos, sem qualquer contacto físico, apenas porque a minha cama era grande e confortável.

Henrique acariciou-me o rosto e hesitou um pouco antes de responder.

– Não sei o que dizer, Ana – afirmou, sem se alongar muito. – Gosto de estar contigo, mas não posso decidir isso de um momento para o outro.

Era uma resposta vaga, que não me projetava para o tão desejado relacionamento amoroso, com direito a passeios de mãos dadas. Mas também não fechava qualquer porta. Serviu-me, na altura. E Henrique, que não queria deixar de ter sessões comigo, conseguiu ganhar algum tempo.

Para a nossa última sessão, que nenhum dos dois sabia ser a última, Henrique chegou atrasado. Não era nada de muito surpreendente. Chegara atrasado muitas outras vezes. Mas nem por isso eu fiquei menos furiosa. Não consegui fazer nada do que tinha preparado porque quando tocou à campainha já eram horas de jantar. Desculpou-se dizendo que tinha perdido o comboio.

– Baixa as calças e as *boxers* – ordenei assim que Henrique fechou a porta da entrada atrás de si.

Virei-o, afastei-lhe as nádegas e coloquei-lhe, no ânus, o mesmo ovo vibratório que Pedro colocara em mim quando fomos à Serra da Arrábida. Henrique encheu os pulmões de ar. Sabia que o jantar não seria calmo.

Fui buscar a minha carteira e descemos. Às nove e um quarto ainda não tinha escurecido. Era junho. A caminho do restaurante, ainda no carro, tirei uma mão do volante e carreguei no botão do telecomando que fazia vibrar o pequeno aparelho. Henrique deu um salto no banco e ficou sério. Eu sabia exatamente como aquele ovo podia ser mais incómodo do que excitante. Sorri e continuei a conduzir.

Cinco minutos mais tarde estávamos sentados à mesa, num restaurante da baixa da cidade, onde era possível escolher pratos deliciosos, de inspiração italiana e portuguesa. O restaurante, cheio de portas envidraçadas, era enorme. Antes de Henrique chegar a minha casa, eu reservara uma mesa, porque sabia como era difícil arranjar uma ao sábado à noite. Henrique estava sentado de lado, por causa do ovo, e



não parecia nada contente. O desconforto dele era a minha satisfação. Sentia-me rir por dentro. Só não o fazia audivelmente porque ele não iria acompanhar-me nas risadas. Podia parecer maluca. Esperei que o empregado nos trouxesse uma lista interminável de pratos para, com o controlo remoto numa mão escondida por baixo da mesa, fazer disparar o ovo. Henrique começou a mexer-se muito na cadeira, para que o empregado não percebesse o que estava a passar-se. Não falou, mas não precisava. O seu olhar enfurecido dizia-me para parar. Mas a dominadora era eu. Restava-lhe apenas sujeitar-se e tentar manter alguma dignidade. Felizmente para ele, o barulho de fundo era muito. Ou ter-se-ia ouvido o ovo a vibrar dentro dele. O empregado não suspeitou de nada. Pedi *tagliatelle al pesto* e Henrique escolheu um bife da vazia com queijo da Serra.

Durante o jantar, liguei e desliguei o ovo várias vezes. Henrique atirou-me um olhar irritado de cada vez que o fiz.

– Achas que me intimidas, é? – perguntei-lhe. – Não é por olhares para mim assim que vou parar. Aliás, quanto mais olhas, mais sofres. Aguenta-te à bronca.

Continuei a carregar no botão, que o fazia tremer de cima a baixo. E a rir-me por dentro. Como uma criança malvada.

Voltámos para casa sem falar. Quando entrámos, mandei-o despir-se. Afastei-lhe de novo as nádegas, mas desta vez para lhe retirar o ovo. Suspirou de alívio. Ordenei-lhe que se pusesse de gatas, no chão da sala, e coloquei-lhe uma venda nos olhos. Depois, fui buscar uma pluma e alguns cubos de gelo, que coloquei numa pequena tigela branca. Levei também uma chibata, para o caso de ser necessário. Enfiei umas luvas de latex e, com a pluma, fiz cócegas na sua pele sensível, um pouco por todo o lado. Estremeceu. Peguei então no gelo, que fiz deslizar nas suas costas, no pescoço, atrás das orelhas. Gemeu e ficou com pele de galinha. A pedra de gelo estava bastante mais pequena quando a introduzi no seu ânus, onde acabou de derreter.

Voltei ao estúdio. Coloquei um *strap-on* e peguei no gel lubrificante. De novo na sala, lubrifiquei o pénis de borracha e mandei Henrique subir para o sofá, na mesma posição, para o sodomizar mais facilmente. Lubrifiquei-o e penetrei-o. Quando comecei a fazer movimentos de vai e vem, soltou um gemido de dor. Ignorei-o e continuei. Estava excitada. Mas Henrique reagia mal, apesar de esta não ser, nem de perto, a primeira vez que o penetrava. Prossegui, até que fez um movimento para a frente, tirando o pénis de dentro dele. Percebi que não tinha condições de acabar o que tinha começado.

– De castigo, vais levar cinquenta chibatadas, contadas e agradecidas – comuniquei-lhe.

– Sim, minha senhora.

– Podes começar – disse, imediatamente antes de desferir a primeira, com toda a força.

– Uma. Obrigado, minha senhora... Duas. Obrigado, minha senhora... Três. Obrigado, minha senhora...

Quando chegou à quadragésima, a sua voz começou a definhar. Tinha sido um final de dia duro.

A relação acabou no dia seguinte, quando lhe perguntei porque é que servia para dominadora, amiga e confidente, mas não para namorada.

– Para sermos mais do que dominadora e submisso – explicou – seria preciso haver um clique que nunca senti.

Nos meses que se seguiram, tive de encontrar forças para superar as saudades. Senti-me de novo triste, com um vazio no peito. Mas tinha a grande vantagem de saber que ia passar. Se sobrevivera a Pedro, sobreviveria a Henrique. Não tinha dúvidas sobre isso. Até porque, desta vez, não me isolaria do mundo. Um mês antes de deixar de dominar Henrique – e talvez por já pressentir que a minha vontade de ter uma relação mais séria com ele não se concretizaria –, aceitei outro submisso. Sem o saber, estava também a aceitar uma amizade como há poucas.



Chamava-se Afonso e era casado.

# CAPÍTULO 14

## Fetiches

Tal como Henrique, Afonso não era um submisso inexperiente. Tinha tido dominadoras e andava no meio BDSM há algum tempo. No FetLife, eu tropeçava com frequência nos comentários que ele fazia em fotos de amigos comuns. Evitei sempre falar diretamente com ele, ou comentar os seus comentários, porque dava alguns erros ortográficos e isso incomodava-me. Sempre que vejo erros, fico com a ideia de que as pessoas que os dão são um pouco desleixadas. A vontade de as conhecer esvai-se ao primeiro “parti-mos”, ao primeiro “voçê”.

Um dia, Afonso enviou-me uma mensagem a dizer que estava à procura de uma dona porque tivera uma dominadora que abandonara recentemente o BDSM, que trocou por um relacionamento “baunilha” – ou dito normal. Concluiu informando-me que iria a Coimbra nos próximos dias e que gostaria de almoçar comigo, se fosse possível. Tinha lido as informações que eu colocara no meu perfil, incluindo qual era a minha cidade.

Ignorei alguns – poucos – erros e pensei um pouco em Henrique. Eu queria mais do que ele algum dia me daria e a nossa relação de dominação/submissão ressentia-se disso, perdia objetividade. O fim estava mais do que anunciado, era apenas uma questão de tempo, e a minha paixão por ele não me impedia de o ver com clareza. Portanto, não tinha nada a perder. Senti que estava a precisar de uma aventura e decidi aceitar o convite para almoçar.

Afonso vivia em Lisboa, tal como quase todos os meus submissos. Quando estávamos a decidir o melhor local para o nosso encontro, disse que gostava muito de leitão assado e que, sempre que pensava em Coimbra, ou noutros locais do centro do país, ficava com uma vontade incontrolável de comer leitão. Lembrei-me de um restaurante a pouco mais de dez minutos de Coimbra, e sempre muito recomendado por grandes apreciadores, como o meu pai, que garantia estar ao nível dos melhores da Bairrada. Dei-lhe a morada exata e marcámos o nosso almoço para dali a dois dias, às treze e trinta em ponto.

Na manhã do dia combinado, uma quarta-feira, vesti uma saia preta pelo joelho e uma camisa em tom pérola. Calcei as minhas botas pretas de cano e saltos altos. A bainha da saia ficava ligeiramente acima da parte superior das botas, deixando visível uma pequena parte das minhas pernas. Pus um pouco de *blush* rosado nas maçãs do rosto e um *gloss* transparente nos lábios, só para dar brilho.

Faltavam cinco minutos para a uma e meia da tarde quando estacionei no parque do restaurante que, como previa, já estava cheio. Peguei na carteira e saí do carro. Mal comecei a andar, olhei, não sei bem porquê, para uma carrinha que estava estacionada mesmo em frente. Lá dentro, um homem sorria para mim. Nunca o tinha visto antes, mas percebi que se tratava de Afonso. Sorri-lhe de volta e fui ter com ele.

– Olá, Ana – disse, quando saiu da carrinha.

– Olá, Afonso – respondi, antes de lhe dar dois beijos na cara.

Era baixo e tinha bastantes cabelos brancos, apesar de só ter trinta e sete anos. Estava bem vestido e o

seu estilo agradou-me. Tinha ténis brancos, calças beges de corte clássico e um polo Lacoste verde escuro. O tom do crocodilo cosido no peito, debruado a branco, era exatamente igual ao do próprio polo.

– Espero que gostes do leitão daqui – disse, quando começámos a caminhar.

– De certeza que vou gostar – afirmou. – E como já há muito tempo que não como, nem sequer é preciso estar muito bom. Desde que dê para matar saudades...

Ri-me. Entrámos no restaurante e sentámo-nos numa mesa próxima da janela. Estava praticamente cheio. Enquanto esperávamos que o nosso almoço chegasse, contou-me como fora até ali a sua experiência como submisso. Gostei da forma como se exprimia. Parecia impossível que a pessoa que estava à minha frente, a falar tão bem, fosse a mesma que dava erros de ortografia. Deixei de associar uma à outra. Afonso era simpático e tinha um bom sentido de humor. Dei por mim a rir-me várias vezes antes de o empregado pousar a travessa de leitão sobre a nossa mesa.

– Pelo aspeto, já ganhou – afirmou, com um ar satisfeito.

– Aposto que o sabor não fica atrás.

De olhos fechados, Afonso provou um pouco de carne bem quente, com a pele tostada e estaladiça.

– Hummm... Ana, acho que vamos voltar cá muitas vezes. É delicioso.

– Ainda bem que gostas.

– Muito. É dos melhores que já provei.

– Pois. Eu também.

Ele comia com satisfação enquanto falava do que mais o atraía no BDSM. Pelo meio, dizia piadas que me faziam rir e me deixavam cada vez mais bem disposta. Não podia ter simpatizado mais com ele. Falou-me também um pouco da sua vida de casado. Fiquei com a sensação de que gostava muito da mulher, embora não pudesse realizar as suas fantasias dentro do casamento. Talvez ela conhecesse os seus gostos e se recusasse a praticá-los. Talvez nem sequer soubesse que ele os tinha. Não tentei aprofundar o assunto. Saímos do restaurante já com um novo almoço combinado, no mesmo local e independentemente de eu o aceitar como submisso. A empatia fora grande e isso bastava para sabermos que um novo encontro só poderia ser tão agradável, ou mais, do que aquele.

– Ana, venha ver – disse, ainda no parque de estacionamento.

E começou a caminhar para junto da carrinha. Abriu a porta e retirou várias luvas de latex, todas diferentes, do porta-luvas.

– Acho que és a primeira pessoa que conheço que usa mesmo o porta-luvas para guardar luvas – disse eu.

Riu-se e retirou do interior mais alguns pares. Era um colecionador.

– Este cheiro não é maravilhoso? – perguntou, levando algumas luvas à cara e inspirando profundamente.

Tive de concordar. O *nickname* de Afonso era *gloveslover*. As luvas, o seu maior fetiche. Gostava de as usar e de ver mulheres a calça-las, a usa-las, a movimentar as mãos com elas. Excitava-se sexualmente só de olhar.

Fiquei com vontade de lhe mostrar os meus acessórios e, por isso, convidei-o a ir até ao meu apartamento. Afonso, que tinha como destino Aveiro e estava em Coimbra apenas de passagem, olhou para o relógio. Tinha ainda algum tempo, embora pouco, e quis aproveitar a oportunidade para nos conhecermos um pouco melhor.

Arrumou todas as luvas e entrou na carrinha, enquanto eu entrava no meu carro. Depois, seguiu-me sempre de perto, até à minha casa. No estúdio, mostrei-lhe todo o material que guardava, tal como mostrara a Henrique, quase dois anos antes. Mas Afonso não deu tanta atenção ao cinto de castidade.

Fixou-se principalmente nos artigos de latex, como máscaras e peças de roupa. A minha coleção de luvas não era muito impressionante: apenas alguns pares de borracha, das que se usam para lavar louça. Sorriu quando as viu. Olhou de novo para o relógio e fez um ar preocupado. Estava a fazer-se tarde e ainda tinha de percorrer quase setenta quilómetros para visitar um cliente da empresa de construção onde trabalhava.

Ajudou-me a arrumar tudo de novo e pediu-me que descesse com ele, para me oferecer uma caixa de luvas de látex descartáveis. Depois, despediu-se de mim dizendo que gostara muito de me conhecer. Eu também tinha gostado. Alguns dias depois, tornava-se meu submisso.

Todas as semanas, Afonso aproveitava as viagens que fazia para visitar clientes e passava por Coimbra para ter sessões. De vez em quando, ia buscar-me a casa e levava-me com ele. Quando ficava em Lisboa, ou quando o destino era para o Sul, assim que saía de casa enviava uma mensagem a desejar um bom dia à sua nova dona. Apesar da distância, tinha ordens a cumprir. Quase sempre, tinha de calçar luvas enquanto conduzia ou trabalhava. Quando ia almoçar, era obrigado a dizer-me quais os pratos disponíveis no restaurante, para que eu escolhesse o que ele podia comer. Se se tivesse portado bem, deixava-o escolher um prato mais apetitoso; se não merecesse, mandava-o comer peixe cozido.

Mas também o obrigava a pedir comida mais saudável por me preocupar com a sua dieta. Os submissos têm de estar em forma. Sou eu quem controla os vícios deles. É uma das regras. Autorizo álcool e cigarros nas quantidades que me parecem mais adequadas e obrigo-os a beberem pelo menos um litro de água por dia. E até posso autorizar uma bebedeira numa noite de copos, mas isso só acontece caso eu permita e porque eu deixo que aconteça. Os submissos têm de me pertencer totalmente. Eu comando a vida deles.

Ao final do dia, antes de entrar em casa, Afonso desejava-me uma boa noite e eu não o incomodava mais, até ao dia seguinte. Sabia que, se ele tivesse de ir ao computador ou pegar no telemóvel para falar comigo, poderia levantar suspeitas. E eu não queria que a mulher suspeitasse de nada. Não queria ser um problema entre eles. Mas cheguei a dar-lhe ordens para cumprir em casa, como não fazer sexo mais do que uma vez a cada duas semanas.

Um dia, mandei-o jantar de luvas. Em casa. Contou-me depois que o filho lhe perguntou porque estava a usá-las e que lhe respondeu ter colocado um creme nas mãos para tratar uma alergia. As luvas, de latex transparente, eram para proteger a pele. Não sei se o filho acreditou na justificação do pai, mas eu acreditei em tudo o que Afonso me contou. Acreditei que jantara de luvas porque sabia que tinha prazer em obedecer-me e que não era do género de mentir para não cumprir mais uma ordem. Para os submissos verdadeiros, a dificuldade aumenta o prazer. E ele era um submisso verdadeiro. Se, por qualquer motivo, não conseguisse obedecer-me, dizia-o, justificava-se e pedia desculpa. Preferia assumir a responsabilidade a ter de mentir.

Foi depois de um dos muitos almoços que tivemos, a comer leitão, que Afonso me convidou para ir com ele a Aveiro. Tinha de entregar um orçamento a um cliente.

Era um dia quente de verão mas, apesar disso, entrei na carrinha e calcei umas luvas de latex. Mandei-o fazer o mesmo. Até aí, nada de novo. Sempre que andávamos juntos de carro, usávamos luvas – isso excitava-o, e a mim também, principalmente por saber que lhe dava prazer. Mas Afonso não esperava a ordem seguinte.

– Põe a máscara. Vais a conduzir com ela para Aveiro – disse-lhe, entregando-lhe uma máscara que lhe pertencia, também em latex, e que cobria toda a cabeça.

Era preta, fina, e tinha dois buracos na zona dos olhos e um na boca.

– Mas, minha senhora... Não acha que... – hesitou, enquanto tentava ganhar tempo para arranjar uma desculpa que me fizesse mudar de ideias.

– Eu não acho nada. Tenho a certeza de que vais conduzir de máscara e de luvas. E que vais fazê-lo já, em pleno dia!

Afonso começou a transpirar. Tinha gotículas de suor a escorrerem-lhe pela testa e no pescoço. Devido ao calor, mas também ao que acabava de ouvir. A carrinha, que ficara estacionada ao sol durante todo o almoço, fervia como uma panela, e o ar condicionado ainda não tinha tido tempo de arrefecer o seu interior. Os assentos queimavam. Com as mãos, Afonso esticou um pouco a máscara e colocou-a à volta da cabeça. Depois, correu um fecho que ficava na parte de trás e ia desde o topo até à nuca. A seguir, ligou o carro e arrancou. Olhei pelo vidro e reparei no ar curioso e meio aflito de um casal de namorados que saía do restaurante. Muito provavelmente, estariam preocupados comigo – uma pobre mulher indefesa, à mercê de um louco, talvez mesmo um assaltante de bancos... Mantive um ar calmo enquanto saíamos do parque, para evitar que alguém gritasse por socorro ou começasse a correr atrás da carrinha, numa tentativa desesperada para me salvar.

Foram três quilómetros de puro gozo e sofrimento. Gozo para mim, sofrimento para ele. Dentro dos outros carros, algumas pessoas riam-se, e outras nem por isso. O condutor de um jipe, que circulava à nossa frente, chegou mesmo a abrandar um pouco para que os dois passageiros de trás e o do lado pudessem contemplar melhor o que se passava com Afonso, que já se imaginava a chegar ao cliente com uma máscara enfiada na cabeça.

– Minha senhora, podemos até ser multados – afirmou, de repente.

Se calhar tinha arranjado um pretexto para poder tirar a máscara. Mas... e se não fosse isso? E se estivesse certo? Iríamos passar por malucos perante a polícia. Fiquei a matutar naquilo.

– Tira a máscara – autorizei.

Afonso não esperou nem um segundo. Desapertou o fecho só com uma mão, deixando a outra no volante, e tirou a máscara apressadamente. Depois, continuou a conduzir, ainda um pouco nervoso. Tinha a pele do rosto vermelha e transpirada. De volta a Coimbra, confessou-me que tinha sido uma experiência daquelas que nunca se esquecem. E agradeceu-me.

Foi na semana seguinte, noutra ida a Aveiro, que decidi masturbá-lo dentro da carrinha. Não sem antes o advertir que um orgasmo era inadmissível e teria consequências muito desagradáveis. Estacionou de frente para o mar, numa pequena praia perto de Mira. O relógio no computador de bordo marcava seis e meia da tarde e, como era terça-feira, havia pouca gente no areal.

Mandei-o baixar as calças e as *boxers*. Desapertou o cinto e baixou a roupa toda de uma vez. Parecia entusiasmado. Talvez demasiado entusiasmado com a ideia. Aproximei do seu sexo a minha mão direita, envolta numa luva esbranquiçada. Reagiu com uma ligeira elevação do pénis, antes mesmo de lhe tocar. Apertei um pouco a base e acariciei o resto, devagar e até à ponta, como se acaricia um animal pequeno. Ficou duro.

Afonso recostou-se no assento e fechou os olhos para sentir melhor. A sua respiração tornava-se cada vez mais forte e irregular. Uma gota de suor atravessava-lhe a testa.

Rodei o meu polegar no líquido transparente que saía da ponta avermelhada, enquanto envolvia o resto do pénis com os outros dedos. Afonso começou a gemer baixinho. Arrepiei-me. Levantei o polegar e descí a mão até aos testículos, para a fazer subir e descer de novo. Quando acelerei os movimentos, descolou um pouco as nádegas do assento para ir ao encontro da minha mão.

Sem deixar de envolver o seu sexo latejante, parei de o masturbar. Mas Afonso não fez o mesmo e prosseguiu sozinho. Movia as ancas e penetrava, com movimentos de vai e vem, o círculo formado pelos meus dedos. Os seus gemidos tornavam-se cada vez mais fortes. Assim como a impossibilidade de parar. Deixou-se ir sem fazer o menor esforço para se conter. Talvez a minha ameaça o excitasse ainda mais. Ou talvez quisesse saber qual seria o castigo que lhe estava reservado. Ejaculou na minha luva.



– Porco! Não ouviste o que eu disse?

– Desculpe, minha senhora. Não consegui controlar-me.

– A sério? Vê a porcaria que fizeste! – gritei.

E esfreguei a luva cheia de esperma por todo o seu rosto. Afonso não reagiu. Virei a palma da mão para mim e vi que continuava suja.

– Vais lamber isto tudo, até a luva ficar como nova. Como nova – insisti.

– Sim, minha senhora – disse, antes de começar a lamber, como um cão, o seu próprio sémen.

No fim, a luva brilhava. Afonso subiu a roupa e conduziu de Mira até Coimbra, sem ousar dirigir-me a palavra. Em frente ao meu prédio, tentou dar-me dois beijos. Era assim que costumávamos despedir-nos.

– Estás parvo? Achas mesmo que eu ia dar dois beijos na tua cara depois do que se passou? Que nojo.

– Não, minha senhora.

– Nunca te esqueças que não passas de um verme nojento. Ainda bem que uso luvas para te tocar.

Agora, vai.

Esta não foi a única vez que tive de castigar Afonso por não conseguir controlar-se. Nas sessões que fazia com ele em minha casa, os acessórios em latex estavam quase sempre presentes. Às vezes, bastava-me enfiar umas luvas e tapar-lhe a boca e o nariz para que ele tivesse um orgasmo. Latex e asfixia eram uma combinação explosiva para os seus sentidos.

– Veste isto – ordenei, num dia que escolhi para almoçarmos em casa.

Atirei para cima da cama do meu quarto um par de luvas, uma *t-shirt* e umas calças, tudo no material fetiche de Afonso – latex – e tudo preto. Ele tirou a roupa que trazia e ficou despido à minha frente. Preparava-se para vestir as outras peças quando decidi humilhá-lo um pouco.

– Espera – disse-lhe. – Agora é que reparei... O que é isso que tens no meio das pernas?

Afonso olhou para o seu pénis, mas não respondeu. Depois, fixou o olhar no chão.

– Tu não consegues satisfazer uma mulher, pois não? Com esse tamanho ridículo é impossível. Tenho a certeza. Vá lá que, pelo menos, serves para elas te baterem – acrescentei, a rir-me.

– Sim, minha senhora. Ainda bem que sirvo para isso – respondeu, sem levantar os olhos.

O pénis de Afonso tinha um tamanho perfeitamente normal. Eu já vira maiores, mas também já vira mais pequenos. A questão é que ridicularizar um homem, atingindo-o em cheio na sua masculinidade, pode ser muito estimulante. Para quem humilha, mas também para quem gosta de ser humilhado. O seu sexo agitava-se e crescia a cada palavra minha.

– Devias ter vergonha de mostrar isso a alguém, seu inútil.

– Sim, minha senhora.

– Agora veste-te. Fazes-me pena.

Afonso começou por calçar as luvas, devagar. Com respeito. Depois, vestiu a *t-shirt* e, finalmente, as calças. Mandei-o juntar as pernas e encostar os braços ao tronco, como se fosse um boneco. O meu boneco. A partir dos ombros, enrolei o seu corpo em várias camadas de película aderente preta. Só até aos joelhos, para não lhe restringir os movimentos. Não queria ter de lhe pegar ao colo para o deitar. Com passos muito pequenos, consegui deslocar-se até à cama. Ajudei-o a alongar-se, de costas. Depois, terminei a mumificação, enrolando a película na parte das pernas que ficara descoberta, assim como à volta dos pés e da cabeça. Com uma tesoura pequena, fiz um furo na zona da boca para que pudesse respirar. Logo a seguir, tapei o buraco com a minha mão, envolta numa luva, até o sentir aflito.

Por uma questão de segurança, e antes de ir preparar o almoço, peguei num pequeno sino metálico que coloquei em cima de um pé de Afonso. Se ele entrasse em pânico, teria apenas de agitar os pés até o sino cair no chão. Apesar de pequeno, o sino produzia um som suficientemente forte para que eu o ouvisse, mesmo que estivesse no ponto mais afastado da casa. Fui para a cozinha e liguei o exaustor.

Quando começava a preparar um molho de carne picada, ouvi o som do sino. Deixei tudo como estava e fui a correr ao quarto, para ver o que se passava. Tudo parecia calmo. Muito calmo.

– Desculpe, minha senhora. Sem querer mexi os pés – disse Afonso, com dificuldade em fazer-se ouvir pelo pequeno orifício na película aderente.

– Conheces a história de Pedro e o Lobo?

– Conheço, minha senhora.

– Então pensa nela quando tiveres vontade de mexer os pés.

– Prometo que vou ter mais cuidado, minha senhora.

Quando o almoço ficou pronto, voltei ao quarto e retirei-lhe toda a película. Ajudei-o a descalçar as luvas e a despir a *t-shirt*. Afonso estava alagado em suor. Ao tirar-lhe as calças, notei que havia uma mancha esbranquiçada e húmida na zona das virilhas.

– Quem é que te deu permissão para te vires? – perguntei.

– Ninguém, minha senhora. Não consegui controlar-me quando me pôs a mão na boca – justificou.

– Devias ter-te controlado. Toma banho, veste-te e vai ter comigo à sala para teres o castigo que mereces – mandei.

Afonso entrou na sala, depois de um duche rápido. Deitei um pouco de massa no meu prato. O cheiro e o aspeto da bolonhesa eram deliciosos. Sentou-se ao meu lado à espera de se servir, mas em vez disso recebeu uma tigela para cão com duas fatias de queijo. Tal como o meu primeiro submisso, era incapaz de comer queijo. Tinha-me falado nessa aversão quando era ainda candidato a submisso e respondera a algumas perguntas que lhe fiz sobre alergias e sobre o que gostava ou não gostava de comer.

Sem protestar nem resistir – até porque sabia que não valeria a pena fazê-lo –, enrolou uma fatia, dobrou-a ao meio e comeu-a sem respirar. Como uma criança esquisita. Não chegou a tocar na segunda porque teve de correr para a casa de banho, onde vomitou o queijo e tudo o que tinha no estômago.

Algumas horas mais tarde, perguntei-lhe se queria um pouco de bolonhesa. Recusou. O resto da tarde, até à noite, passou-a a chá.

Depois de um jantar solitário, deitei-me um pouco no sofá da sala. Afonso preferiu estender-se no chão. Parecia tão indisposto como estava no momento em que engolira o queijo. Sem dar por isso, adormeceu. Exausto e com um travo horrível na boca. Fiquei a olhar para aquele homem estendido no meu tapete. Pensei em todos os outros que me tinham passado pelas mãos e sorri.

# EPÍLOGO

## Dominadora por inteiro

Sorrio muitas vezes. Por já não ser a jovem insegura que aceitou ser submissa apenas para que gostassem dela. Apenas porque não gostava de si própria. A confiança que hoje sinto faz parte de mim. Não vai e volta. Não pode ir e não voltar. É minha. Sei quem sou, quem não devia ter deixado de ser, quem sempre fui: uma dominadora. A confiança que hoje sinto não é uma circunstância, é uma característica. Já não deixo que ninguém decida por mim. Sou eu que dito as regras de um jogo que nunca perco.

Sempre que chicoteio um homem, estou a realizar um sonho que me persegue desde os doze anos. Uma fantasia para a qual nasci e que nasceu comigo. Para muitas pessoas, o BDSM pode ser um escape. Mas não para mim. A dominação é a minha vida. Nada me excita mais do que subjugar um escravo, controlar-lhe o corpo e a mente. É neste mundo que vou continuar a investir, a realizar os meus caprichos, a satisfazer-me. A ser feliz. E é bom saber que na ponta do chicote há sempre alguém disponível, exposto e vulnerável, homens prontos a agradecer cada vergastada, cada castigo. São os meus submissos, os meus objetos. Como se fossem brinquedos.

Por um instante, senti que estava de novo a brincar com o Ken, no tapete azul gasto do sótão dos meus pais. Às vezes, por uma razão ou por outra, ainda sinto isso. Estou a senti-lo agora, que escrevo a parte final destas linhas que contam a minha vida.

Em breve, sairei de casa para me encontrar com um candidato a submisso. Pode ser que me cruze consigo na rua. Pode já ter acontecido. Pareço uma mulher como outra qualquer. Mas não sou. Sou uma dominadora.